

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
N. 82010

Revista da Semana

ANO XLIV -- N.º 20 -- Cr \$ 1,50 em todo o Brasil -- 15 de Maio de 1943

TUNISIA

ALBERTO
LIMA / 943

GEN. ALEXANDER



A GUERRA E A MODA FEMININA

O racionamen-
to nos vestidos
e os cigarros...

De
Maria Luiza



O RACIONAMENTO na Inglaterra, nos Estados Unidos e em todos os países que empregam todas as suas forças para combater o Eixo, é um fato. Lá não se racionam apenas a gasolina e os generos alimentícios, mas tudo; e há uma preocupação especial em torno dos pequenos objetos superfluos que fazem as delicias das elegantes e dos tecidos de luxo. Já não há lá nem seda puras; o tecido da moda é o rayon, que constitui uma combinação de qualquer delas com o algodão — e é esta uma das razões pelas quais o nosso algodão subiu tanto de importância e de preço. Os *clips*, a lapela, colares, pulseiras e outros requintes da elegancia feminina, são feitos de rafia, conchas do mar, colefane e não sei quantas coisas mais, pois o metal é demasiado precioso para que possa ser desperdiçado neles. E' essa aliás, a mais agradável das consequências da guerra, minhas amigas, e as elegantes inglesas ou norte-americanas, que não perderam o *sense of humour* nem passaram a ser menos elegantes por causas mais serias, recebem-na sem se preocupar. Usam vestidos de dois tons, porque é mais barato comprar retalhos; os belos modelos de noite são racionados no comprimento, quando suas donas preferem as saias largas e na largura, quando as saias são longas; as mangas encurtaram e as mulheres jovens de belos hombros racionam o material da blusa tanto quanto possível. Há, porém, algo que, as americanas pelo menos, ainda não racionaram: os cigarros. Continuam fumando tanto quanto antes e jogando fóra as pontas, como nos bons tempos. Sem querer fingir de Sherlock, esta é uma observação facil de fazer-se através das fotografias que nos chegam de Hollywood, pois as estrelas fumam sem piteira, o que lhes permitiria saborear até o fim as pontas dos cigarros, se estes estivessem racionados.

Meu amigo Fialho

Por Herman Lima

Revista
da
Semana

DEVO ao meu velho e querido Alcides Mendes, infatigável amoroso das belas letras e dos sonhos de arte, a despeito de todos os estorvos do meio provinciano que lhe deceparia implacavelmente, como a um teimoso passaro cativo, todos os anseios de vôo — já lá se vai nada menos de um quarto de século andado — o meu primeiro encontro com Fialho d'Almeida. Eça, Flaubert, Antonio Nobre — seriam os deuses prediletos do seu culto íntimo — mas aos três sobrepuja sempre o estilista admirável do *Pais das Uvas*, o incomparável ironista dos *Gatos* e das *Pasquinadas*.

Lembro-me bem da ternura e do encantamento com que Alcides Mendes falava sempre daquelas suas paginas antológicas em que a lingua portuguesa adquire um sentido musical tão alto, um sopro lírico e heroico de tal magia como em ninguém mais é possível deparar igual.

Certas passagens me ficariam mesmo para toda a vida na memória, como esses motivos melódicos de que não podemos mais libertar-nos, uma vez ouvidos, ao jeito de um tema de Paganini ou duma frase de Tchaicowsky.

"Eu bem n'a sinto! Eu bem n'a sinto! apesar das fulgências do céu mal humorado, e da ventania que me apupa, através das frinças das janelas..." "Vê lá como é bom dormir numa barca de pesca, ao clarão da lua cheia, que deixou cair sobre as águas o seu leque de palhetas lambejantes. Embalado a fria princesa das noites estende o braço para apanhar das ondas o leque que lhe foge, cada vez mais para além..."

Ou então este pequeno trecho do *Conto de Natal*: "O cerraceiro morrera pelos campos, e as cumiadas do céu, azues e vastas, refulgiam de estrelas e luar..." que vinte e cinco anos depois, numa noite de Natal na Inglaterra, andando eu a esmo pela estrada do pequenino *village* de Braknell, no condado de Berckshire, adormecido na algidez de Dezembro, entre os campos branquinhos de neve, voltaria a cantar dentro de mim, na mais límpida ressonância das minhas emoções iniciais de Fortaleza.

Não é que me seduzisse apenas a musicalidade do seu estilo, coisa tão fácil de acontecer nos arroubos virginais de quem rabisca as primeiras garatujas em prosa ou verso. Mas, é que, ao lado daquele absorvente ritmo de febre, escandido, ao parecer, no mesmo grau da fabulosa alegoria dos *Ceifeiros* (... "o termómetro subiu a 48 e a 50, e o zangarrei das cigarras, prenuncio do terrível meio dia, a principio disperso, agora multiplica-se num unísono de milhões de gritos roucos") eu achava nele, acima de tudo, a mesma irradiante e obscura simpatia pelos pobres e pelos humildes os despresados e os tímidos, que me punha diante do coração, antes de mais nada, como inelutável motivo literário, as vidas circundantes dos meus pescadores de Mucuripe e das rendeirinhas jaguaribanas.

Como ele, tive, também, a minha calada meninice, "bom estudante sempre, e uma criaturinha triste e sossegada" — e se a vida não me deu, louvado Deus, uma tão confrangida mocidade como a de que nos dá notícias na sua "autobiografia" de *A Esquina* — essencial com certeza a quem procure compreender devidamente a sua obra fragmentaria e dispersa, nem por isso deixei nunca de sentir uma íntima e estranha sintonia sentimental com o criador de tantas paginas primas que não passariam, na sua pungente auto-laceração, de "minuscúlias literárias, obrinhas de fácil curso, pagas aos quinze tostões, Deus sabe quando, e escritas sabe Deus em que disposições de cabeça e de barriga!"

Mal de vagas e remotas injustiças, é que me viria talvez o ferrão dessa fácil filosofia pessimista que me faz esperar sempre o pior, para que de qualquer bem advindo possa extrair a surpresa alegria duma vantagem. O fato é que foi em Fialho que descobri um dia, como numa reminiscência própria, a cabal justificativa dessa minha atitude em face da vida:

"Um domingo, no jardim da Estrela, sendo colegial, vi luzir no chão uma moeda de dois tostões. Baixei-me para apanhá-la, e mal lhe tinha tocado era cuspidito a dois metros, mercê dum pontapé que me pregara (escuso dizer aonde) o popular que a tinha perdido... Acreditarei no que lhes vou dizer sob palavra? Todo o pessimismo do meu caráter e do meu espírito derivam deste pontapé terrivelmente injusto e traçoieiro. Des'que o apanhei, nunca mais pude encarar de face a felicidade, ou a fortuna, que logo, desconfiado, não olhasse para trás, à espera doutro..."

Ao mesmo passo, ninguém mais do que eu alheio áquele tremendo instinto vingador de polemista que faz de tantas de suas paginas rútilas estocadas ou marcas de ferro em brasa na carne do adversário. Nada mais medularmente substancial no meu eu do que o horror que me inspira qualquer desforço pessoal, seja a troco de sapatos ou de letra de fôrma, se trate mesmo do mais gratuito e perverso verrineiro. Mas nem por isso foi menor o prazer que me trouxe, naquelas eras recuadas e alviçareiras, o Fialho das *Pasquinadas*, onde as *boulades* esfusiam muita vez rescendentes ao que a chacota lusitana tem de mais vigor e de mais raça.

Donde é que me vem, pois, essa integral fascinação dum autor com quem apenas uma leve e misteriosa afinidade me ligaria?

Verdadeiramente não sei. O que sei é que Fialho foi assim, na minha inquieta formação literária, um perfeito deslumbramento e a ele ficaria devendo, mais do que a nenhum outro, qualquer coisa que acredito fundamental na estruturação dos meus escritos.

Outros muitos vieram depois e se foram, deixando também na cera plástica a marca de seus dedos; nem ha nenhuma ridícula petulância em dizê-lo, senão uma humilde confissão de reconhecimento: o mesmo Eça, Maupassant, Daudet, Blasco Ibanez (para que negar?), Coelho Netto, Affonso Arinos, outros de hoje e por isso mesmo menos permanentes, alguns mais que apenas bastaria recordar aqui. Mas, de todos, é com espanto que verifico ainda agora, tantos anos depois, relendo os *Gatos*, que a escolha segura de José Lins do Rego, pôs no porte acessível dum volume só — é com espanto que vou achar, ao fim dum intervalo de bem vinte anos de esquecimento, o meu Fialho de 1915 — um Fialho cada vez mais vivo e mais ele mesmo do que nunca, inteiro com os seus neologismos lampejantes, a sua prosa de trote inglês, o seu amor ás belas mulheres, a sua ternura pelos pobrezinhos de Cristo, os seus gritos pagãos pela paisagem do seu Alentejo, o gosto português pela boa surriada, o viril deslumbramento pela doce terra lusitana.

Vejo-o assim capaz de sustentar ainda tanto tempo depois, com o mesmo *saore* vantajoso dos meus primeiros e faceis entusiasmos — a bela *performance* que me fazia bater mais breve o sangue das temporas á succionante virulência daquela estampa a fogo dos *Novilhos* ou me derramava no coração a sutil melancolia da imponderável *Madona do Campo Santo*, d'A *velha* ou da *Princesinha das rosas*.

Ninguém como ele soube seguir mais á risca o preceito que manda seja o assunto que dite o estilo:

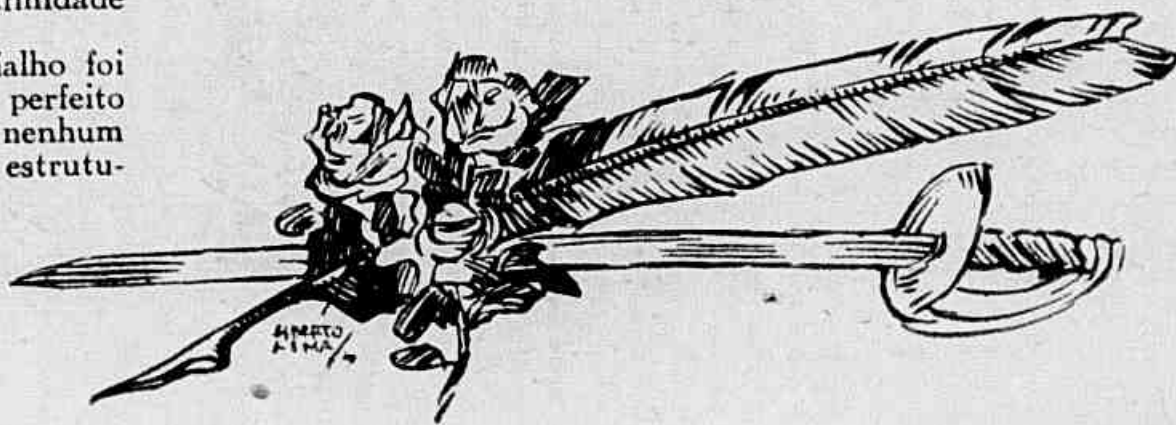
"Ninguém compreende a necessidade que ha d'escrever como se pensa e como se fala, límpido, claro, brutal, simples e certo, veemente ou placido segundo o veio d'água do assunto, precipitado ou espraído, consoante o temperamento emotivo de quem escreve, e sincero sempre, arrancado d'alma, e empregando como Shakespeare diz, para a pior ideia a pior palavra — venho a dizer, a mais cruel, que é quasi sempre a mais pictural e a mais persuasiva".

Sendo assim toda a vida, o homem que ele foi, com todas as suas taras de revolta e de lirismo aldeão, enternecendo-se até as lágrimas diante duma tragédia entre os passarinhos duma arvore — o escritor vive ainda e viverá porque o que ele tinha a dizer saía como um bocado vivo de si mesmo, amassado com o seu sangue, embebido de suas lágrimas ocultas, vibrante do seu riso de camponês transplantado para a estufa das cidades.

Temperamento visual acima de tudo, a palavra tinha, na sua arte, o vigor do buril na mão do aguafortista, abria na placa da intelligencia do leitor mais frio o mesmo vinco de certas gravuras de permanentes sugestões. Quem pode mais esquecer, de fato, o Eça que ele evocou "de face cavada e nariz astuto, com olhos de miope alternadamente coriscantes e doces, boca fina, que sob as asas do bigode, aos cantos se atormenta numa ironia que faz na sua conversa e na sua prosa, um cintilar de espadas em duelo?" Ou aquela espantosa *Carta a D. Carlos I* sangrando fel por todas as letras duma alucinada acrimonia — ou a shakespereana emoção do *Enterro do rei D. Luís*, a rolar como uma torrente de luto e de loucura, pela estrada "difícil, pedregosa, ondulante, ora a estreitar-se entre barreiras, ora a descer tumultuosamente a terrenos de levada e escusos vales, em que se ouvem gorgear as linhas dos barrancos". até a lugubre chegada aos Jeronimos, com o rio que resmunga: "ha nevoeiros que fecham o horizonte, e envolvem numa gaze alvacenta os lampeões; e cada vez mais o céu rebate sobre os tetos, *ventre à terre*, o seu chuvisco fino e enregelado!" E a rainha que segue o cortejo e só ela", só a viuva quer que esse caminho não finde, que essa jornada prossiga, sem acabar jamais, ao vento, á chuva, entre as animalidades quimericas que a imaginação ergue das trevas, entre os soluços da sua alma ulcerada de martírios, entre a agitação dos panicos tumultares, e de todas as grandes ilusões crucificadas e desfeitas daquela sua ultima noite de rainha".

Ha de tudo nesses *Gatos*, do melhor e do pior Fialho, mas sempre duma classe de letras diferente, desde as gaiatas referencias a certo petisco da cozinha portuguesa "faro sabio, fino, verdadeira sinfonia de sabores sempre sublime, embora uma ou outra vez palreira e desinquieta nas regiões infra-diafragmáticas do tubo esmoedor" — á comovida evocação de Maupassant louco, em quem ele não deixaria de ver um companheiro de luta igual, um como tantos que, "sem tempo material para produzir obras pujantes, se atolam como malditos na banalidade da produção a vapor, da produção espontanea sem ranhuras, furiosa, acidental, escrita entre letras protestadas, para fazer com trezentos e sessenta artigos por ano, as setecentas libras necessarias ao prego e — á vida fictícia dos restaurantes e dos cafés".

Grande e doloroso Fialho! De toda essa tragédia findada num tiro ao coração ficaria o consolo de ter firmado, na lingua portuguesa, algumas paginas imperecedouras como a dor, a graça, a beleza que ele teve sempre por fiel companhia e dele fizeram um "homem", na acepção de Rudyard Kipling e um criador de arte, brutal muita vez, sem duvida, um escritor "de blocos, de arrancos, de intermitências", como acentua José Lins do Rego — mas nem por isso menos vivo, agora que volta a surgir para muitos como uma luminosa surpresa e para tantos mais, como é o meu caso, com toda a alvoroçada alegria dum velho amigo que não mudou, apesar dos anos e da vida.

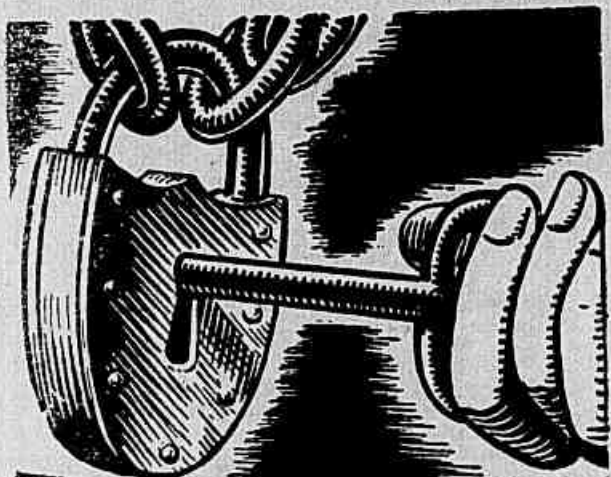


DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.



LAXOLAGAR

GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO

EM CIRCULAÇÃO O 5.º NUMERO DE "LEITURA"

Já se encontra em circulação o 5.º numero de "LEITURA" revista de crítica e informação bibliográfica dirigida por Dioclecio D. Duarte e Raul de Góes, e secretariada por Melo Lima. Colaboração de Carlos Drummond de Andrade, Dinah Silveira de Queiroz, Rubem Braga, Hermes Lima, Guilherme Figueiredo, José Maria Belo, Abguar Bastos, Vinicius de Moraes, Raul de Góes, Caio de Freitas, Joel Silveira, Dalcídio Jurandir, Dias da Costa, Dioclecio D. Duarte, Vera de Gusmão, Josué Montelo, Barbosa Melo, Ascendino Leite, Luís da Camara Cascudo, Osvaldo Alves e Melo Lima.

Além de novas seções e capa em papel couché, esse numero de LEITURA apresenta um condensado de romance, conto, anedotas, notícias, últimas e próximas edições e o mais completo registro bibliográfico organizado por Aureo Ottoni.

A venda nas bancas de jornais pelo preço habitual de 50 centavos.

Desprende, joga
ou cai a sua

DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para polvilhar as dentaduras postiças, conserva-as com maior firmeza na boca. Assim elas não desarticulam, não jogam e não caem. FIXODENT não deixa nenhuma sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; Seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; Seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; Seis meses — Cr. \$ 90,00
O numero avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr. \$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

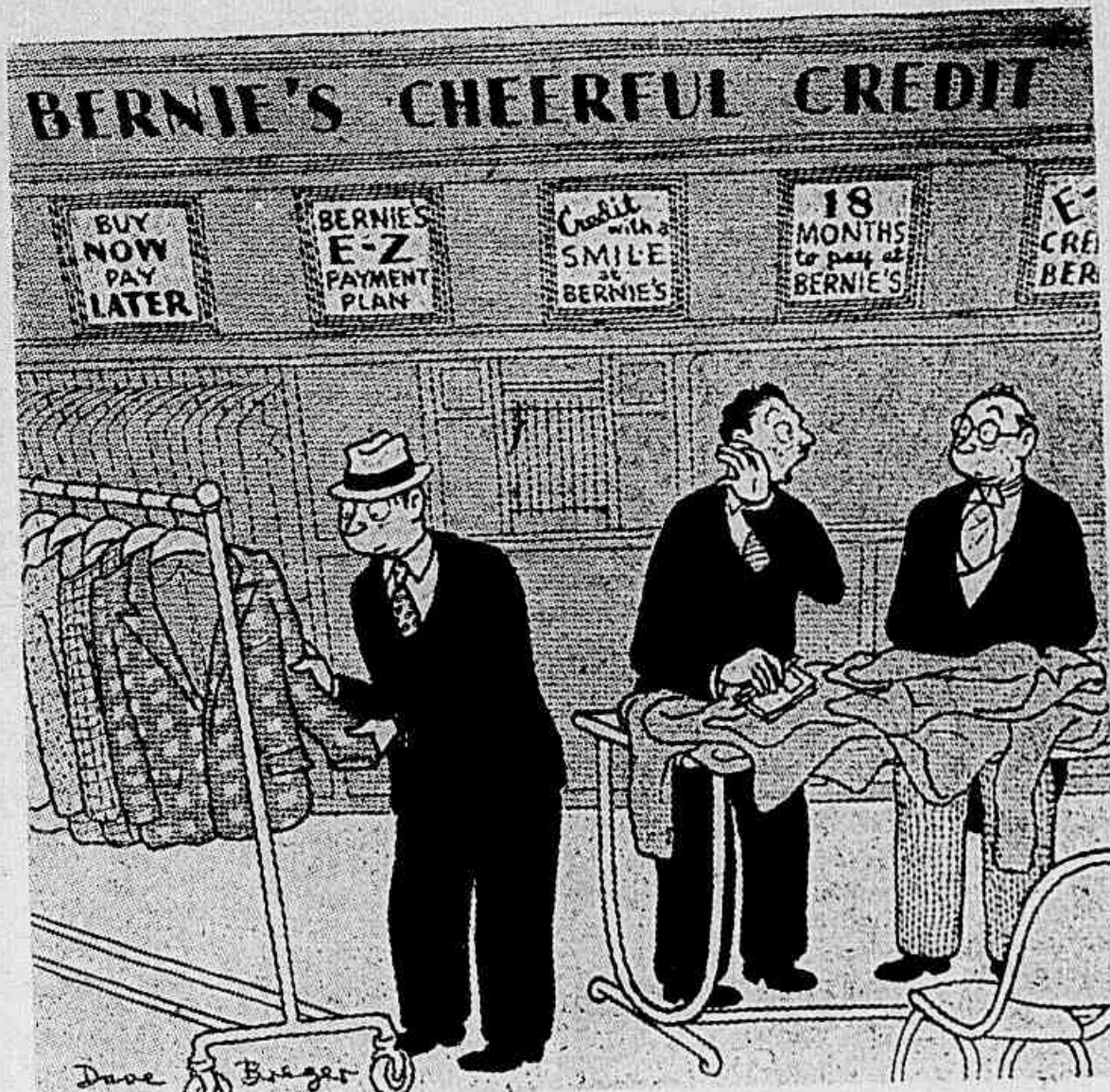
Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
Este numero consta de 52 páginas

Outros riram...



O Caixeiro do Crediario — Que é que eu vou fazer? Ele quer pagar á vista!



A esposa — Faça o que você tem de fazer, Chiquinho! Você deveria ter vergonha de pedir a seu pai para trabalhar por você.

A nossa capa

O ilustre militar que figura hoje na capa de nossa REVISTA é o General inglês Hon. Sir Harold Alexander, autor do famoso despacho telegráfico ao Premier britânico:

"Sir — As ordens que me destina a 15 de agosto de 1942 foram cumpridas. Os inimigos de Sua Majestade, com armas e bagagens, foram completamente eliminados do Egito, da Cirenaica, da Líbia e da Tripolitania. Aguardo agora novas instruções."

Tal comunicação laconica e heroica foi recebida pelo senhor Winston Churchill que rendeu uma homenagem especial a este grande soldado, na ocasião de ler o seu telegrama perante o Parlamento, reunido na sessão de 11 de fevereiro deste ano.

BANCO DO COMERCIO S. A.

Temos sobre a mesa o relatório apresentado aos acionistas pela diretoria do BANCO DO COMERCIO S. A. referente ao exercício de 1942.

Da leitura a que procedemos tivemos a satisfação de concluir que é sempre mais prospera a situação do tradicional estabelecimento de credito, que tem como Presidente o eminente patricio Sr. Cincinato Braga e como Diretor Superintendente o jovem industrial e banqueiro Snr. Oswaldo Costa.

Assim, deixamos aqui nossas felicitações não apenas aos acionistas mas também aos diretores de tão prospero estabelecimento.



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para branquear, afinar e refrescar a cutícula.

Depois de aplicar este creme, o rosto serve como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador a vista.

A pele que não respira resseca, torna-se horrivelmente escura. Creme de Alface permite á pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas e asperezas e a tendencia para a pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.



A SEMANA EM REVISTA

PARA ONDE VAMOS — As representações mais comuns do futuro, dessa idade maravilhosa de progresso que todos pressentem, vagamente, para um ano dois mil que ha de vir, — figuram a ordem social sob uma hierarquia de valores em cujos postos mais altos encontram-se os grandes cientistas, os homens reconhecidamente capazes. Nesse ponto estão de acordo todos os fantasistas, os construtores de utopia, desde Julio Verne a Wells e Husley...

Achamos, pois, interessante a notícia veiculada da Inglaterra, falando de um conselho de sábios, prestes a constituir-se. Seria para funcionar apenas durante a guerra, mas — acrescentam os despachos — poderá tomar, depois, um caráter permanente.

Já não é sem tempo que se cogita de tal coisa. Trata-se de uma verdadeira mobilização dos homens de ciência do mundo inteiro.

A influência deste conselho será, por certo; bem grande, no mundo porvindouro.

Até aqui a política tem sido mais uma arte do que uma ciência. Os problemas são resolvidos habilmente e não cientificamente. A humanidade chegou à beira de muitos abismos, por causa desse critério empírico de regular a sua vida. O conselho desempenhará um papel informativo e creador. Com os recursos cada vez mais amplos da ciência, os sábios estarão em condições de prestar quaisquer informações, dentro de todos os terrenos da ciência, aos homens e aos povos que as desejarem. Outro-sim, colaborarão com os governos, apontando-lhes as soluções para todos os dramas que se esboçarem. Os fenômenos gerais serão, por assim dizer, controlados pelas autoridades estatais. Com isso, as estruturas políticas sofrerão transformações apreciáveis. A própria democracia terá de transformar-se, pois, uma vez ouvida a palavra dos magos — para que ouvir a dos outros, dos homens simples? Mas não temos nenhum pretensão de profetizar; não pertencemos ao conselho...

ELE ESTA' FELIZ — O naufragio, ainda que encerre algumas possibilidades de emoções fortes, a seu eventual protagonista, é uma aventura que não seduz a ninguém. Agua não tem cabelo. Não é nada agradável a hipótese de uma luta corpo-a-corpo, com um monstro marinho, quando a imensa noite flutua sobre o mar; embora os poetas digam que é doce morrer no mar, cremos que a maior parte dos homens não participa desta crença. E quando o navio começa a afundar, a luta é feia, para salvar a pele. Quando os naufragos têm a sorte de serem recolhidos por outro navio, ou conseguem atingir a costa, muito bem. Entretanto, às vezes, tal coisa não é possível, pelo local em que se verifica o afundamento. Começa, então, uma caminhada errante sobre as ondas, prova a que somente os fortes resistem (os pusilânimes anulam-se ante a solidão e o perigo). Desses cruzeiros forçados, existe uma crônica longa e pitoresca, a partir de Robinson Crusoe.

Até agora o record de permanência forçada no oceano era de 83 dias e pertencia a três homens, dois holandeses e um americano. Agora, conforme os jornais noticiaram, foi recolhido próximo à costa da América do Sul, um chinês que passara 130 dias em pleno mar, numa tosca jangada! Os jornalistas foram encontrá-lo bem alegre, num hospital. Declarou sentir-se feliz. Pudera! Uma vez que a felicidade é uma coisa tão relativa, como não será feliz esse homem que conheceu tantos sofrimentos?

A VIDA SEM AÇUCAR — Desde que a humanidade entrega-se aos caprichos da comparação, o açúcar, de diversas maneiras, aparece ligado à idéia de amor, de felicidade. Nem poderia ser de outro modo. Não nos consta que alguém encontrasse sal, num beijo de mulher; mas açúcar... No próprio *Cantico dos Canticos* fala-se em lábios cheios de mel. Que romântico já não disse, pelo menos uma vez, *minha doce amada, minha doçura*? Na velha sociedade brasileira do ruralismo latifundiário, encontramos uma frase muito carinhosa, muito brasileira, no costume de chamar o próximo: *meu açúcar*. Agora, nas cidades, entre os granfinos é comum a expressão *meu bombonsinho*. Sim, não ha dúvida. E' inegável que o homem sempre buscou no açúcar um recurso para o seu lirismo — ou para sua sensualidade.

Embora não estejamos privados — e até longe disto — do precioso produto, estamos, não obstante, controlados em nossa... sacarosefagia. Procurando evitar um trans-torno maior, o Governo determinou, em boa hora, o racionamento. O carioca, que não perdôa nada, nem mesmo uma vida amarga, começou logo a fazer piadas. Não

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:

Dentro do estomago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio serio e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

...

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

se lembram de um filme intitulado *Uma louca com açúcar*? Pois um sujeito que foi ao cinema recentemente me afirmou que só encontrou a louca! Uma decepção. Nas relações sociais já se tornou um indicio de grande consideração, um presente de açúcar!

Entretanto, que importa tudo isso? Ainda que fiquemos sem açúcar para adoçar o café, jamais faltará de outro, sobre a face da terra, aquele que adoça a existência dos homens... Mesmo porque não será possível racional-lo. Nunca.



O AVO E O NETO — Benditos os povos de cujo seio saem homens capazes de mediunizarem, para a posteridade, os sentimentos, as idéas, os costumes — tudo aquilo que caracteriza, por assim dizer, a alma nacional. Porque uma tradição, ou ainda melhor, uma coesão nacional, só se fortalece quando o povo consegue realizar uma arte própria, uma arte que forneça a fórmula de uma longa vida. Tornemo-nos mais claros. Um povo só se acostuma consigo mesmo, só acredita firmemente nos seus valores, quando se cristaliza de maneira mais ou menos estável — o absoluto seria inadmissível no caso — as suas virtudes e os seus defeitos, as suas belezas e as suas misérias. Neste sentido, que tesouro fabuloso não encontramos em *David Copperfield*? Dir-se-ia a Inglaterra viva, nas páginas de um romance; essa Inglaterra do individualismo, do puritanismo, do comércio, da vida em família, do culto quasi místico por sua magestade, o Rei. Das cidades fabris, cheias de carvão e dos campos verdes, cheios de orvalho. E a prova da fidelidade com que esse livro interpreta a alma e a paisagem inglesas, é o carinho com que os ingleses zelam pela memória do Autor. Em certa rua de Londres deixaram de alterar um trecho de casas porque iria modificar um quadro que Dickens contemplava todas as tardes. Sem dúvida alguma, u'a modalidade de culto capaz de nos fazer inveja por aqui... Dickens chegou mesmo a ganhar uma auréola de personagem quasi irreel, assim como os deuses do Olimpo em relação aos gregos. Eis porque se torna interessante uma comunicação de fonte britânica segundo a qual o tenente Peter C. Dickens, citado recentemente em ordem do dia do Almirantado, é neto do outro Dickens, do velho Dickens, que escreveu um retrato impercível da Inglaterra...

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de vend no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de mãos

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
Série dirigida por
DECORAÇÕES: GIBERT DE PARIS

O uso diário
do
**TRICÓFERO
DE BARRY**
proporciona cabelo
abundante, bello e
chelo de juventude.
Cinco gerações o
têm usado com o
mesmo admira-
vel exito. É
o mais
antigo e
famoso
prepa-
rado de sua classe.

LSK

Navegação a vela

A CONSTRUÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS
DE UMA FROTA DE 1.000 BARCOS

O Export Managers Club of New York acaba de votar a criação de um comitê para investigação das possibilidades do emprego de um maior numero de barcos à vela no comércio inter-americano. Tal iniciativa é devida à sugestão feita, há algum tempo, pelo Sub-secretário do Comércio, Sr. Wayne C. Taylor. Alguns membros do referido clube declararam haverem sido bem sucedidos com o transporte de suas exportações para a América do Sul em barcos à vela. Considerou-se que a única dificuldade residia nos elevados fretes exigidos pelos donos desses barcos. Também o seguro para carga transportada em barcos à vela é muito alto. A taxa é de 10%. E' grande a relutância da parte das companhias de seguros. O comitê já citado será presidido pelo Senhor H. Clark, da E. I. Dupont de Nemours.

Ainda sobre o expediente da navegação à vela, noticia-se nos Estados Unidos que o Governo Americano vai emprender um programa de construção de uma frota de 1.000 barcos. As tripulações serão recrutadas nas Antilhas. A construção será efetuada nos estaleiros da mesma região. Com a aprovação do Presidente Roosevelt, a Reconstruction Finance Corporation já adjudicou fundos para a construção desses barcos à vela. Os agentes da mesma encontram-se em certos portos do Mar das Antilhas, inspecionando os estaleiros que poderão ser utilizados. Estão sendo construídos na República Dominicana seis barcos à vela, com capacidade de 300 a 500 toneladas. Um segundo contrato foi fechado com estaleiros de Cuba. Dentro de pouco tempo, vários estaleiros de países das Antilhas, desde La Guayra, Venezuela, até Tampico, México, estarão construindo mais desses barcos para transporte de café e matérias primas para os Estados Unidos. O emprego de matérias primas na construção desses barcos será insignificante. Serão equipados com motores auxiliares. Acumula-se presentemente em Nova Orleans um estoque de motores Diesel retirados de caminhões abandonados pelas restrições impostas ao seu uso. Os planos atuais limitam a construção desses barcos ao Mar das Antilhas. Os comboios marítimos que fazem presentemente a viagem do Brasil e de outros portos da costa atlântica da América do Sul para os Estados Unidos, descarregarão as mercadorias em determinadas zonas, onde serão tomadas pelos barcos à vela e trazidas para Tampa, em Nova Orleans, e para a área Houston-Galveston.

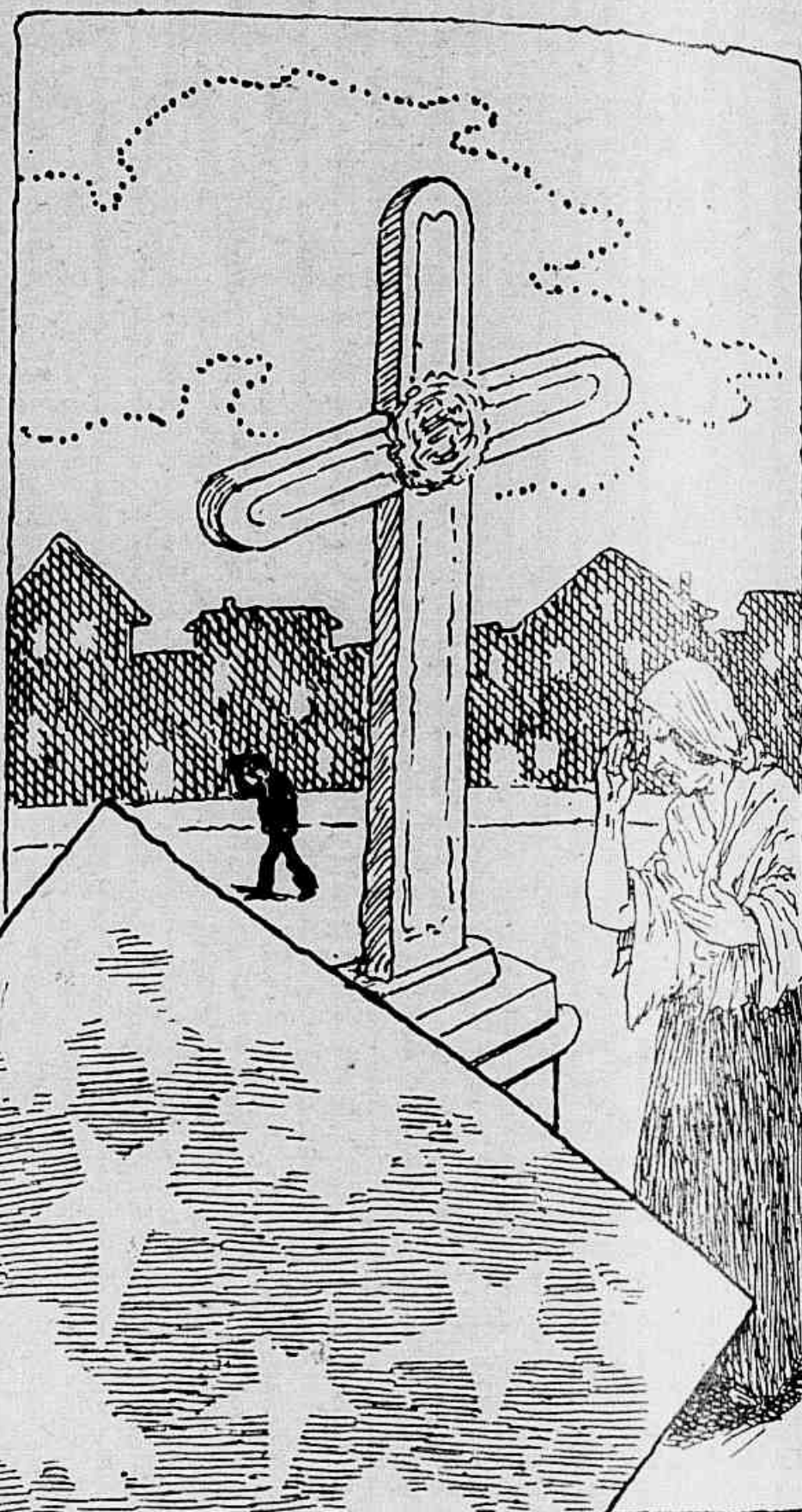
BOM do ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISTRIBUIDORA - ELICORAL

Papete
BANKETS

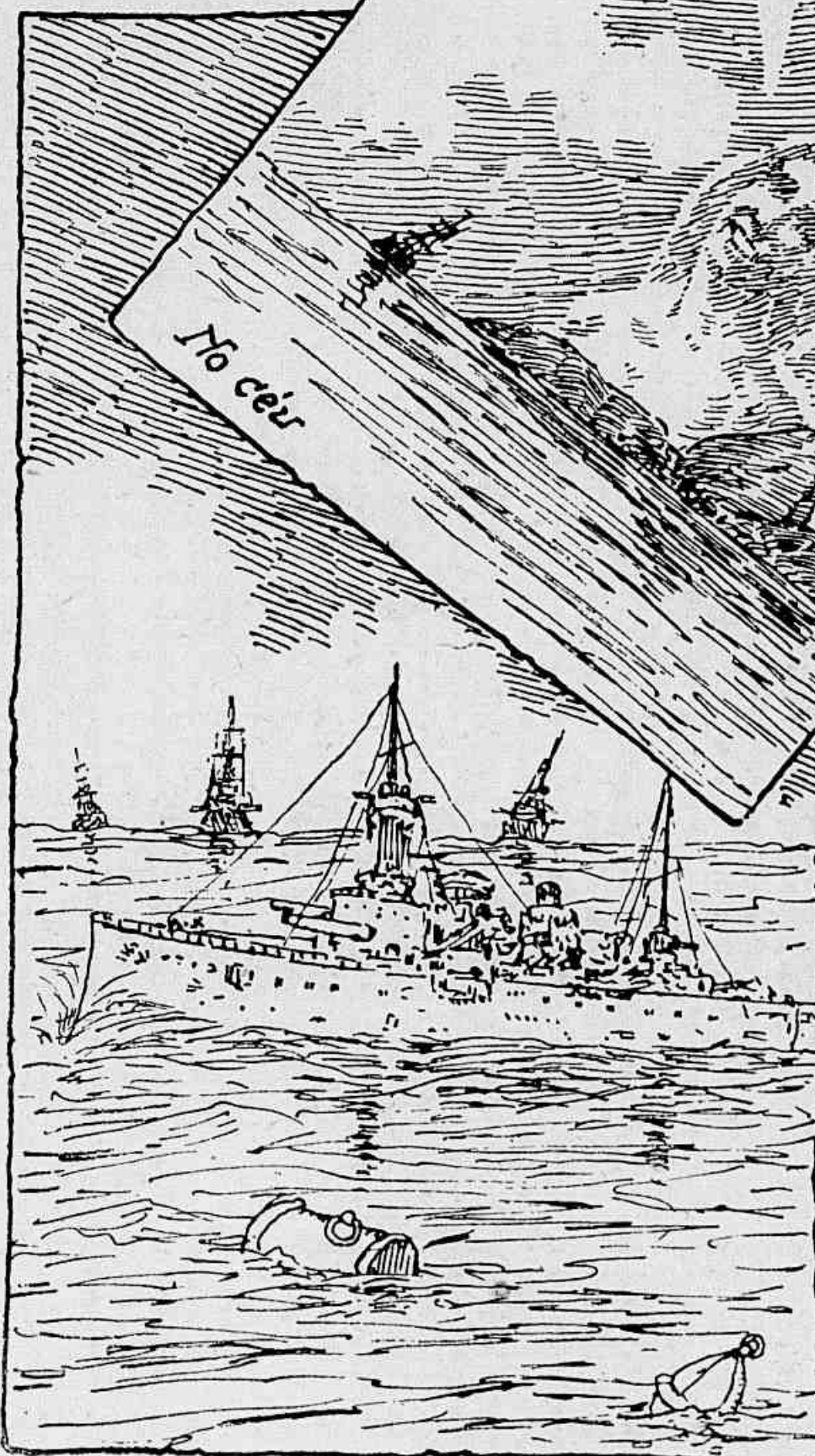
CRUZÊIROS



Na estrada



Na praça



No mar



No bolso...

O RIO QUENTE

conto do escritor norte-americano ERSKINE CALDWELL

O homem parou o carro junto á ponte de tábuas e com o braço indicou-me a casa, do outro lado do rio. Paguei-lhe o quarto de dólar que ele pedira para me trazer da estação até ali, e dissemo-nos adeus. O cavalo deu volta, afastou-se a carriola; e eu fiquei sózinho sob a frescura da noite que caía, diante das luzes que cintilavam no vale e as águas verdes do rio, que corriam a meus pés. Ao redor, já envoltas em penumbra, elevavam-se as montanhas, dando antes a impressão de nuvens; e quasi já se não distinguiam os farrapos de luz vermelha que o sol deixara no horizonte.

A ponte vacilava, estalava sob os meus passos. O ritmo, logo acelerado, da sua oscilação, forçou-me a andar mais depressa. Quando me vi na outra margem, onde o flanco abrupto da montanha parecia escorrer para as águas tépidas, apertei com mais força a boca do meu saco de viagem e desatei a correr.

Quando a areia começou a estralejar debaixo dos meus pés ainda eu ia com medo. Sabia perfeitamente que, com dia claro, poderia percorrer a ponte sem o mais leve receio; áquela hora, porém, em lugar desconhecido, com aquelas montanhas escuras que dominavam o panorama, não me dominava; tremia como uma criança; e sentia saltar-me no peito o coração angustiado.

Encontrei a casa com facilidade e de repente passei a rir de mim mesmo, por haver corrido daquela maneira. Além do mais, se eu não houvesse enxergado a massa clara da habitação, Gretchen me acudiria, simplesmente me chamando. Estava na varanda; ouvi-lhe a doce voz pronunciar o meu nome. E senti-me cheio de vergonha por haver tido medo da montanha e do rio.

Gretchen veio ao meu encontro, correndo pela aléia de cascalho. — Teve medo quando atravessava a ponte? — perguntou ela, um tanto comovida.

Segurava-me o braço com as duas mãos; ia-me guiando em direção á casa. — Creio que sim, Gretchen... — respondi — Consegui, porém, correr mais que o medo.

— Da primeira vez, é sempre assim. Temos a impressão de caminhar sobre uma corda estendida... Exercitei-me muito nessa habilidade quando era criança...

Subimos a escada que dava acesso á varanda. Gretchen conduziu-me á porta de entrada. Alguém trouxera de dentro uma lampada; e achei-me na presença das duas irmãs de Gretchen, que, de pé, me esperavam.

— Esta é Anne... apresentou Gretchen — e esta, Mary.

Dirigi-lhes algumas vagas palavras e entrámos na sala. Em pé, junto á mesa, um homem erguia outra lampada á altura, mais ou menos, do meu rosto, cujas feições, naturalmente, lhe interessavam. Era a primeira vez que eu via o pai de Gretchen.

— Este é meu pai... disse Gretchen. — Estava preocupado, receando que você não encontrasse a casa...

— Quiz até... confirmou ele — descer até á ponte, com a lanterna. Mas Gretchen afirmou-me que o senhor chegaria sem novidade... Não se enganou no caminho?

Apertei-lhe a mão e disse-lhe com que facilidade me orientava no trajeto. — O homem que me trouxe de carro até á ponte indicou-me a casa; depois havia aqui uma luz que me guiava. Se eu a perdesse de vista, com certeza ainda a estas horas estaria lá embaixo em risco de cair ao rio...

O pai de Gretchen riu do meu temor:

— Não seria coisa tão grave assim... A água é quente. No inverno mesmo, quando neva, o rio conserva a temperatura dos recintos em que arde uma lareira. Todos nós adoramos o rio.

— Não, Richard, você não cairia á água, interveio Gretchen, pousando a mão na minha — Eu o vi descer do carro e, se você tomasse uma direção errada, partiria daqui ao seu encontro.

Desejei agradecer-lhe, mas já ela estava na escada convidando-me a acompanhá-la ao andar de cima. Subi os degraus, levando o saco de viagem. Outra lampada nos esperava no patamar. Gretchen empunhou-a e entrou no quarto.

Olhamo-nos um momento, sem dizer palavra.

— Se quiser beber água, aqui a tem na morning. E veja se lhe falta alguma coisa. Creio não ter esquecido nada, mas, enfim...

— Está muito bem, Gretchen. De que mais posso precisar? Basta estar perto de você. O resto...

Encarou-me um instante mas logo baixou os olhos. Ficámos sem ter nada que dizer um ao outro. Quiz significar-lhe a satisfação de me encontrar a seu lado, embora tivesse que partir no dia seguinte... Pareceu-me, porém, melhor deixar isso para depois de descermos. Bem ela sabia o motivo que me trouxera; não havia pressa de mais clara explicação.

— Deixo-lhe a lampada, Richard... disse ela... — Vou esperá-lo em baixo, na varanda. Não se demore.

Não me deu tempo de a acompanhar ao salto da escada. Puz a lampada em cima da mesa de cabeceira e fechei a porta. Lavei o rosto e as mãos enxovalhadas pela poeira negra do trem. Havia num cabide toalhas bordadas á mão. Tirei do saco um lenço limpo e desci.

O pai de Gretchen estava com ela na varanda. Ao ver-me chegar, levantou-se e ofereceu-me uma cadeira entre ele e a filha. Poz a mão bondosamente no meu ombro:

— É a primeira vez que vem ás montanhas? perguntou.

— Realmente, nunca tinha vindo. Sinto tudo aqui tão diferente... O mesmo, sem dúvida, o senhor dirá da beira-mar...

— Papai viveu em Norfolk, não é verdade? — disse Gretchen.

— Sim. Perto de três anos.

— Pareceu hesitar em dizer alguma coisa mais. Esperámos.

— Papai é mecânico... murmurou Gretchen ao meu ouvido. — Trabalha nos armazéns da estrada de ferro.

— É verdade... declarou ele, ao cabo de longo silêncio. — Vivi em muitos lugares... Mas é aqui que desejo morrer.

Tive vontade de lhe perguntar por que motivo ele preferia as montanhas, mas contive-me notando que pai e filha se conservavam em estranho silêncio.

O velho tornou enfim a palavra, mas sem se dirigir a Gretchen nem a mim e como se falasse a uma quarta pessoa que estivesse na varanda e eu não distinguísse na escuridão.

Esprei ansiosamente que ele continuasse. Gretchen aproximou a sua cadeira da minha. A temperatura tépida do rio subia até nós e, na noite fresca, envolvia-nos como um agasalho.

— Quando Gretchen e as minhas outras duas filhas ficaram sem mãe... disse ele, inclinado para a frente, com os cotovelos fincados nos joelhos e como se olhasse para além do rio — voltei para as montanhas. Não podia continuar a viver em Norfolk nem tão pouco suportar Baltimore. Só aqui podia encontrar a calma de que tanto necessitava. Gretchen lembra-se da mãe, mas o senhor não pôde compreender, imaginar o que eu sinto. Minha mulher e eu tínhamos nascido nestas terras. Aqui vivemos; perto de vinte anos. Quando ela nos deixou, parti daqui, contando poder esquecer... Enganava-me. Nenhum homem esquece a mãe de seus filhos, embora convencido de não a tornar a ver...

Gretchen apoiava-se a mim e eu não podia desviar os olhos do seu perfil, desenhado contra a escuridão. O rio, lá em baixo, não fazia o menor barulho, mas o bafo quente que subia nos acusava a sua presença.

O pai, que se inclinara ainda mais na cadeira, fazia como se tentasse enxergar alguém do outro lado do rio, no flanco da montanha oposta. Um reflexo vindo da lampada, lá de dentro lhe clareava os olhos. Caiam-lhe lágrimas, como fragmentos de estrelas, nas mãos tiênuas.

Depois, sem dizer mais nada, ergueu-se para entrar em casa. Quando se deteve um momento junto á porta caiu sobre nós a sua sombra imensa. Voltei-me para o olhar até que atravessou a soleira e desapareceu.

Gretchen aproximou-se mais ainda, com os dedos na palma da minha mão; roçava o rosto no meu ombro, como se quizesse apagar ou enxugar alguma coisa. Extinguiu-se o rumor dos passos do pai; e não ouvimos mais nada.

Algures, lá em baixo, á beira do rio, passou um trem, descendo para o vale num sussurro que parecia rasgar o silêncio da noite. De vez em quando as suas luzes brilhavam, dansavam na treva; e então nos chegaram mais acentuadas os rangidos metálicos da sua passagem.

Quando Gretchen me apertou a mão, senti que a sua tremia até ás pontas dos dedos.

— Richard, por que veio você?

Julguei que ela houvesse erguido o rosto para mim, mas, voltando o meu, verifiquei que olhava para o fundo do vale, para as águas quentes do rio. Gretchen sabia porque eu tinha vindo, mas não queria que eu lh'o dissesse. E a verdade é que eu não sabia, agora, muito bem porque tinha vindo. Gretchen me tinha agradado e eu desejara torná-la minha. Não ousava, porém, declarar-lhe que a amava depois de ter ouvido seu pai falar de amor. E arrependi-me de ter vindo, depois do que aquele homem disse da mãe de Gretchen. Assistia-me a certeza de que Gretchen me daria o seu amor, pois compreendia que para isso eu tinha vindo e realmente me queria bem. Eu, porém, nada tinha para lhe dar em troca. Era bela, belíssima, e durante muito tempo eu ansiava pela posse dos seus encantos. Mas isso era dantes. Agora, estava convencido de que não devia, não podia pensar nela do mesmo modo...

— Por que veio você, Richard?

— Por que?

— Sim, Richard, por que?

Fechei os olhos e tornei a avistar as luzes dansando no vale. Senti o hálito morno do rio e os dedos de Gretchen acariciando-me o braço.

— Richard... Diga-me porque é que veio.

— Não sei, Gretchen.

— Se me quizesse como eu lhe quero... saberia!

Os seus dedos tremiam na minha mão. Como poderia eu duvidar do seu amor? Nunca realmente duvidara...

— Talvez não devesse ter vindo, Gretchen...

— Mas veio para partir já amanhã... Amanhã, de manhã... Lamentará os momentos, tão poucos, tão curtos, que passou a meu lado?

— Não, Gretchen. Nem lamento ter vindo. Mas não devia vir. Não sabia o que fazia. Não tinha tal direito. Só aqueles que amam...

— Mas você me quer um pouco, Richard, não é verdade? Não tanto quanto eu a você... Impossível. Mas diga: um pouquinho só... Depois que você tiver partido isso bastará para me dar alguma felicidade.

— Não sei! respondi, tremendo todo.

— Richard, eu lhe peço, lhe suplico...

Apertei-lhe as mãos entre as minhas. De repente senti-me invadido por uma sensação aguda, que me penetrava como um relampago. Era como se o sentido das palavras do pai me penetrasse como aquela luz veemente. Nunca eu admitira, antes, que houvesse em peito de homem um amor igual áquele de que o velho falara. Julguei que os homens não amassem as mulheres do mesmo modo que as mulheres a eles. Subitamente compreendí que podia não haver entre os dois amores a menor diferença.

Muito tempo assim ficámos sentados, de mãos dadas, sem dizer palavra. Passava já de meia noite; tinham se apagado as luzes do vale; mas pouco importava o tempo...

Gretchen encostava-se a mim cada vez mais, com o rosto erguido para o meu, a face apoiada no meu ombro. Pertencia-me tanto quanto uma mulher pôde pertencer a um homem; e eu não podia deixar de me dizer, a mim mesmo, que partiria no dia seguinte... e que não a amava tanto quanto ela a mim. Não pensara nisso pelo caminho. Percorrera tão longa distancia para apertar a criatura nos meus abraços e depois partir, esquecê-la talvez para sempre...

Quando, por ser tarde de mais, se tornou forçoso voltarmos para dentro de casa, levantei-me, apertei Gretchen nos braços. Um momento os nossos corações bateram juntos.

— Beije-me, Richard... disse ela. — Um beijo só, antes de se ir embora.

Depois, correu para a porta. Tomou a lampada que estava em cima da mesa e foi subindo adiante.

Diante da porta do meu quarto, acendeu a outra lampada e entregou-m'a.

— Boa noite, Gretchen... disse eu.

— Boa noite, Richard.

— Baixe a torcida da lampada, que fumegava. Gretchen atravessou o patamar, encaminhando-se para a porta do seu quarto:

— Eu o chamarei a tempo de ir apanhar o trem, Richard.

— Obrigado, Gretchen. O trem parte da estação ás sete e trinta...

(Continúa na pagina 42)

BANCO INDUSTRIAL BRASILEIRO S. A.

Capital Cr. \$ 10.000.000,00

MATRIZ

Rua General Camara, 71

Fone: 43-8830 — Telegramas: "CASABANCA" — Caixa Postal 785

FILIAIS NO DISTRITO FEDERAL:

BANDEIRA
MADUREIRA
MEIERPraça da Bandeira, 305
Rua Maria Freitas, 13
Rua Frederico Meier, 8Fone: 48-0212
Fone: 29 6606
Fone: 29-5355

FILIAIS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

NITEROI — CAMPOS — PETROPOLIS — BARRA DO PIRAI
CAMBUCI — ITAPERUNA — NOVA IGUAÇU — VOLTA
REDONDA — REZENDE — VASSOURAS

Todas as operações bancárias às melhores taxas

ETERNO MOTIVO, poesia de J. G. de Araujo Jorge. — *Rio de Janeiro, 1943.*

Escusado seria dizer que este motivo eterno é o amor. O sr. Araújo Jorge o anuncia, o exalta, o cultua de todas as maneiras com a palavra lhe pode oferecer. As vezes uma página para a outra deste livro lhe dá expressões inteiramente diversas. Não se contradiz, porém, não incorre sequer em leve incoerência. E' o amor que, sempre o mesmo na essência, varia nas suas manifestações duma época, dum dia ou dum momento. O poeta o traz em si, para o louvar e lhe obedecer como ele, amor, desejo ou ordene. Proclama-o pelo espírito e pelo sentimento; dá-lhe o sangue e os nervos; rende-lhe todos os preitos do pensamento e da emotividade. E assim também, para o servir mais de acordo com a inspiração presente, percorre as formas poéticas consagradas e adota outras, fóra dos princípios classicos, de todas as leis da arte — e talvez exclusivamente suas.

Livro sincero e veemente, livro-mocidade, livro-amor. Para se dar bem idéia da natureza profunda e dos diferentes aspectos do seu conteúdo, seria necessário escolher entre as composições de cada gênero ou cada tom a mais claramente significativa — e são ao todo setenta. A condição do espaço nos forçou a separar uma das menores e ao mesmo tempo das que nos produziram mais bela impressão. Intitula-se: *Mãos enlaçadas*.

Teus cinco dedos, entrelaçados
nos meus cinco dedos,
trocando confidências e segredos
num doce enlevo esquecidos...
— são teus cinco sentidos
entrelaçados
nos meus cinco sentidos...

Assim, na sombra, de mãos dadas
 não te sentes sozinha e eu não me sinto só...
 E as nossas mãos unidas,
 enlaçadas,
 parecem nossas vidas
 amarradas,
 num nó...

Nessa hora de silêncio em que juntos ficamos,
tu, cheia de meiguice... eu, cheio de carinho,
e em que nada conversamos,
invade-me a impressão,

— de que a minha alma e a tua, bem baixinho trocam juras de amor, trocam segredos em teus dedos trançados nos meus dedos! e em tua mão perdida em minha mão!

TRINTA E SETE DIAS EM NOVA-YORK, por Adalzira Bittencourt — *Rio de Janeiro, 1943.*

A senhora Adalzira Bittencourt merece bem o qualificativo, modernamente tão empregado e, às vezes, tão mal empregado, de criatura dinâmica. Poucas mulheres, e talvez ainda menos homens, acelerem e espalhem assim a sua atividade. Bacharel em Direito e tendo já exercido ou exercendo ainda o mister de advogado, faz parte, sempre solícita e saliente, de corporações intelectuais como o Instituto Brasileiro de Cultura, a Sociedade de Homens de Letras do Brasil; funda instituições de caridade; mantém dois largos círculos de relações literárias e elegantes, residindo ora no Rio de Janeiro ora em Buenos Aires e dir-se-ia até que nas duas cidades ao mesmo tempo; deu já á lume, entre prosa e verso, oito livros no último dos quais nos anuncia "a publicar" nada menos de dezenove; e a semana passada fez-nos, pela *Noite*, esta revelação formidável: a iniciativa da criação da Academia Feminina de Letras. Pois, senhores: ainda lhe sobra tempo para viajar! Além das idas e vindas entre as duas capitais e duma vasta excursão pela América e pela Europa, talvez em parte imaginária, mas

que nem por isso deixou de lhe valer um volume em castelhano *Llamaradas*, consagrado aos "problemas da guerra", e, lá, durante cinco semanas, em Nova-York, dilatando, multiplicando o tempo, para colher as impressões que formam o presente volume.

Tudo aqui está anotado rápida, freneticamente. As visitas às instituições e aos monumentos; as aproximações de personagens célebres, incluídos, está bem claro, os artistas de cinema; passeios de rua, noites de teatros; panoramas contemplados e um tanto ou quanto pormenorizados de terraços de arranha-céu; a azáfama monumental das fábricas, o espetáculo estonteante dos cais e das estações; a balburdia dos armazéns onde se vende tudo o que se possa imaginar e ainda mais alguma coisa; escolas, hospitais, exposições disto e daquilo, os mais variados gêneros de atrações e divertimentos —



MOVIMENTO

tudo ela apontou no seu canhenho de turista-escritora, em rabisco de lápis como quem tira instantaneos. Tal a natureza e o feito deste livro. Lê-lo é acompanhar a senhora Bittencourt passo a passo, isto é: vertiginosamente.

CIDADÃO DO MUNDO, por Licurgo Costa, prefácio de Valentim F. Bouças — Rio de Janeiro, 1943.

Deste livro, disse o sr. Marcondes Filho que era "uma verdadeira antologia da opinião mundial sobre Getúlio Vargas". E o autor acrescenta: "Quanto a mim, tive apenas a paciência de colecioná-la durante doze anos".

E' um caso de modestia excessiva. O sr. Licurgo Costa não se limitou a reunir e pôr em ordem opiniões alheias — o que, neste volume de vasto formato e de mais de trezentas páginas, já não constituiria tarefa pequena nem de pouco valor. Dá-nos alguns capítulos de biografia sucinta, rápida, mas organizada de maneira a bem definir a figura e a acção, a individualidade e a obra daquele em cujas mãos se encontram, com a plena confiança dos brasileiros, os destinos do B. a. il. Quando a outra interção do presente livro a mesma nota liminar claramente a explica:

“Tive, ao resolver a publicação deste trabalho apenas a idéia de mostrar aos brasileiros, numa obra de conjunto, a projecção mundial do Presidente Getúlio Vargas. Logo após a vitória do movimento de Outubro, comecei a colecionar na redacção do jornal que então secretariava, tudo o que se dizia no estrangeiro sobre o chefe da Revolução Brasileira.

As opiniões de fora, decantadas pela distância, deveriam ser menos perturbadas pelas razões do interesse ou pelos motivos de ordem partidária. E de fato assim o são, em geral. Com o decorrer do tempo foram avultando nas Américas e depois no mundo as referências e as opiniões sobre Getúlio Vargas. Juntei centenas de recortes e livros que as contêm. E estou certo de que muita coisa do que se escreveu não chegou às minhas mãos.

Selecionando-as agora, procurei extrair delas apenas o essencial, para que este livro não se tornasse demasiado grande".

AS CONFISSÕES DE MOLL FLANDERS, romance de Daniel Defoe, tradução de Lúcio Cardoso — *Rio de Janeiro — 1943.*



Nada se parece este romance de Daniel Defoe com o seu *Robinson Crusoe* obra das mais famosas da literatura universal, traduzida em todos os idiomas, consagrada por Jean Jacques Rousseau que a pôs, como primeiro livro, nas mãos do seu Emilio, louvada ao extremo por toda a sorte de apreciadores — o que, em verdade, não evitou que o escritor morresse na miséria. Na essência da história de Moll Flanders, figura mixta de cortesã e atriz, casada cinco vezes, uma delas com seu próprio irmão, não se trata de educar a vontade, a paciência, o sentimento da esperança ou qualquer outra virtude humana. É um retrato de acção, em que o indivíduo se militica, e o seu outro procura se a ena, o efeito sen acio al. No devocio, o rem, está a moralidade ou c que o le pa sar, or iso.

Se realmente o autor explorou e desenvolveu o conteúdo de documentos, tais como anotações do punho da própria protagonista, não se sabe muito bem e a rigor pouco importa. A história impressiona, prende e assim cumpre o destino que Daniel Defoe certamente lhe desejou. Moll Flanders, filha duma ladra condenada a degredo perpétuo, foi acabada de criar por uma excelente senhora e depois passou a residir, a título de pupila com uma família rica em que havia dois rapazes. Ao cabo dalgum tempo, o mais velho que devia, pela força das circunstâncias, desposá-la, fê-la casar com o mais moço de veras apaixonado. Morto esse

primeiro marido, concedeu a heroína a sua mãe a outro homem que a trouxe para a América, onde ela veio a saber que casara com seu irmão. Resolveu contar tudo ao marido e, de acordo com ele, embarcou para a Inglaterra. Fez mais três casamentos; quando ficou viúva do quinto esposo e reduzida à miséria, fez-se ladra e, como sua mãe foi degredada. Alguma coisa, porém, conseguiu guardar dos roubos praticados encontrando na prisão um dos ex-maridos, com ele se "recasou". Passaram então os dois a negociar. E voltaram à Inglaterra, para gozar uma velhice socegada e feliz. E assim terminou, a bençoada pelo destino, a vida tumultuosa e tão desditosa duma bela mulher.

J. L.

FRAQUEZA CEREBRAL, DISPEPSIA
NERVOSA, NEURASTENIA,
FALTA DE MEMORIA
E PERDA DE
APETITE.

Neurobio1
O TONICO DO
CEREbro

A' VENDA
EM TODO
O BRASIL

T. TARQUINO

DYSPEPSIA
NERVOSA
NEURASTENIA
FRAQUEZA CEREBRAL
FALTA DE APETITE
DESAPARECEM
CUM O USO
DO
Neurobio1
TONICO DO CEREbro

Será preciso dizer o que se entende por americanismo em letras, depois do que já disseram Henrique Rodó, Arturo Torres, Garcia Godoy? Não, não é. E, só venho citá-los, por isso que esses grandes críticos espano-americanos, — sobretudo, Rodó, que é o maior, — ou, mesmo, aqueles sim- plesmente espanhóis, quando versam literaturas de lingua cervantina da America, sómente aos seus representantes atribuem as virtudes liricas do americanismo, e não incluem nunca — deficiencias, aliás, por nossa cul- pa — um representante de lingua camoniana sequer o no ne de Castro Alves, o maior da lingua portuguesa em nossos tropicos esquecidos. No entanto, se há um espirito literario americano, ou americanismo, ou, ain- da, mundonovismo, como opina Francisco Contreiras (De lá vient qu'on l'ait appelé Americanisme, bien que sa dénomination juste soit "Mondo- novisme". Les Ecrivains Contemporains de L'Amérique Espagnole) se ha- dizia, um americanismo, esse, mais do que em nenhum dos poetas comu- mente apontados como expressões representativas de cada republica sul- americana, em nenhum se denuncia melhor genio plastico da evocação do nosso homem, da nossa natureza, da nossa historia, do que em Castro Alves, o poeta americanista, por excelencia. E Rodó é quem nos ajuda: Pois se "o caracter local duma literatura não ha de buscar-se apenas no tras- lado das cores da natureza fisica", em Castro Alves, além dessas côres, ha toda "a representação das idéias e senti mentos que flutuam no ambien- te duma época e determinam a orientação da marcha duma sociedade hu- mana no sulco deixado por uma tendencia, um culto, uma afeição, uma preocupação qualquer, da consciencia coletiva". E' o retrato espiritual de Castro Alves. Toda a vez que o verso lhe assume feição epica, manté n-se intimamente identificado com o material poetico das proprias fontes nati- vas. Não se desdobra nunca em quixotismo campanudo, muito usual dos resonadores do verbo volante dos moinhos e das nuvens to nadas a Gon- gora. Ademais, se é a seiva pletorica da terra que infunde força, impeto, arranco ao carater panteistico dos poetas da America, se é o instinto de liberdade indomita que lhes impelle o mundo espiritual aos pronunciamen- tos e revoluções, se é a estetica livre da paz que lhes inspira os pan-ame- ricanismos, se é o genio tropical do amor, sensível ou cruel, tragico ou su- blime, sexualista ou idílico, embalador ou despedaçante, que arrulha co- mo pomba, ou rugita como jaguar, nas trovas ou nas odes, nos desafios da viola ou nos arátemas do clarim, em nossos evangelhos de selvas, e ma- res, e céus, e indiadas, e heróis, e libertadores, e bandeirantes, e sertane- jos, e namorados, a modinha, o tango, a tirana, a canção, se tudo isso, do ambiente ensoulheirado em que se plasma, entre a luz e a sombra, entre o ninho e a gruta, entre o pincaro e a savana, entre os vales, as montanhas e os desertos, entre o eterno sono das noites e o despertar infinito dos astros, sensações de abismos, tempestades e pamepeiros, como nos versos de Santos Chocano, um desses condecorados poetas americanista., se é tudo isso, tudo isso está, tudo isso vive, tudo isso fala, e canta, e fulgura na orquestração estelar dos poemas de Castro Alves.

Também, o que ha de mais sutil e fino, de galante e nobre, na poética americanista, não contraria, antes realça pelo contraste, o heroico, o epico, o grandioso, que ha, em Castro Alves e são as características extremadas do estro desse menino, que era "pequeno, mas só fitava os Andes". Inútil, em génios assim, a tentativa de classificações canónicas de escolas literárias.

Era a independencia em febre.

Era a libertação em luta.

Era a renovação em marcha.

Nele se incluem, como se excluem, as quatro correntes estéticas do seu tempo, o romantismo, o parnasianismo (aliás, concurso da America, por via do cubano Heredia), o simbolismo (**O FANTASMA E A CANÇÃO**), o naturalismo (**UMA PAGINA DA ESCOLA REALISTA**).

De tudo ha em sua obra. Mas, sobretudo, ha o americanismo.

De tudo há em sua obra. Mas, sobretudo, há o americanismo. Esse americanismo literário, que os poetas de fala ibérica tomaram a si a empreitada arbitrária de assenheorar-se objetivamente, regionalisticamente, folcloristicamente, do qual, no entanto, sem medo de erro histórico, nem de exagero crítico, foi Castro Alves o verdadeiro precursor. Não importa Juan Maria Gutiérrez. Porque, ao "americanismo de paisagens, tradições e costumes", do homem do seu torrão, Castro Alves juntava, como diz Rodé, o espírito universal do homem do seu século. Ha poetas asiáticos, como ha poetas europeus, como ha poetas americanos. Não pelo paiz onde nascem, mas pela humanidade em que se integram.

Castro Alves é uma dessas forças integrantes da poesia americana, ou americanista, como o queiram, afinal.

Aí está. Compreende-se que Castro Alves escapa, sempre que o lemos, como poeta humano, á craveira comum de poeta do "terroir", poeta do "foyer", ou de circumscripção ambiência, onde a poesia cochicha o metro íntimo das lazeiras regionais. Não. O seu estro rompe as fronteiras construtivas dessa, ou daquela região peculiar. Encarna, além da terra que pisa, os horizontes que sonha. Porque para além desses limites, está a continuidade, o indefinido, o irrevelado da poesia eterna. Não é poesia dos quintalejos em flor. Mas poesia de um povo, de um país, de uma pátria, de um continente. Poesia da humanidade.

Poesia quer dizer criação, repita-se Emerson, que repetia os gregos. Pois, se é preciso, quanto justo, situar Castro Alves, do ponto de vista da criação do pensamento e da arte deste hemisfério ocidental, situemo-lo, não apenas entre os oiteiros patricios, que é um imperativo da critica das origens, mas, tambem, senão, preferentemente, entre os mesmos altos cenários onde planam e volplanam os chamados poetas da America, ao lado de Walt Whitmann (Estados-Unidos) Olegario Andrade (Argentina) Herrera Reissig (Uruguay) Salvador Rueda (Cuba) Asuncion Silva (Colômbia) Ruben Dario (Nicaragua) Gutierrez Nájera, ou Amado Nervo (Mexico) e sobretudo, Santos Chocano (Peru) com quem de mais perto se emparelha o nosso Castro. — Poetas, que tambem falam, como ele, em "condores", mas ninguem lhes chama de "condoreiros", senão de "americanistas", expressão mais exata do que aquela da inspiração infeliz de

ESTE È O CHARUTO VITORIOSO



Av. Rio Branco, 120 — loja 13 — Tel. 42-1346

Bonificação de 30% nas edições da C. E. B., para os estudantes

EDIÇÕES DA C. E. B.

POLITICA CULTURAL PAN-AMERICANA — *Afonso Arinos de Melo Franco* — Cr. \$ 2,00.

UMA CULTURA AMEAÇADA, A LUSO-BRASILEIRA — *Gilberto Freyre*
(2.^a edição) — Cr. \$ 3,00.

O MOVIMENTO MODERNISTA — *Mário de Andrade* — Cr. \$ 3,00.

UMA INTERPRETAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA — *Viana Moog*

Cr. \$ 4,00.

GOZDOS E MAGZOS — José Lins do Rego — Cr. \$ 15,00.

A CINZA DO PURGATORIO — Otto Maria Carpeaux — Cr. \$ 12,
O. H. Norton Cr. \$ 5.00

ATENAS, ROMA E JESUS — *Odilon Nestor* — Cr. \$ 5,00.
HISTORIA DA MUSICA — *Guilherme Figueiredo*

MINIATURA DE HISTORIA DA MUSICA — *Gutierre Figueiredo*
G \$ 12,00

Cr. \$ 12,00.
PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA — Gilberto Freyre

Cr. \$ 12.00

Atendemos a pedidos de nossas edições, pelo Serviço de Rec

bolso Postal.

DEPARTAMENTO CULTURAL DA C. E. B.

Largo da Carioca. II RIO DE JANEIRO

Largo da Carioca, 11

**'PRECISO COMPRAR
JA' UM TUBO
DE
MENTHOLATUM"**



MENTHOLATUM

É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA

RESFRIADOS

UM REMEDIO CASEIRO DE VALOR INCALCULAVEL



NÃO COMBATA os males do estômago *Corrija-os!*

Não adianta castigar seu estômago com purgantes, quando ele precisa de um corretivo que normalize a digestão. Tenha sempre à mão FosteX, que não contém cáusticos nem laxantes.

• Combate acidez • Absorve a fermentação • Elimina gases • Estimula a função biliar • Auxilia o tratamento das úlceras

COMPRIMIDOS
FOSTEX
Fluor de sódio e água

Capistrano de Abreu, que ainda perdura, se bem que, sensivelmente restaurada de seu primitivo ar de ridículo, tão dos nossos hábitos intelectuais de deformação crítica. Mas, poeta americanista, eis o título que convém ao nosso Casiro Alves. Sem nenhum perigo de lhe mudar o título de — o maior poeta brasileiro.

CARLOS CHIACCHIO

ESCRAGNOLLE DORIA

GONÇALVES CRESPO

Em 1846 o Brasil progredia, nele o Rio de Janeiro se avantajando. Na cidade comerciava e agricultava o português Antonio José Gonçalves Crespo, a zelar por um filho que na diferença do segundo nome batismal lhe reproduzia o apelido: chamando-se Antonio Candido Gonçalves Crespo.

"Aos 8 anos entrou o menino num dos primeiros collegios do Rio de Janeiro, diz Rodrigues Cordeiro ao biografar extensamente Gonçalves Crespo, dois anos após a morte dele Cordeiro louvou em Gonçalves Crespo um poeta de primeira agua, que os versos ótimos emparelham com os brilhantes excepcionais.

Cordeiro soube ser útil mantenedor do constante *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* de copiosa coleção. Pena foi que o biografo não indicasse qual o bom collegio carioca frequentado por Gonçalves Crespo. A informação permite o conhecer o desvelo do pai pela educação do filho, notado de passagem que em 1846 o Rio de Janeiro possuía como melhor ou pelo menos mais afamado estabelecimento de instrução secundaria o collegio de Januario Mateus Ferreira onde se instruiu José de Alencar em 1840.

Segundo Rodrigues Cordeiro, teve Gonçalves Crespo "infancia cortada de grandes doenças". O pai, ainda desvelado, mandou-o a Portugal, não só para robu tecel-o como a estudos preparatorios no Porto e em Braga. Em Coimbra completaria Gonçalves Crespo um curso juridico sem embargo de dar curso ao raro talento poetico.

Estude-se a vida de Gonçalves Crespo e se a aproxime da vida do coevo Casimiro de Abreu e não será difficil observar afinidades mutuas. Ambos filhos de portugueses de quédia para a lavoura, ambos filhos de mães brasileiras humildes, ambos debeis e marcados desde cedo por enfermidade sem perdão, ambos cultores de poesia que ficou e de prosa que passou, ambos tirados de patria para residencia maior ou menor em Portugal, ambos neste se recomendando, ambos no verso lembrando primeiros dias no mesmo paiz.

Casimiro deixou *As Primaveras*, Gonçalves Crespo legou *Miniaturas e Nocturnos*, duas obras cinseladas das quais se podem apartar o que se pode chamar os versos do Brasil. Demonstam a participação do poeta quando menino na vida rural brasileira no tempo da escravidão. Nos olhos, na retentiva do poeta ficaram cenas e palavras só Brasil. Tudo engastou em verso o poeta que Portugal chama a si quando os proprios versos de Gonçalves Crespo se opoem á reivindicação de posse, não existente apenas no Direito.

Gonçalves Crespo debuxou a aldeia portuguesa e pintou em viva cor a roça brasileira onde nascera nas proximidades do Rio de Janeiro, diz Xavier Cordeiro. Mas que proximidades?

O pai de Gonçalves Crespo confiava negocios, estes sempre expostos a litigios, a um advogado patricio formado em Coimbra, o dr. Leite Velho, tão estimado na colonia lusitana quão respeitado no fôro carioca. O pai de Gonçalves Crespo ofertára ao dr. Leite Velho um retrato do filho. Em baixo do retrato, a lapis, por letra do presenteado, liam-se as palavras Paula Mattos. Sob o retrato qual a significação de tais palavras escritas de certo não a esmo? A explicação das mesmas, indicativas do bairro visinho de Santa Teresa, é hoje indesvendavel, falecido o dr. Leite Velho. Poderia ele ter esclarecido bastante sobre muita cousa relativa aos Crespos permitindo-nos dizer cousas não ditas, tão agradaveis de lançar a publico na certeza de que outros delas se servirão velando a procedencia informativa. Feio, mas vulgar.

Em Portugal não nos foi dado ocasião de tratar de Gonçalves Crespo com preciosos informantes, lembrados entre eles o conde de Arnoso, o fiel embaixador da gratidão junto a memoria do Fidelissimo e Infelissimo D. Carlos, e José Antonio de Freitas, o maranhense illustre, sem titulo oficial e pelo prestimo e pelo desejo de servir, consul do Brasil em Lisboa. Nossa culpa, nossa culpa, nossa maxima culpa. Estudemos por conta propria. Em muitos de seus versos Gonçalves Crespo quiz panejar a figura da antiga escravidão no Brasil sentida ao vivo pelo poeta por efeito de razões raciais. Assaz o demonstram as cenas que escolheu, os termos que empregou para poetisar nossa antiga vida rural. A dôr precedeu o verso, antes do poeta sentiu o homem.

Gonçalves Crespo, que tanta questão fez de mostrar-se brasileiro a D. Pedro II de visita á Universidade de Coimbra, impregnou seus versos brasileiros de explicavel sensualidade racial expressa em toda a sua obra. Na parte brasileira, na pintura da vida especial de fazenda ou de engenho vive em figura central a Sinhá Moça dando-lhe sequito um mal entrevisto fazendeiro e figuras secundarias, o feitor, o mascate os escravos, crianças, moços e velhos.

A Musa brasileira de Gonçalves Crespo apresenta a Sinhá Moça indolente e propensa pois á cisma, amiga da rêde balouçada por moroso negro, a mucama agitando leque de plumas para refrigerio. Encontra-se a mesma Sinhá Moça pensativa, no templo do terreiro, cercada de mestiças, a moça, ao crepusculo, a ouvir um primo, recémvindo de Portugal e a gabar-lhe as noites daquele paiz.

Em *Ao Meio Dia* surge o senhor do engenho, com imperioso grito a quebrar o sono dentro do qual o feitor minhoto sonha só ternuras, sonhando com a sua aldeia, onde ele se julga junto á mãezinha velha, rodeado pelas jovens do logar, a Margarida, a Rosa a Maria tão diversas das mulheres do cativoiro.

Corporifica-as estas o poeta em *A Negra* cujos dentes alvos e sem falha se aperirolam no entreabrir do sorriso. Da escrava lembra o poeta o corpo vigoroso, elastico, todo nervos, o andar da cativa comparavel ao das onças do sertão, fortes de garras, leves no pisar cruel.

Isola-se a escrava buscando o escuro das matas, ela adorando a lua nivea, a flôr da laranjeira, os cactos alvinitentes. Sente a escrava horror de si, porque tudo quanto lhe apraz recorda o branco (o grifo pertence ao poeta). Por seu mal, a triste viu aquele um dia, ao sol posto, ao sair de verde taquaral.

Diversa da entristecida parceira é a mestiça falada de em torno dez leguas da fazenda. Gonçalves Crespo não observava muita distincção quanto ás palavras fazenda e engenho, fazendeiro e senhor de engenho.

A mestiça de olhar azougado, de lenço de côres cruzado ao côlo, de pingentes

de prata na orelha, a faceira de labios de escarlate, foge afinal com um mascate, desprezando a perdição de amores do feitor. O mascate cantava modinhas ao luar, a sua caixa de ambulante repleta de bugigangas. Dai um dia o vasio da mucama na senzala escura.

Na sua poesia, nem sempre esmaltada de palavras lusitanas, Gonçalves Crespo considera o periodo da mocidade na mestiça e na negra. A ambas quando jovens sóbe pensamento para descer piedade sobre *As Velhas Negras*. Evoca-as de modo tal que se versos pudessem lagrimar as lagrimas cairiam sobre as pobres velhas sentadas longe do batuque enquanto a parceirada moça pula ao redor das fogueiras e das pipas de alcatrão.

Que resta ás inuteis dobradas pela velhice? Recordar. Nelas a recordação não vai muito alem. Que lhes traz a memória? Lembranças da Africa, assim mesmo vagas, lembranças de amores escusos. Vem-lhes á mente o seu passado de mucamas ou torturas de corações maternos ante a venda e dispersão dos filhos. Por isso olham com olhos doridos os pequenotes alterados em pulos no batuque. Deles os progenitores ao entardecer recolhem da mata ou do cafezal quando sôa na estrada e suas voltas o canto do tropeiro de vóz monotona ou magoada.

Nem os versos brasileiros de Gonçalves Crespo esquecem as crias da fazenda, nuas, luzidias, gritalhonas, empoeirando o ar, em celeres carreiras, montados em varas de bambús.

*Folgam ao vél-os os saguis ligeiros
E as araras formosas
Os rubros olhos com temor piscando
E as scintillantes pennas encrespando
Já gritam buliçosas
No abano lustroso dos poleiros.*

No poeta, quanto a Brasil, cumpre reconhecer um fiel e minudente observador. Pelo verso assaz disse de nossa flôra e nossa fauna. Em *A Sêsta*, junto á rêde da Sinhá, cabriola o sagui sobre esteira de côres. Gorgeia o sabiá:

*Emquanto ás portas do curral ondeia
A mugidora fila da boiada.*

Nem olvida o poeta as grandes borboletas pardas perseguidas pelas crianças na varanda ladrilhada, os insétos de brilho no capim rasteiro, tremeluzentes os pirilampos no verde escuro dos campos.

Após a fauna a flora no mimoso, no perfumado, no caracteristico da nossa natureza: o roxo manacá desfolhado á romantica pelas mãos da pálida Sinhá, o ingazeiro em sombra destacada na ramaria, trepadeiras estrelando de cachos a janela da sala de costura por onde

*Passa ás vezes o rosto cobreado
Uma lasciva — parda felicíssima.*

Nas fazendas, nos engenhos de senhores brandos ou rispídos nem tudo era trabalho suado dia a dia compensado o labor exigido por horas ou feriados de folga revigorante. Aquelles feriados, aquelas horas estão nos versos de Gonçalves Crespo. *Ao Meio Dia* testemunha os lazeres concedidos, um escravo aprestando armadilhas, para cativar por sua vez, ao armar cilada ás capivaras, outro escravo mais diligente e industrioso concertando cesto de taquaras.

O fumo das cosinhas da fazenda, em penacho vacilante, rendava o ar até de torre avermelhada partir o badalar de sineta chamando escravatura ao repasto, ela posta em refeição e descanso sob imenso toldo, os escravos conversando na alegria do negro que, segundo Baptista Cepellos ri tão branco, pelos maravilhosos dentes alvos.

Eis conservado em versos evocativos e primorosos, sempre os de Gonçalves Crespo, tudo quanto

em terras de Portugal veio á mente e arte de um poeta pormenisador de vida rural brasileira outrora tão cafesista.

Gonçalves Crespo evocava muito e bem bastantes anos depois de sahir do Brasil. Pedia a Deus chuva de benções sobre a mãe, a choral-o alem dos mares. Era a inesquecível doce velhinha cuja imagem esplendia para que mesmo na distancia velasse o sono do filho saudoso.

Prezava-se Gonçalves Crespo de esculpir o verso, copiosa na sua obra a colheita de belas rimas. Mas a quem lê com o coração depois dos olhos, nada na poesia de Crespo remonta a perfeição emotiva como o soneto em honra materna. Do lado da arte fica o primor de *O Minuete*, do lado do coração o soneto *Alguem*, joias de valor diferente.

Gonçalves Crespo incorporou á nossa literatura um exotismo especial e unico. Antes, em Portugal, voltando alma para o Brasil, Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu escreveram cada qual a sua *Canção do Exílio*, a do nortista muitissimo mais celebrada que a do fluminense.

Castro Alves, em versos abolicionistas quasi epopeisou a escravidão, Gonçalves Crespo cantou a vida intima do cativoiro no Brasil, que o tinha desde colonia. O poeta semi-nosso soube explorar o tema com felicidade rara e fidelidade palpante.

Mais do que lhe prometia do fisico, a força humana, o poeta morreu antes de trinta e oito anos. Não se mostrou nada esquecido do Brasil o Gonçalves Crespo natural do Rio de Janeiro, onde pouco existio, de 1846 a 1860, para deputado português a representar a India onde jamais viveu.



Antonio Candido Gonçalves Crespo

RIO DE JANEIRO 1846 — LISBÔA 1883

Os Ciganos

De *Saboya Ribeiro*
Ilustração de Goulart.

O bando viajava sempre. Uns quarenta, entre homens, mulheres e crianças. Todos montados.

A estrada — antes uma vereda, feita a pata de animal — seguia á sombra das matas densas, ou ao sol, entre arbustos esgalhados, que lhe cresciam ás margens. Já beirando cercas. Já contornando o rio, á meia encosta, através de ribanceiras que se esbarrondavam a miude, erguendo no ar uma fumaça quasi fulva da argila desprendida.

Aqui se interpunham pinguelas, erguidas sobre ribeirões de margens escarpadas, fúidos — e com que perigo transpostas! Vadeava, além, riachos de leitos muito brancos, faiscantes á luz, em fins dagua. Galgava lombadas, colinas, serras.

Muita vez, varava por alguma roça de cacauzeiros, cujas frondes, vergando-se para o chão, fechavam a todo passo o caminho, obrigando os cavaleiros, ao livrarem-se, a acrobacias ágeis dos troncos, que ora se jogavam á direita, ora á esquerda, colando-se ao pescoço, dos animais, ou atirando-se, duramente, por entre as ramagens flexíveis de redor. Alguns homens, ao transporem tufo verde, destroçavam folhas pelo ar com uma vergastada rija de rebenque — a par de brotos, flores, ou mesmo algum fruto, que se projetava, com estrepito, sobre o chão. E, logo esquipando largo, despencavam-se, por ali fora, conjugados com a sua montada, em afoita disparada, enchendo por instantes o ambiente com um tropel seco e forte, que se apagava, ás subitas, adiante, nalguma volta ou trecho tormentoso de solo.

Por sítios escampos, beirando o mato ralo das regiões ribeirinhas, talhava, com frequência, ao pé de grandes penhascos, escavos e arestosos, negrejando.

Ao rentear os grandes blocos, ou, mais vezes, insinuando-se por intervalos estreitos, que se dispunham entre um e outro, a todo momento, as cambas chocavam-se, tirando sons tinidos, que ecoavam intensamente em torno e logo se perdiam.

Os Ciganos venciam a enorme distancia, desde cedo. O dia esfriava. O Capitão houvera, já, escolhido, além do Oricó, a ampla sentada para pouso daquela noite.

Quando eles começaram a subir a recosta, a noite ia fechando em círculos concentricos de sombras crepejantes, que se sucediam, rapidamente, como se invisíveis velários corresse a roda.

No alto, apêaram-se. E viram, então, comovidos, já meio esfumado, sob a luz fosca daquele fim de crepusculo, o casario da vila.

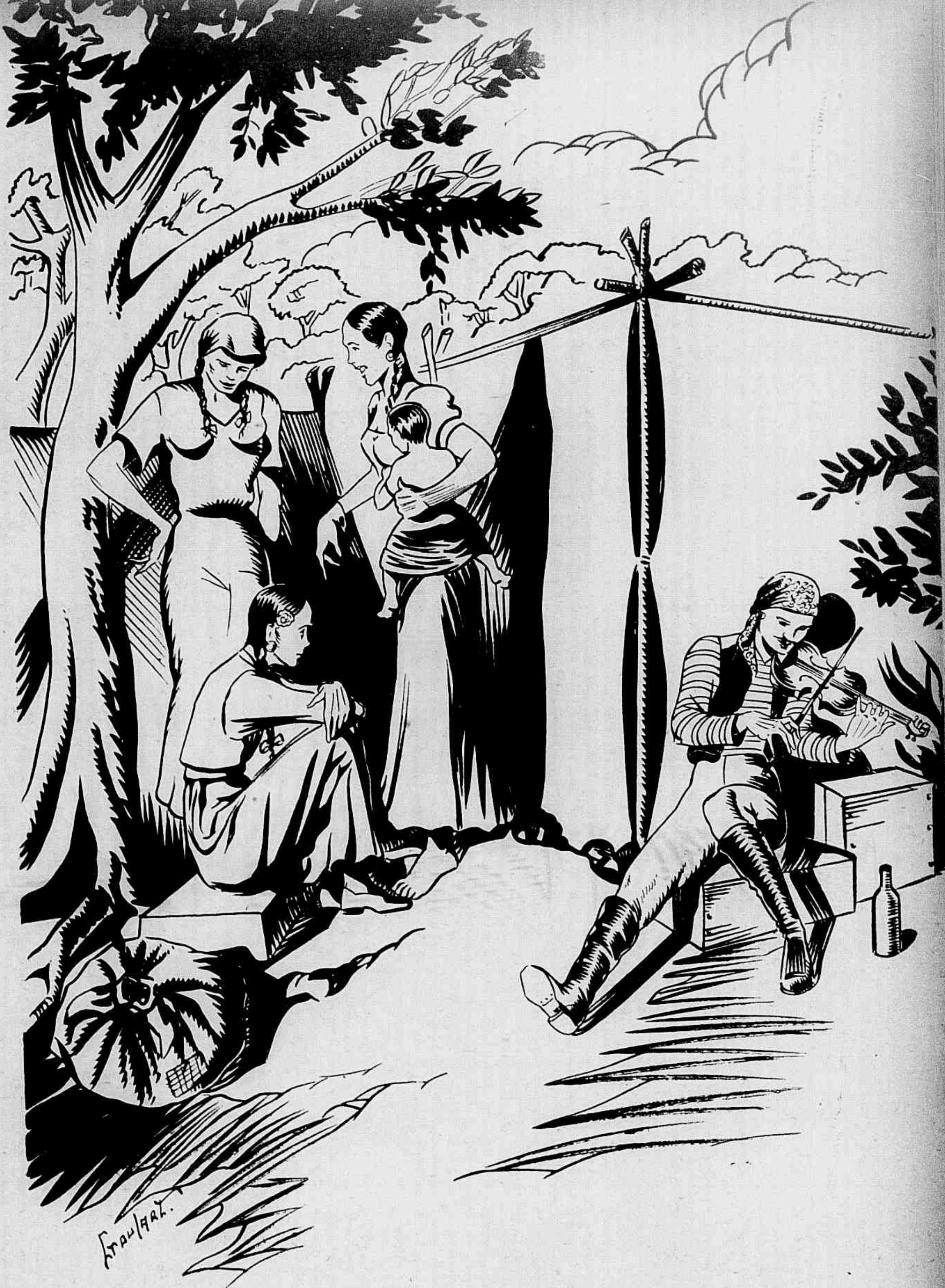
Meia legua só. As primeiras luzes, que se acendiam no céu e na terra. Uma postura do Município, porém, não permitia a entrada de bandos, á noite, nas povoações, e os Ciganos tiveram que parar, ali, contrafeitos, á espera do dia seguinte.

Era uma larga área em chão barrento, duro, plano, varrida eternamente pelos ventos altos, o sítio onde pernottaram.

Morro da Sentinela! Assentava bem o nome.

Em redor, espalhavam-se multiplos acidentados, que eram outros providenciais gasalhados para eles. As grandes pedras abrutadas, os fragosos, alcantilados penedos, que, antes, constringiam o caminho, por toda a parte, agora, ao largo, avizinhandose, conglomerando-se, formavam uma espécie de forte e vasta muralha, com raros hiatos, que eram passagens naturais, permitindo o livre acesso das circunjacencias — áquele mundo verde que se erguia por todos os lados.

As rudes penhas, ensarilhando-se umas com as outras, formavam por vezes vastas locas, onde se comportavam, folgadoamente, duas e três pessoas. E sob um enorme e negro rochedo, maior entre os maiores, proeminando, a certa al-



tura, a geito de colossal bigorna, e indo cair justo, sobre a face a prumo de outro, erguido ao pé, — ai, dentro nesse nicho aspero, albergara-se, inteira, a gente do Capitão, constituída, ao todo, de umas dez pessoas.

Na manhã seguinte, chegou a ordem do Sub-delegado, que era formal. O bando já não podia arredar pé dali, sob pena de punição rigorosa.

E, agora, os Ciganos contemplavam, num mixto de decepção e cobiça, o casario distante.

Não lhes adiantara, nada, a folha corrida, que haviam trazido do último lugar, em que tinham demorado, em negócios, e bem assim uma carta de certo chefe político, prestigioso na zona. Mas, o Capitão não esmorecia, e ia e voltava, sendo que já conseguira da autoridade, um — “vou pensar melhor; volte amanhã”.

O caso não era para menos.

Meses antes, haviam eles passado por ali, e foram tamanhas as traficancias praticadas, que a população, lesada tantas vezes, terminou por ficar de olho com o velhaco bando, e revoltada contra ele.

Um dos ciganos, num dia de feira, tendo passado a perna em um burro, a pretexto de experimentá-lo, fingindo entabolar, com o dono, que se achava presente na vila, um negócio, a respeito do animal, fora-se e não mais tornou. O pobre roceiro teve de gramar a pé umas boas quatro leguas, inconformado com seu prejuizo.

Outro, um tal Pedro Lontra, requintara também numa esperteza grande. E a vítima, quem logo havia de ser a vítima? Fora o próprio filho do Sub-delegado, ao qual havia impingido uma besta ordinária, por um horror de dinheiro — quinhentos mil réis á vista e um relógio Omega e cadeia, todos de ouro. Em poucos dias, porém, ficaram positivados os maiores defeitos do animal, que era, além do mais, decrepito, e cujos dentes, afim de mascarar-lhe a idade, o larrapio havia brocado, de tal geito, que conseguiu fazê-lo passar por novo.

— Veja, só, patrãozinho, dizia Pedro Lontra, e nova, nova! Esta peça é uma

Alvo para os bombardeiros

Os grandes aviões de bombardeio martelam o Eixo, numa cadência que vai-se acelerando à medida que a guerra prossegue. Atingem remotas cidades industriais, voam mesmo sobre os Alpes cheios de pinheiros, carregando as bombas colossais que levam o pânico na sua sibilante trajetória, destruindo as maquinarias e desfalcando a produção.

Planejar e realizar um desses *raids* que envolvem centenas de aviões é uma das mais complicadas operações da guerra moderna. Devido à velocidade dos motores, os movimentos dos bombardeiros devem ser estipulados quase que até em segundos.

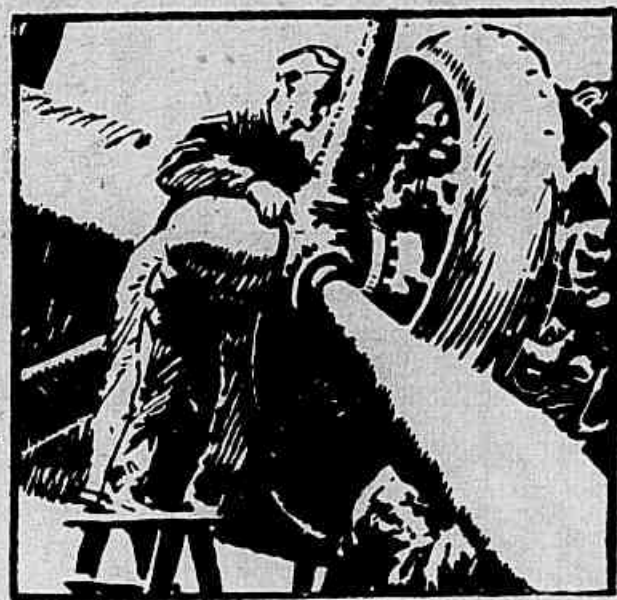
Algumas das muitas coisas que se passam antes e durante um *raid* de bombardeio, os motivos de seleção de objetivos e o resultado que se espera obter são mostrados nos desenhos juntos, preparados por artistas ingleses sob a direção dos serviços britânicos de informações.



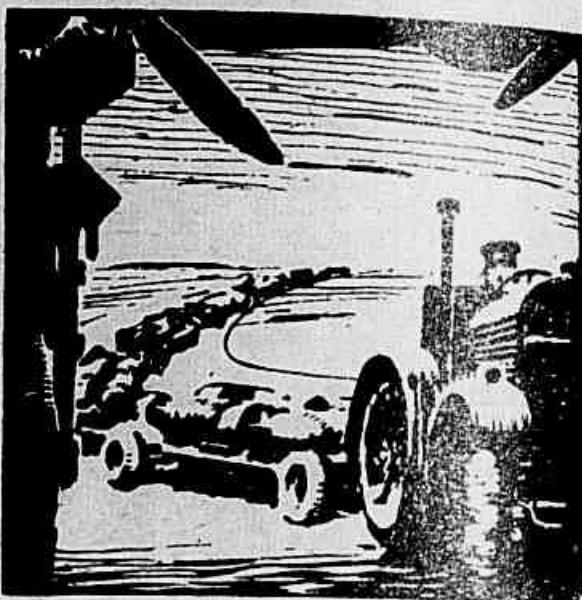
1 A finalidade dos bombardeios num dos centros industriais do Eixo é restringir o material de agressão.



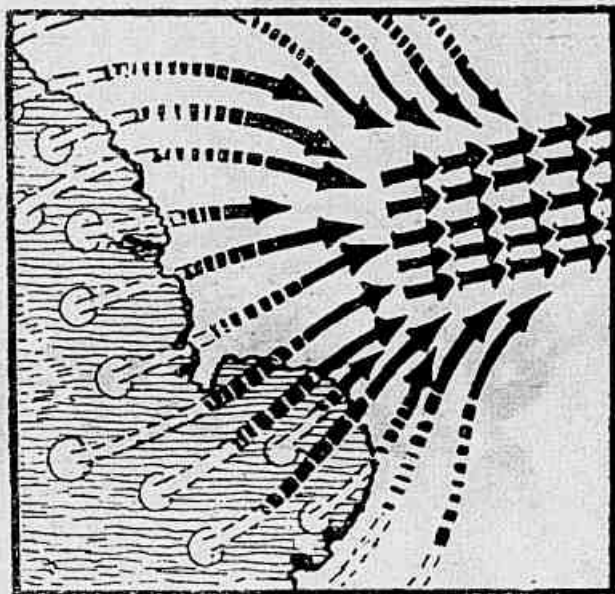
2 Um general alemão numa das frentes da fortaleza europeia de Hitler manda um SOS pedindo mais canhões, tanks e aviões.



7 Milhares de motores são examinados. São necessários 40 homens e mulheres para pôr um bombardeiro em voo.



8 Carregamentos de bombas são levados aos aviões por meio de tratores. Os bombardeiros maiores carregam de 6 a 8 toneladas.



13 Centenas de bombardeiros largam a um tempo determinado de dezenas de aeródromos, para se encontrarem num determinado ponto.



14 À noite, os moradores da costa inglesa ouvem o ronco das máquinas de destruição, quando elas partem para a sua rota.



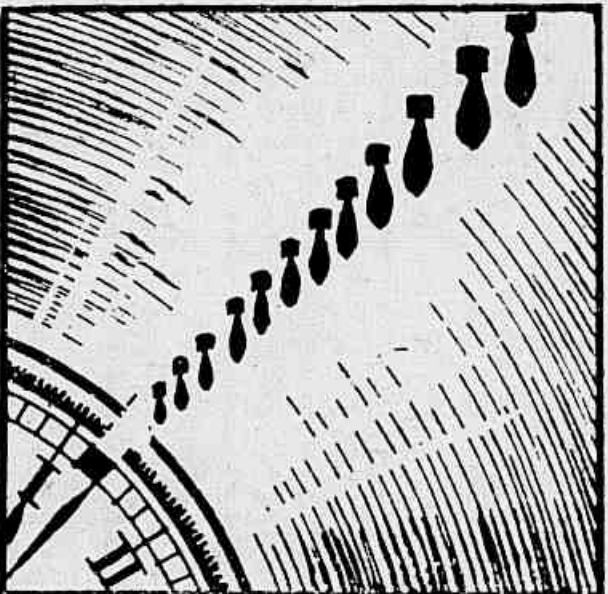
15 Caças ingleses, no intervalo, varrem os céus, para limpar o caminho dos bombardeiros.



16 Caças em voo rasteiro atacam igualmente os aeródromos inimigos, desmantelam as comunicações, destroem as defesas.



21 As defesas inimigas atrapalham-se com a veloz expansão dos incêndios junto à onda de destruição das bombas.



22 2 bombas caem por minuto sobre a cidade industrial. No *raid* de Colonia, caíram 3.000 toneladas de bombas.



23 Os canhões inimigos mantêm o fogo anti-aéreo e centenas de aviões defensivos sobem aos céus.



24 A população civil mete-se nos abrigos sacudidos pelas bombas e devem lembrar a promessa: "Nenhuma bomba cairá sobre nós."



29 Os outros voltam à Inglaterra, achando os aeródromos iluminados e o caminho marcado de luzes.



30 Alguns estão feridos e as ambulâncias, avisadas pelo rádio, estão a postos para os levarem ao hospital mais próximo.



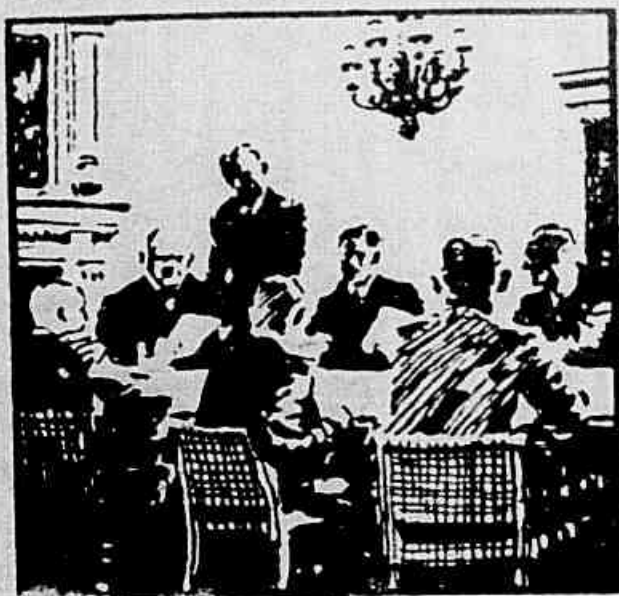
31 Relatórios de um *raid* são importantes. Cada tripulante conta o que viu e onde caíram suas bombas.



32 Do outro lado, os nazistas verificam os estragos. Os incêndios duram muita vez vários dias, sem interrupção.



3 Mas na Inglaterra a Raf, mediante secretas informações, está pronta para anular o apelo angustioso.



4 Quando ha grandes raids em perspectiva, estes são estudados atentamente por todo o gabinete da Guerra.



5 Os quartéis do comando de bombardeiros acham-se escondidos nas florestas. A qui são estudados os planos em detalhe.



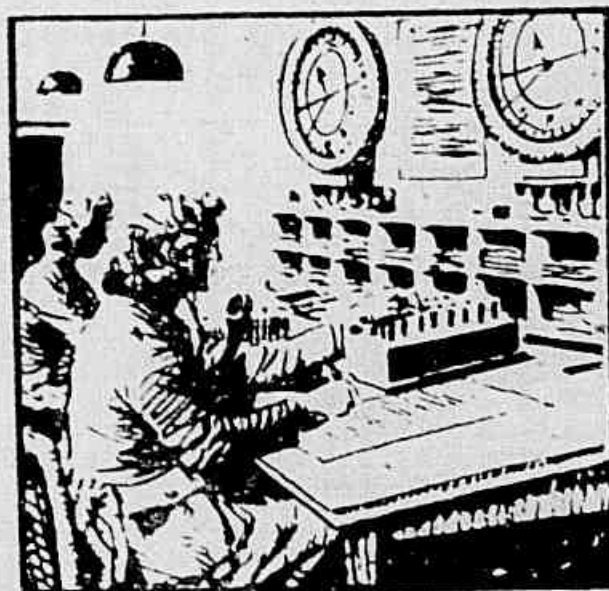
6 Dezenas de aerodromos são avisados e as moças do serviço auxiliar reúnem dados atmosféricos para os aviadores.



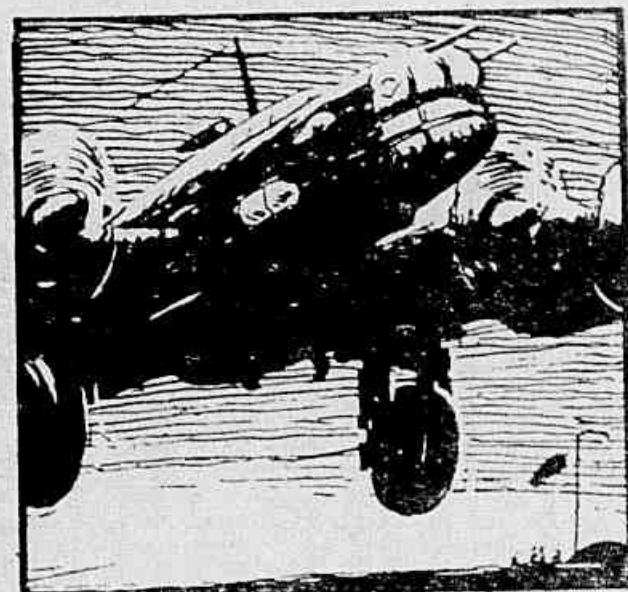
9 Em cada posto, os tripulantes dos bombardeiros vão receber instruções para o próximo raid.



10 Quando o crepusculo desce, os tripulantes—7.000 se não 1.000 aparelhos, entram nos aviões. Um leva a sua mascote.



11 'T. de Tomás. Póde'sair agora'. O radiotelegrafista controla todos os aparelhos, de per si.



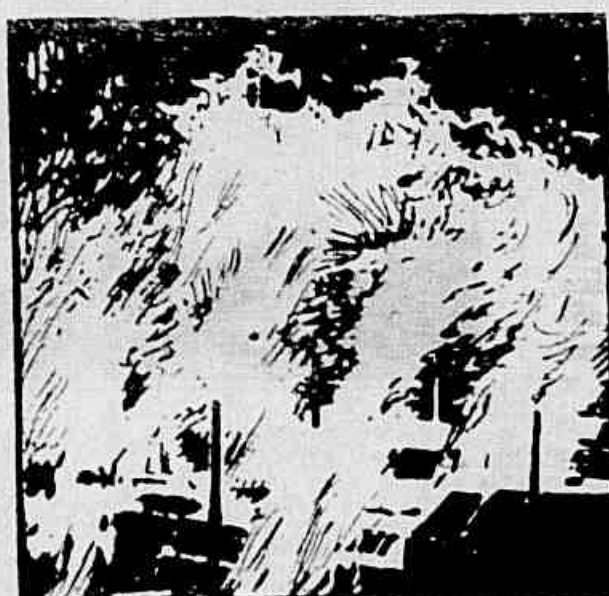
12 Quando ouve o sinal de "Avante", o piloto larga. Um quadrimotor leva 8 tripulantes.



17 As sercas mitem em Nazilandia. O trabalho pára e o povo corre para os abrigos.



18 Refletores varam o céu, buscando aviões e os canhões anti-aéreos tentam espalhar uma barreira de fogo.



19 Imediatamente o primeiro esquadrão chega, lançando apenas bombas incendiarias para aclararem o caminho.



20 Os bombardeiros que se seguem soltam bombas altamente explosivas sobre o alvo militar. Os edificios voam.



25 Tropas dos S. S. são chamadas para impedir o pânico e levantar o moral das populações dizimadas.



26 Um piloto inglês, impossibilitado de atingir o aerodromo, salta com os companheiros, caindo no mar.



27 Atingindo a água, nada para o bote de borracha e fica assim até serem achados por um barco salva-vidas.



28 Poucos dias depois, vão dar um presente às pequenas que lhes prepararam os para-quedas salvadores.



33 E' preciso substituir os canhões e aeroplanos nazistas que foram destruidos, embora eles sejam necessarios noutra parte.



34 Apesar das precauções nazistas, corre de boca em boca a noticia dos danos causados no ultimo raid.



35 Mesmo no "front" os soldados alemães ficam sabendo das pessoas mortas e que as promessas não preservam suas grandes cidades.



36 E no "front" os soldados esperam em vão as armas, as munições e os suprimentos adicionais, que lhes tinham sido prometidos.

DEVOTOS DO DESERTO

De
MARTA TUCKER

A guerra no Oriente Médio despertou nos homens do Ocidente o sentimento do apêlo que lhes dirigia essa região. Durante o último século, grande numero de ingleses sucumbiu à atração da Arábia e, usando as roupas flutuantes dos árabes, vivendo no coração do deserto, padecendo voluntariamente toda a sua dureza, propuseram ao mundo ocidental um dos seus mais fascinantes enigmas. Por que deixaram eles o conforto do Ocidente pelas privações do Oriente, por que abandonaram o século XX para voltar ao XIV?

Todos estes ingleses tiveram três cousas em comum: eram filhos de boas famílias, foram bem educados e todos financeiramente independentes. Agora, quanto aos motivos de suas ações, entram, em geral, em dois grupos: os que buscavam aventuras e a exploração, do desconhecido, e os que procuravam escapar ao sentimento de fracasso, fugir à vida da Inglaterra.

Primeiramente, os ingleses das classes mais altas, em busca de aventura, rumavam para os vastos horizontes do mar; pelo meio do século XIX, no entanto, os mares já tinham descortinado seus segredos e, então, estas almas aventureiras foram arrastadas pelo mistério das vastas e desconhecidas regiões deserticas do Oriente Médio, particularmente a Arábia, com sua cidade sagrada de Méca, vedada aos infieis.

Num século de fronteiras evanescentes, a Arábia é uma das regiões do globo ainda inexploradas, ainda misteriosas. O temido deserto de Rub al Kali só foi atravessado em 1932, quando St. John Philby penetrou-o.

Foi o primeiro europeu a visitar as províncias meridionais do Nedjed, terra natal do rei Ibn Saud.

Outro aventureiro inglês, Charles Doughty, ouviu, em Petra, histórias que falavam de "uma cidade côr de rosa que tinha metade da idade do tempo", dos monumentos rochosos de um povo desconhecido, algures, perto da estrada das peregrinações a Méca e resolveu que seria o primeiro a vê-la. Para isso, aprendeu o árabe adotou o traje árabe e viajou como médico nas caravanas por dois anos. Sofreu fome contínua, sede, frio e estragou a saúde, mas realizou suas intenções e daquela épica jornada saiu o grande livro: **ARABIA DESERTA**.

A peregrinação a Méca, empresa ainda mais difícil e cheia de perigo para um europeu, foi efetuada pelo devoto das terras árabes, Richard Burton, disfarçado em dervish, após praticar os costumes e as cerimônias muçulmanas por dois anos. Queimado pelo sol e crivado de feridas, mas indômito e abraçado pela sede do desconhecido, este brilhante erudito e linguista continuou suas explorações por anos, tornando-se o primeiro europeu a penetrar no Harar.

O segundo grupo desses filhos adotivos da Arábia eram de homens letrados, sensíveis e introspectivos que acharam a vida demasiado difícil na complexa sociedade inglesa onde a tradição dá o molde da vida humana, de sua ação, divertimentos e opiniões, começando pela edu-

cação numa das grandes universidades. E na vida adulta ha uma atividade prescrita para cada estação do ano, e um traje para cada atividade — meias de lã para a Escócia, chapéu preto para Derby e chapéu cinzento para Ascot...

Esses homens fugiram de si mesmos para um povo que tinha modo de vida e pensamento simples, flexíveis e fáceis. Fugiram de um cli-



T. E. Lawrence — o mais famoso dos soldados-escolásticos da Inglaterra, que achou seu trabalho vital nas terras misteriosas da Arábia.

ma frio e úmido, de céus nevoentos e campos verdes para uma região de clima seco e quente, céus azuis e sem nuvens, paisagem pardacenta com linhas de sombra e luz fortemente acusadas. Fugiram dos colarinhos duros e dos chapéus de fôrma para a comodidade das roupas árabes, longas, frouxas e flutuantes; da sociedade para um solitário individualismo, das casas espaçosas

e ricamente decoradas, com todo o seu luxo e responsabilidade, para a sobriedade de uma tenda no deserto ou para as pequenas e brancas casas das cidades árabes, onde a vida é simples, despidida de qualquer formalidade e sem nenhuma escravidão à rotina.

T. E. Lawrence, muito antes que as necessidades políticas da última guerra o arrastassem para os árabes, afim de instigar a revolta árabe contra a Turquia, fôra poderosamente atraído pelas terras de língua árabe, aprendêra a falar, pensar e vestir como os nativos e achava felicidade e alegria entre os mais pobres do povo. Morou nas fragosas colinas da Síria com suas tribus ferozes e primitivas, e, em Port Said com os Egípcios e Nubios que carregam carvão para os navios, e descobriu exaltação numa vida desprovida de tudo que não fosse o essencial à existência.

Houve outros ingleses que, embora também motivados pelo amor da simplicidade na vida, parecem ter sido levados pelo amor ao poder. Tal foi St. John Philby, de longas barbas, o unico europeu a quem foi permitido viver em Méca. Filho de uma família rica, Philby, ardente convertido ao Islamismo, após obter distinções acadêmicas e concluir uma brilhante carreira no Serviço Civil Britânico da Índia e do Oriente Médio, retirou-se a viver na Arábia, tornando-se uma autoridade em sua geografia e geologia e conseguindo grande poder como conselheiro de Ibn Saud.

Muitas mulheres inglesas sentiram também o magnetismo da Arábia. Foram, em geral, mulheres de inteligencia superior e grande força de caráter, igualmente ricas e gosando de projeção social. Sua inquietação e desejo de uma vida mais satisfatória, muitas vezes cristalisaram-se numa trágica história de amor.

A bela, loura e cheia de vida Gertrud Bell, que pôde ser chamada a mãe do Iraq, era uma mulher desta espécie. Grande erudita, tendo sido a primeira mulher a seguir um curso de história moderna em Oxford, tornou-se uma estudiosa das linguas orientais e traduziu peñas persas para o inglês. Quando o diplomata inglês seu noivo morreu ela dedicou sua vida ao estudo da vida e do povo do Oriente Médio.

Realizou, então, uma série de viagens através da Síria, Mesopotâmia e Arábia Central e obteve um conhecimento precioso das personalidades e da politica árabes, que, em 1915-1918, foi de imenso valor para o "Intelligence Service", do qual, então, fazia parte. Este conhecimento especial, contudo, junto à sua inteligencia, resistencia, crenças liberais, capacitou-a a tornar-se a hábil Secretária Política do Governo da Mesopotâmia e a desempenhar importantissimo papel no estabelecimento do reino do Iraq e na coroação do Principe Feisal como rei do Hedjaz. Apaixonadamente devotada ao Iraq, foi a alma do regime de Feisal até sua morte em 1926.

Mas, surge a questão: estes, ingleses teriam permanecido no deserto? Os "gentlemen" aventureiros, pela maior parte, como o Drake e outro antes deles, sentiram o apêlo do lar ao envelhecerem voltaram à Inglaterra para receber as condecorações e honrarias e passar seus ultimos anos nas suas terras verdejantes, entre flores e arvores. As mulheres que deram seu amor ao Oriente Médio permaneceram-lhe fieis até a morte, e Lady Hester Stanhope, que foi coroadá rainha do Libano, e Gertrud Bell, cuja casa é uma reliquia para os habitantes do Iraq, estão sepultadas nas proprias terras que adotaram.

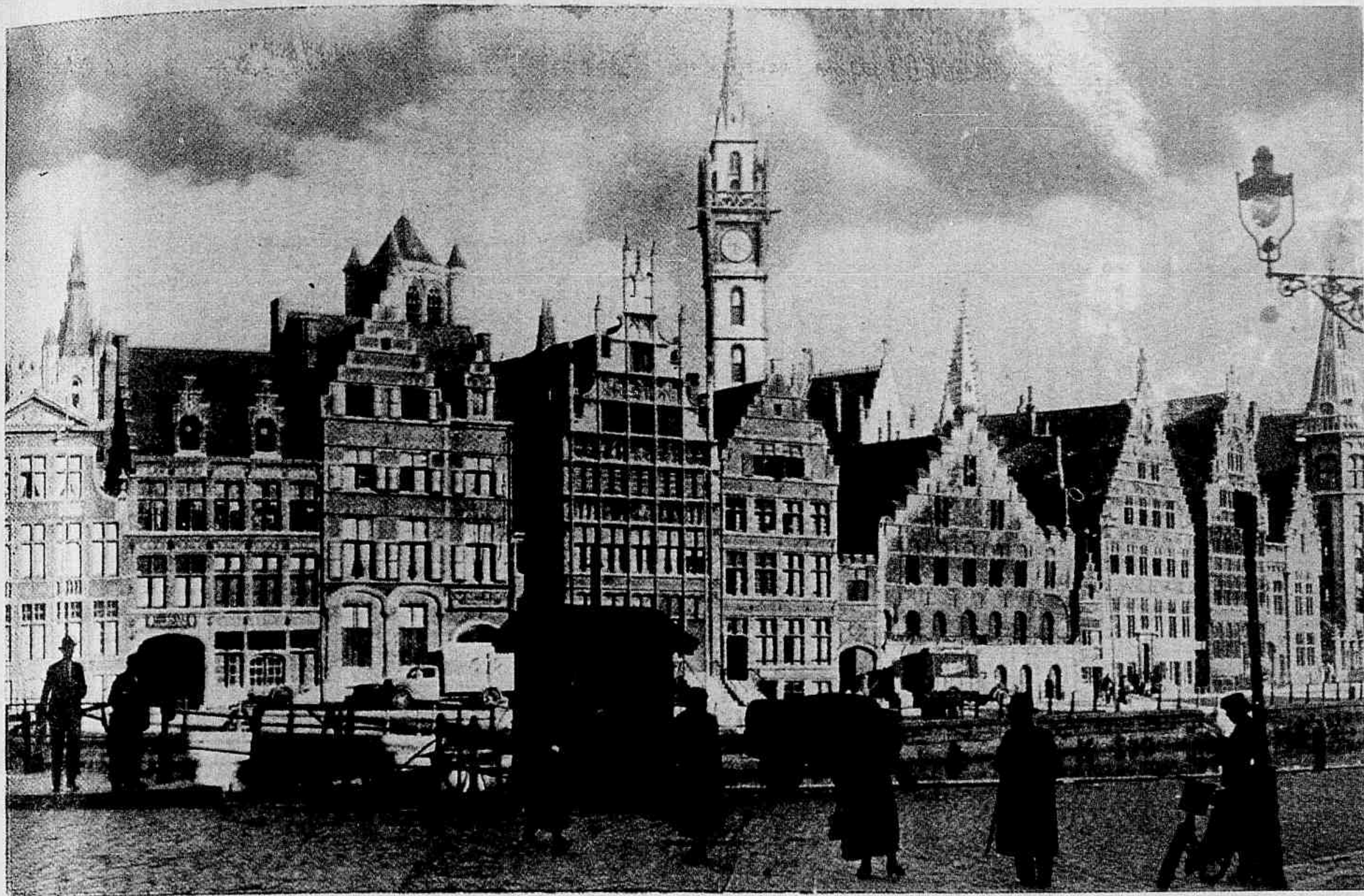
USANDO O
ROUGE E O BATON
La Laque

Suas faces refulgirão, seus labios ficarão maravilhosos com a harmonia dessa feliz combinação, aumentando a fascinação de seu rosto encantador.

Á VENDA EM TODO O BRASIL



T. TARQUINO



A's margens do rio Lys, este trecho de Gand é uma velha estampa que adormeceu no tempo e trouxe à nossa era de prodígios mecânicos e de batalhas inconcebíveis todo o prestígio duma pintura de mestre flamengo, como as que antes da guerra faziam o tesouro dos museus da Europa. Esta fila de casas das antigas corporações é uma pura maravilha gótica que — sabe Deus! — os tremendos bombardeios terão ou não preservado. A Casa dos Pedreiros, erguida em 1530, fica pegada à esquerda do Beffroi, outra joia da arquitetura do século XVI, que parece tealhada com o buril dos ourives do tempo.

TAPETE MAGICO

Mestrovic é um dos três ou quatro maiores escultores contemporâneos, da mesma estirpe de Rodin, Vigeland ou Archipenko. Suas obras têm ao mesmo tempo a grandeza miguelan-gelesca do "Torso de herói" e a doçura de Donatello deste "Archanjo Gabriel". Arte feita de extremos, sacudida por um fremito de vida em potencial que lhe dá os mesmos atributos de eternidade do "David" ou do "Beijo" — é um marco luminoso e definitivo no panorama da escultura desta hora.



A' direita:

Esta linda mulher grega fia a roca, no mesmo jeito milenar de sua antepassada Penelope. Hoje mesmo, enquanto a guerra destroçou cruelmente o seu país imortal, muitas de suas irmãs, no restinho de lar que lhes tenha sido deixado pelo invasor brutal, hão de tecer ainda, entre lágrimas, não mais a teia da astúcia, preservadora de sua inteireza conjugal, mas o fio da esperança no dia da libertação de sua pátria destruída, mas sempre de pé, em face do mundo e da história.



**NOSSA
TERRA**

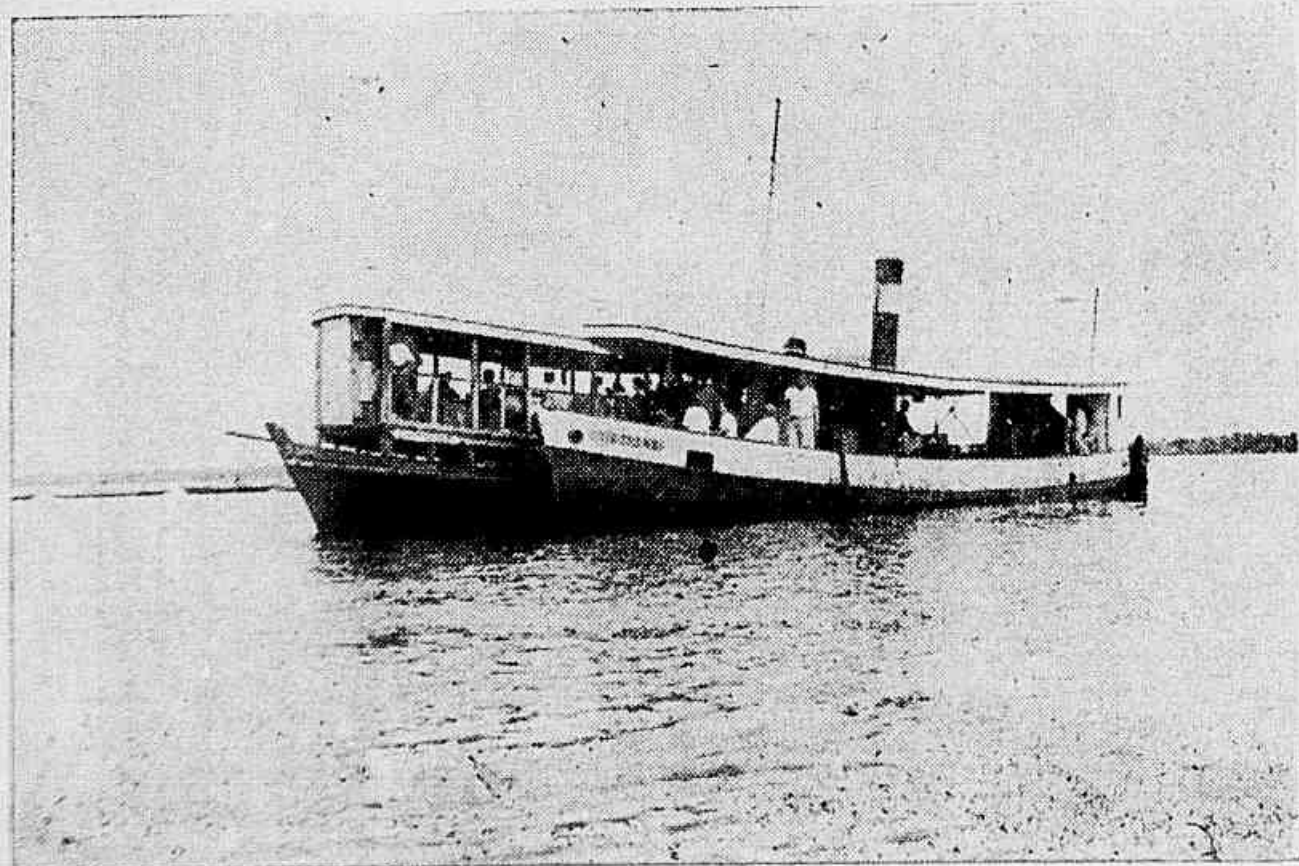
O Eldorado

por Clovis de Gusmão



EM princípios do século XIX, a região amazônica foi olhada pelos naturalistas com o mesmo encanto com que os aventureiros olharam, um dia, as maravilhosas terras do Eldorado. O rico material levado para a França pela pilhagem dos sábios de Napoleão em Lisboa, o deslumbramento de Humboldt e a convicção de La Condamine na existência das Amazonas, aumentavam, ainda mais as nuances de mistério em que por si mesma já se envolvia toda a região do extremo norte brasileiro. Durante séculos, a terra se conservava fechada à luz da ciência. Excepcionalmente, La Condamine conseguira descer de Quito a Belém. Mas, quando Humboldt anunciou a sua intenção de passar-se das colônias espanholas, investigando de uma vez as águas emendadas do Orenoco e do Amazonas, logo o governo português fez constar que se opunha àquela viagem. Humboldt vinha de França. E, como a simples notificação não parecesse bastante aos administradores portugueses, o seu nome foi apreçoado como o de qualquer bandedeiro.

Com Spix e Martius iniciam-se, em realidade, os estudos científicos no vale amazônico. Após o casamento de Pedro I, Maximiliano d'Austria mandara ao Brasil uma equipe de sábios: o botânico Brackburger, o zoólogo Naterer, o professor Mikkan. O Rei da Baviera, Maximiliano José, quis enviar, igualmente, dois representantes do seu país e a escolha recaiu em dois jovens mal saídos da Universidade mas já membros da Academia de Ciências de Munich. Eram eles Spix e Martius. Martius deveria estudar a botânica, Spix, a zoologia. Como era natural, logo o Amazonas haveria de prender a imaginação dos dois estudiosos. E, deixando as zonas mais povoadas do sul, é para a grande selva equatorial que eles se dirigem.



Já nos arredores de Belém, conhece Martius a borracha. Naqueles tempos a colheita do latex ainda não se iniciara pelos altos rios e era à roda de Belém e na região das ilhas, exclusivamente, que se sangrava a seringueira. "E' chamada pelos brasileiros de seringueira porque a principio se faziam com a seiva leitosa somente as bolsas em forma de pera que também são, agora, os objetos mais comuns que aparecem no mercado." O processo é o mesmo atual. Apenas o leite é apanhado nas proximidades do solo em vasilhas de barro. As capas dos soldados da guarnição já são feitas de borracha, informa-nos Martius. Surpreende-o, igualmente, a luminosidade dos insetos. "A luz fosforescente que irradiam os vagalumes supera em seis vezes a luminosidade do nosso vagalume. A quantidade de sapos e rãs supera também qualquer cálculo." "Tudo aqui tem um cunho de fartura e de incuria, que só pode ser explicado pelas riquezas do solo." Ao atingir a região das ilhas, o botânico bavaro surpreende-se do extremo primitivismo geológico. "Nenhuma região da terra pode, como esta, renovar ao viajante o espetáculo da criação do mundo quando surgia das águas. "A coleta do material, farta na natureza, é, porém, limitada quanto ao homem. O índio responde às perguntas dos dois sábios "angustiado e aborrecido como um culpado em interrogatório."

Mesmo assim, consegue Martius uma soma de dados que lhe parece bastante para poder iniciar a sistematização das tribos selvagens. Estuda os idiomas e consegue agrupar os selvagens em vários grupos afins. As observações de Spix na sua subida pelo Solimões são, igualmente, importantes. O zoólogo assiste à dança dos Juris, em três filas, com as mãos sobre os ombros, e vai encontrar entre os Miranhas verdadeiros antropofagos. "O pior é morrer", argumentava um tuxáua em conversa com o naturalista. "Que me importa a mim que me comam, se eu já houver morrido?" "Cumpre-me, entretanto, dizer-vos que vós branco sois muito azedos..." Martius estuda os Mundurucús e os Maués. "Os mundurucús são atualmente uma espécie de espartanos do norte como os Guai-curús o são do sul."

Como as duas tribos vivem em quase promiscuidade e ambas irradiam da zona do Tapajoz, pensa o sabio tratar-se de uma só família. Dos Maués traz até os nossos dias uma pitoresca canção:

*Não quero mulher que tenha
as pernas finas demais
porque pode me enleiar
como se fosse uma cobra.*

*Não quero mulher que tenha
cabelos compridos demais
porque pode me cortar
co se fosse cipó de espinho.*

Os anos que se seguem à viagem de Spix e Martius, apresentam-nos bem mesquinhos resultados. A expedição Langsdorff, financiada pelo governo imperial russo e que, descendo pelo Tietê, deveria percorrer as duas rotas do oeste. — Cuiabá, Arinos, Tapajoz, e Villa Bela, Guaporé, Madeira, — malogra completamente, na parte amazônica. A jornada de Langsdorff era extremamente audaz para aqueles dias. E o afogamento de Adriano Tunay e a loucura do consul russo foram o triste epílogo de tão grande aventura. O livro de Florence, e, principalmente, as suas gravuras preciosíssimas, são tudo o que possuímos daqueles dias. A exploração do Alto Rio Branco e da região limítrofe com a Venezuela não chegou a ser sequer iniciada. Em 1827, Henry Lister Maw inicia a sua viagem de Lima a Belém. Em 1855 W. Schmitt e M. F. Low repetem a façanha.

A Real Sociedade de Geografia, por outro lado, iniciara a exploração adjacente às Guianas. O botânico alemão Poeppig, começando a coleta de material, no Chile, viera terminar a sua jornada no vale amazônico. Igualmente se passara da Bolívia para o Brasil o naturalista D'Orbigny que, na opinião de Roquete Pinto, bem poderia ter sido o fundador da antropologia indígena sul americana. A entrada de D'Orbigny foi rápida e se realizou aí pelas alturas de Vila Bela no Guaporé, em região subamazônica. Mas, dada a importância dos trabalhos de D'Orbigny, convém que ela seja acentuada.

Pode-se dizer que só em meados do século XIX é que a fauna a flora, e o homem amazônico se tornaram realmente conhecidos do mundo sabio. Os trabalhos de Martius e Spix levaram anos a ser classificados e só com Naterer, Castelnau, Wallace e Bates é que se inicia a fase de desenvolvimento real dos estudos sobre o vale amazônico. Naterer foi de todos os naturalistas estrangeiros o que mais se demorou em nosso país. Dezoito anos completos. Aportando aqui ao mesmo tempo que Martius, só retornou à Europa em 1835. As suas coleções atingiram à bagatela de 32 mil insetos, 12 mil aves, 2 mil peixes, e perto de 2 mil anfíbios. Segundo Rodolfo Garcia, no seu estudo sobre as *Expedições científicas*, Naterer teria descoberto 73 espécies novas de mamíferos. Subindo por Mato Grosso e Villa Bela, cortando o velho caminho das monções do ouro, Naterer atingiu o vale do Madeira e aí prosseguiu durante anos os seus estudos. Ter-se-á uma ideia da sua incrível capacidade de trabalho, observa Goeldi, se soubermos que Naterer preparava duas aves por dia e em cada cinco dias um mamífero. Difícil de calcular o número de aves descobertas por esse naturalista. Goeldi as calcula em mais de duascentas espécies ou seja um oitavo do total das aves brasileiras. Da sua longa estada em nosso país, Naterer passou no vale amazônico cinco anos, dois meses e dez dias. Não teve a sorte de publicar o conjunto dos seus trabalhos. Von Pelzeln, seu discípulo, divulgou um seu estudo sobre aves, que Goeldi considerava o mais precioso de quantos havia consultado em matéria de ornitologia amazônica.

A expedição Castelnau, é, pode-se dizer, a primeira exploração em grande estilo no vale amazônico. Homem de ciência na verdadeira acepção da palavra, mas igualmente um arrojado espírito de aventureiro, Castelnau realizou obra de primeira grandeza. Vinha para estudar as comunicações com o Paraguai e levantar um gráfico



dos Naturalistas

ESPECIAL PARA A REVISTA DA SEMANA

Fotos da PANAIR

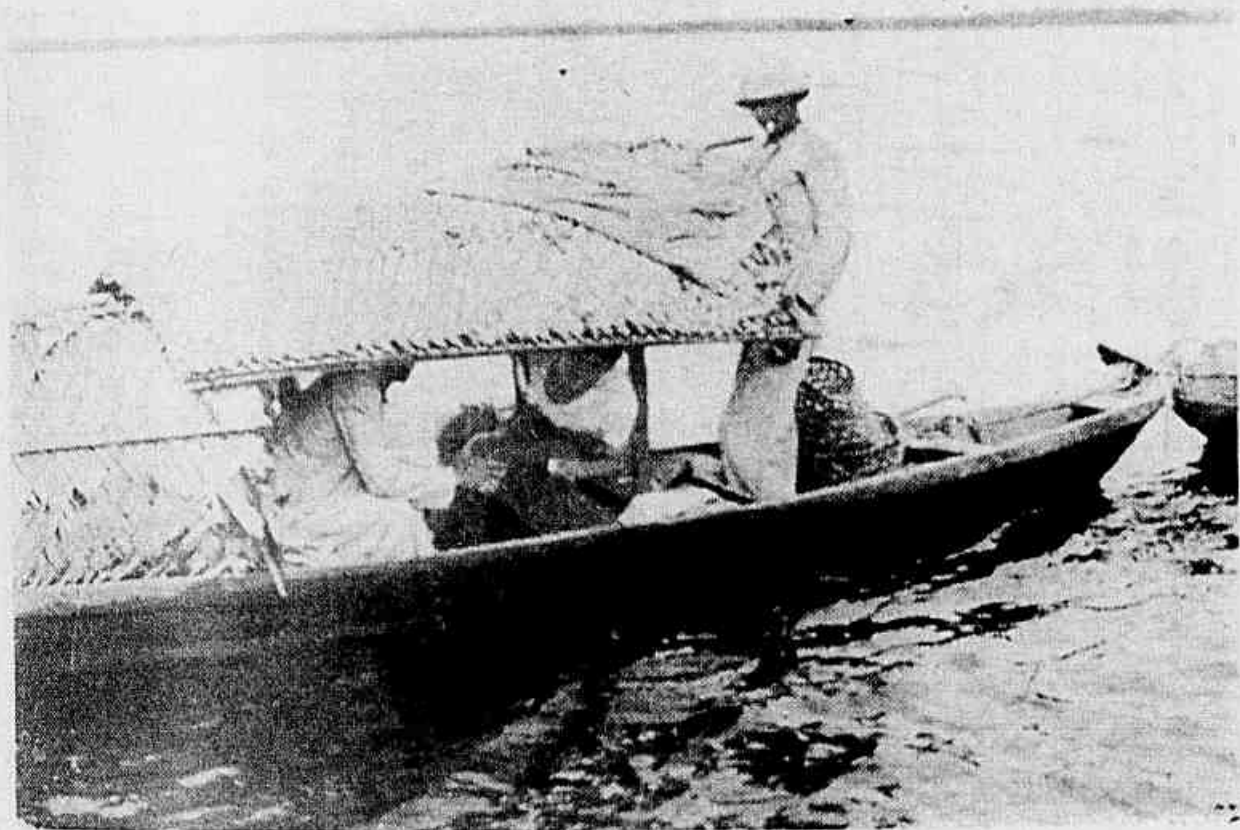
dos produtos exportáveis. Sua primeira jornada seria do Rio de Janeiro a Lima. De Lima é que se passaria à região do leste andino. Para realizar os seus objetivos, trazia Castelnau auxiliares de grande mérito como o botânico Vedel e o mineralogista D'Ossery. Aconselhado pela família, o desenhista da expedição a abandonara antes da partida.

Castelnau deveria fazer também um estudo sobre o equador magnético, dividindo-o em pontos convenientemente espaçados.

A sua expedição era uma expedição real, com bússola e pluviômetros, barômetros e microscópios, cozinhas portáteis e farmácias de campanha, aparelhos para medir a intensidade dos ventos e pólvora, chumbo e balas em quantidades razoáveis.

Attingido o Pacífico, a expedição Castelnau deixara Vedel estudando a região andina e D'Ossery o oriente boliviano. Em companhia de Deville, e depois de transportar o Guaporé, iniciara Castelnau as pesquisas geográficas no planalto central. Sessenta anos antes de Rondon, Castelnau pôde visitar aquele ponto em que nascem, irmãos, rios que fluem para o estuário amazônico e o estuário do Prata.

"A história das viagens foi sempre para mim uma paixão dominante. Criança ainda, os relatos de Cook e Levaillant substituíram em minhas mãos os livros de fadas" diz-nos ele no prefácio do seu livro famoso. E, de fato, ao estudar a sua encantadora obra de viajante, ou ao examinar o roteiro de suas viagens qualquer um pode ver em Castelnau o explorador nato. O seu estudo sobre as comunicações entre Mato Grosso e o vale amazônico, é, ainda hoje, precioso. Depois de subir pelo Arinos,



rumo a Belém e descer pelo Tocantins, cortando a zona dos Chambioás, tão perigosos ainda naqueles dias distantes, estudou Castelnau as comunicações do Paraguai com o Amazonas pelo Madeira, as do Amazonas com o Orenoco, pelo Rio Negro e Cassiquiare, e, a seguir, as passagens rumo ao Essequibo, pelas regiões inundadas do Alto Rio Branco. E, como se vê, um conjunto de aventuras realmente fascinante.

No Tocantins, ao construir um barco, teve, como Orellana, de fabricar pregos de velhas espadas e sabres enferrujados. E no Alto Amazonas pôde verificar, com surpresa, que uma simples rajada de chuva de sessenta minutos poderia ser comparada, em massa d'água, às chuvas que desabavam durante um ano sobre Paris e Roma. Numa visão extremamente lucida, vê Castelnau as grandes riquezas do Peru e da Bolívia cercadas pelo fechamento das águas amazônicas. "As grandes riquezas dos países do Pacífico, ha de escrever mais tarde, acham-se nas áreas de leste. Mas estas riquezas se acham tão fechadas ao comércio como o Paraguai do dr. Francia ou a China dos Mandarins...

Wallace e Bates vêm à Amazonia para colher fatos que solucionassem os grandes problemas teóricos da biologia em meados do século XIX. Estudiosos da origem da vida, os dois naturalistas ambicionavam encontrar no mundo ainda completamente virgem do vale amazônico a trilha que os levasse a um destino. E, enquanto um defende a transformação das espécies, lenta, e com a vitória dos mais aptos, que havia de servir de base à doutrina de Haeckel, outro sonhava obter provas sobre o mimetismo, ou seja a imitação mais ou menos perfeita das espécies bem defendidas. Aportados a Belém, pelos meados de 1848, os dois naturalistas logo se separam. Bates, viverá em nosso país nada menos de onze anos, sendo que sete no Amazonas. Os seus trabalhos são de extraordinário valor. A sua coleta de material na flora e na fauna haveria de atingir pelo menos oito mil espécies completamente novas. Wallace não é tão feliz. O navio em que viajava se incendia e ele perde, de uma vez, todo o seu trabalho de anos. O seu livro de viajante aí está, porém, para atestar a lucidez da sua visão. Com um mixto de pavor e respeito é que ele sobe as águas amazônicas. A pouca variabilidade do clima o surpreende agradavelmente. "Não existe na face da terra, possivelmente, um clima tão uniforme assim". "Mas, diante da natureza em desordem, a nostalgia da pátria distante logo dele se apodera. "Para cada uma destas cenas encontramos outra de igual beleza aqui mesmo em nossa pátria, com o



mesmo vigor, com o mesmo brilho do seu colorido". "Reparai um canteiro de brinços da rainha ou de margaridas no flanco de uma colina coberta de tojos e de giestas, num monte cheio de urzes com suas flores purpúreas ou no azul celeste de uma clareira da floresta atapetada de jasmims silvestres; tudo isto se prestará a uma comparação com qualquer cena dos trópicos". "Nas águas tropicais, as plantas aquáticas não são mais belas que os nossos lírios do vale com as suas flores alvas e amarelas, ou as nossas Íris ou os nossos juncos carregados de flores". "Eu nunca vi coisa mais linda que uma macieira em flor". As variedades de espécies, porém, o surpreendem. Não há florestas como as de carvalhos e faias da Europa. Os vegetais estão isolados uns dos outros. E mesmo para remédio deve alguém palmilhar enormes distâncias até conseguir um determinado espécimen. O número de pássaros o encanta. Entre Belém e a Barra do Rio Negro consegue obter nada menos de dezesseis espécies novas de tucanos, pelo menos trinta de papagaios e periquitos. "Para descrever as incontáveis tribos de insetos que enxameiam nas frondosas florestas do Amazonas são necessários muitos volumes. Em nenhuma parte do mundo há mais variedades e mais beleza, e em parte alguma, senão lá, se encontram espécies maiores ou de cores mais vivas e brilhantes". Os mamíferos, porém, constituem para Wallace uma decepção. Algumas espécies de medíocres veados são os representantes dos grandes rebanhos de búfalos e antílopes da Ásia e da África. O tapir é tudo que ficou das enormes famílias de elefantes e rinocerontes. Deste modo, a grande floresta, com as suas abobadas apropriadas para o ronco dos dinossauros ou os rugidos dos monstros tem de servir de acústica aos gritos inexpressivos de símios...





Marlene Dietrich

Desde que Joseph Sternberg a descobriu, tem enchido a tela duma arte diferente.

Distante, felina, a voz pastosa, os olhos de quem vem de outro planeta, os gestos lentos, ninguém é mais mulher do que ela mesma.

Hollywood andou uns tempos estragando-lhe o cartaz. Afinal, parece que se cansaram de dar-lhe uma marcação errada e a sua cotação vai de novo subindo pouco a pouco.

Nestas fotos, pelo menos, a Marlene dos outros tempos nunca foi mais bonita nem "sophisticated" do que se mostra aqui.



NO CENTRO DO COMBATENTE AMERICANO



Os flagrantes desta pagina foram tomados numa tarde recente, quando o embaixador Jefferson Caffery, as senhoras Mendonça Lima, Regis de Oliveira e Lia do Amaral e a senhorita Regis de Oliveira visitaram o *Service Men Headquarters*. O Centro acha-se instalado á Avenida Rio Branco e está cumprindo de maneira admiravel a sua finalidade. Os combatentes da Armada norte-americana, chegados ao Rio de Janeiro, encontram ali um ambiente acolhedor e amiguo, onde podem jogar bilhar, xadrez, cartas ou ping-pong, tocar banjo ou acordeon, servir-se de refrescos, doces e sandwiches e palear com os amigos da colonia que frequentam a sede. O *Headquarters* constitue uma realização de absoluto sucesso do espirito filantropico dos residentes norte-americanos.



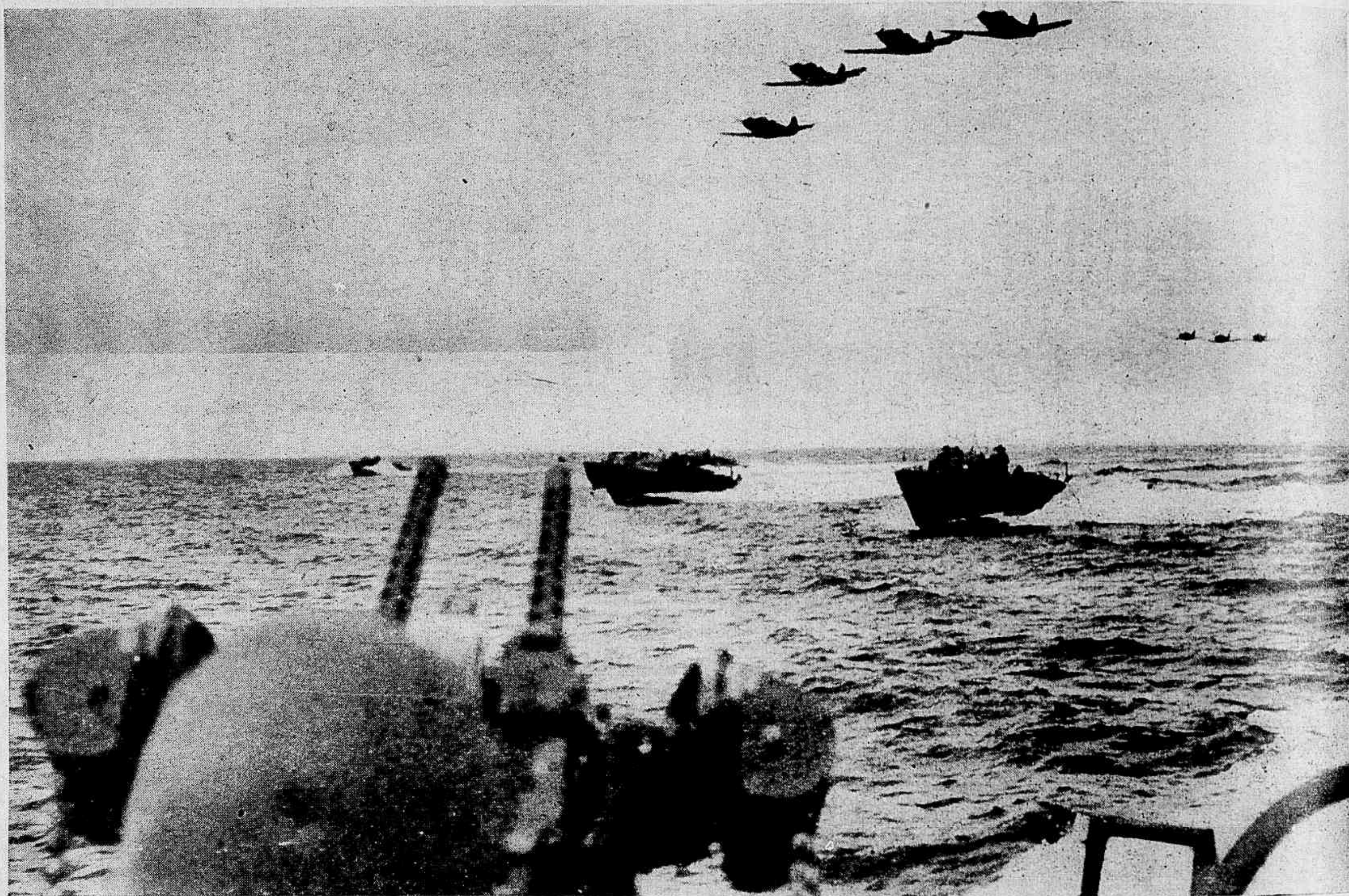
A BATALHA DOS ABASTECI- MENTOS

Fotos da
INTER-AMERICANA



A batalha dos abastecimentos é, sem dúvida alguma, uma das mais importantes que atualmente se travam pela vitória da humanidade. É uma luta surda que não ocupa o noticiário sensacionalista dos jornais, mas é travada continuamente em terra, no ar e no mar. O mais importante fator dos êxitos americanos em Guadalcanal, por exemplo, foi justamente o método empregado para abastecer rápida e continuamente as tropas que desembarcaram nas ilhas Salomão. Ao mesmo tempo, em todos os mares do mundo, prossegue a luta incessante da frota e da aviação aliadas para manter sempre abertas as rotas de abastecimentos. Nesta série de fotografias, vemos alguns aspectos da batalha das comunicações.

A fim de dominar a dificuldade de suprimentos para as forças americanas em Guadalcanal, o comando americano resolveu recorrer a novos métodos. Vemos na gravura um poderoso avião-transporte sendo carregado com alimentos e munições de toda sorte, que foram imediatamente transportados à linha de frente. Essa rapidez de comunicações assegurou a vitória aos soldados de Tio Sam.



Estas velozes lanchas-torpedeiras, agindo em estreita cooperação com os caças americanos, estão em ofensiva constante contra os submarinos inimigos que tentam interromper as comunicações aliadas.

Lanchas-rápidas americanas, empregadas eficazmente para a proteção das rotas de abastecimentos, patrulham sem cessar as costas dos Estados Unidos.

Armadas com metralhadoras, torpedos e bombas de profundidade, estas lanchas torpedeiras dos Estados Unidos, também conhecidas como "Mosquitos", em suas operações no pacífico, já conseguiram destruir até encouraçados inimigos.



Figuras e Fatos



ILUSTRES PERSONALIDADES ASSUMEM A DIREÇÃO DO BANCO ALIANÇA DO RIO DE JANEIRO.

Na tarde de 3 do corrente, teve lugar a posse da nova Diretoria do Banco Aliança o Rio de Janeiro, na sede social daquele importante estabelecimento de crédito, à Rua da Alfandega n.º 32.

Tomou a palavra de início, o sr. Antonio Cupertino de Miranda que, em nome da nova Diretoria, congratulou-se com os acionistas do Banco Aliança pela investidura do dr. Deoclecio Duarte na sua Presidência. Falaram ainda o dr. Clodomir Cardoso, Consultor Jurídico do Instituto Nacional do Sal e Vice-Presidente da Comissão de Negocios Estaduais, o dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, o desembargador Carlos Xavier, em nome da Federação das Academias de Letras, e o sr. Romualdo Gama Filho, que interpretou o regozijo dos funcionários do Banco pela posse dos srs. Deoclecio Duarte, Antonio Cupertino de Miranda e Cicero Aranha, nos cargos de Diretores do Estabelecimento.

Todos os oradores teceram francos elogios às figuras dos Diretores recém-empossados, pondo em destaque as singulares qualidades do novo Presidente Dr. Deoclecio Duarte, financista ilustre e intelectual de renome.

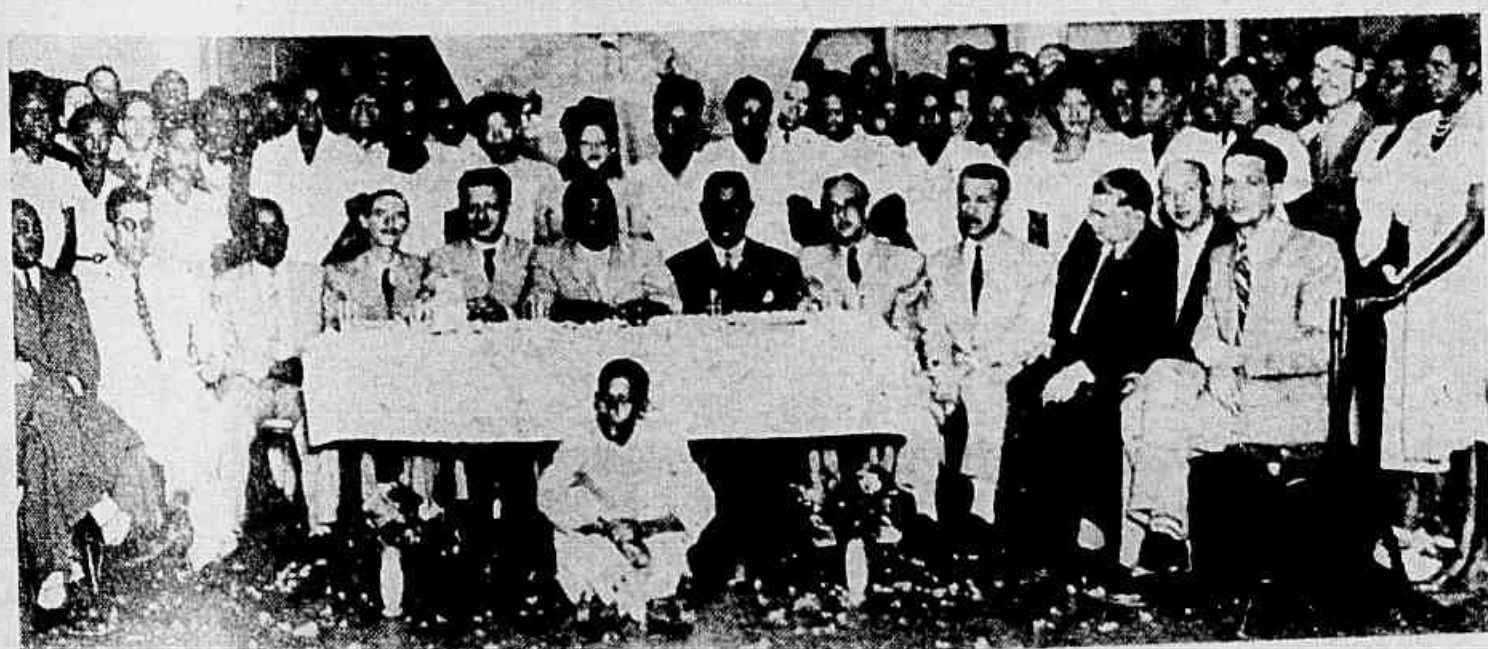
Por fim usou da palavra o Dr. Deoclecio Duarte, agradecendo as homenagens de



que fora alvo e, em brilhantes palavras concitando todos ao trabalho disciplinado, base de toda segurança moral e econômica, indispensáveis ao bem estar coletivo e pessoal, no momento crítico que o mundo atravessa.

Ao terminar a solenidade foi oferecida aos presentes uma taça de "champagne".

As duas fotos que estampamos acima são expressivos flagrantes desta brilhante sessão.



Aspecto apanhado na inauguração da exposição de pintura do saudoso artista M. Teixeira da Rocha, no Museu Nacional de Belas Artes.

Em cima:

Aspecto da sessão solene do Clube Carnavalesco "Tomara que chova", para entrega de 1.447 maços de cigarros à Comissão da "Cantina dos Soldados".



Original decoração da casa comercial do sr. Manoel R. Martins, na Bahia, em comemoração à data aniversária do presidente Getulio Vargas.

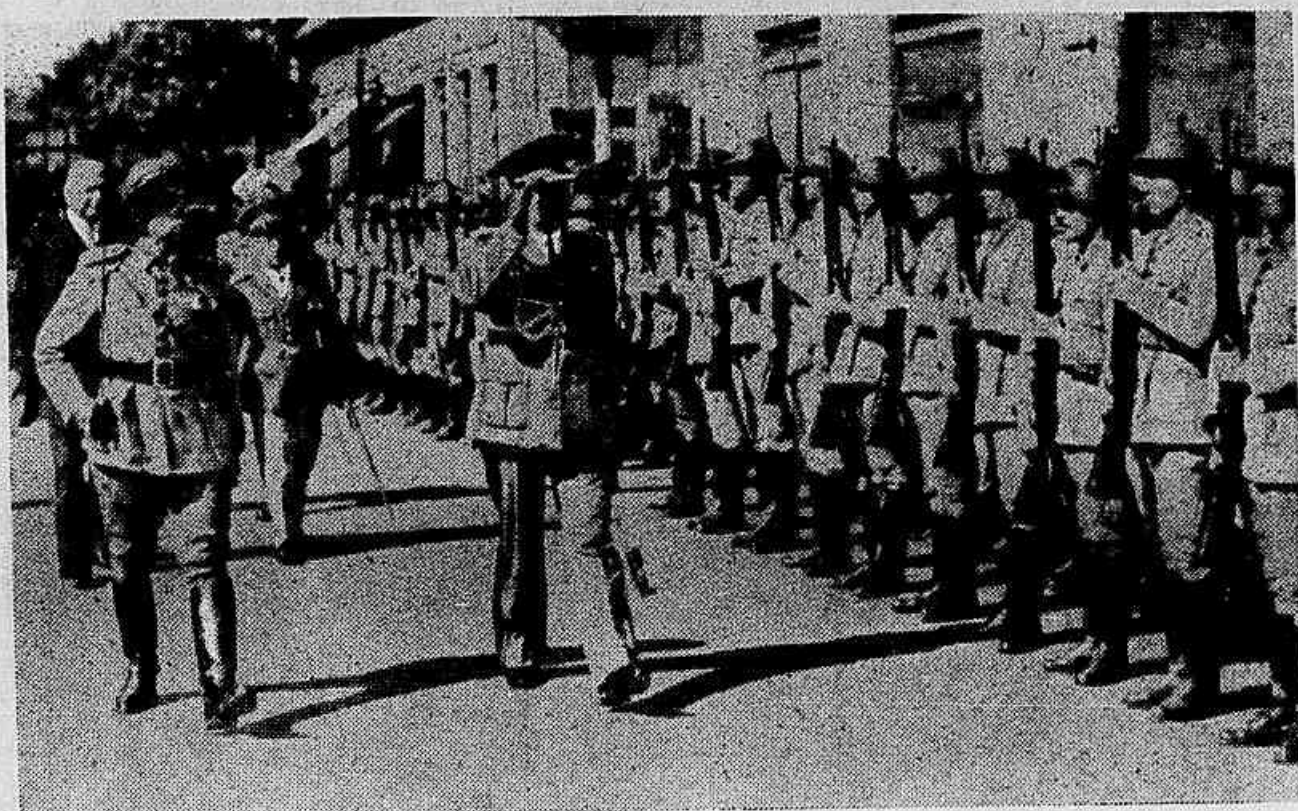
DE SÃO PAULO



CHEGADA A SÃO PAULO — A capital paulista foi a primeira das grandes cidades brasileiras visitada pelo Presidente da República do Paraguai. Vemo-lo aí, exatamente no momento em que deixava a estação da Sorocabana e recebia as manifestações do povo.



MAJOR ALENCASTRO GUIMARÃES — Desejando verificar, pessoalmente, a organização do trem especial que deveria conduzir ao Rio o General Morinigo, esteve em São Paulo o Major Alencastro Guimarães, diretor da Central.



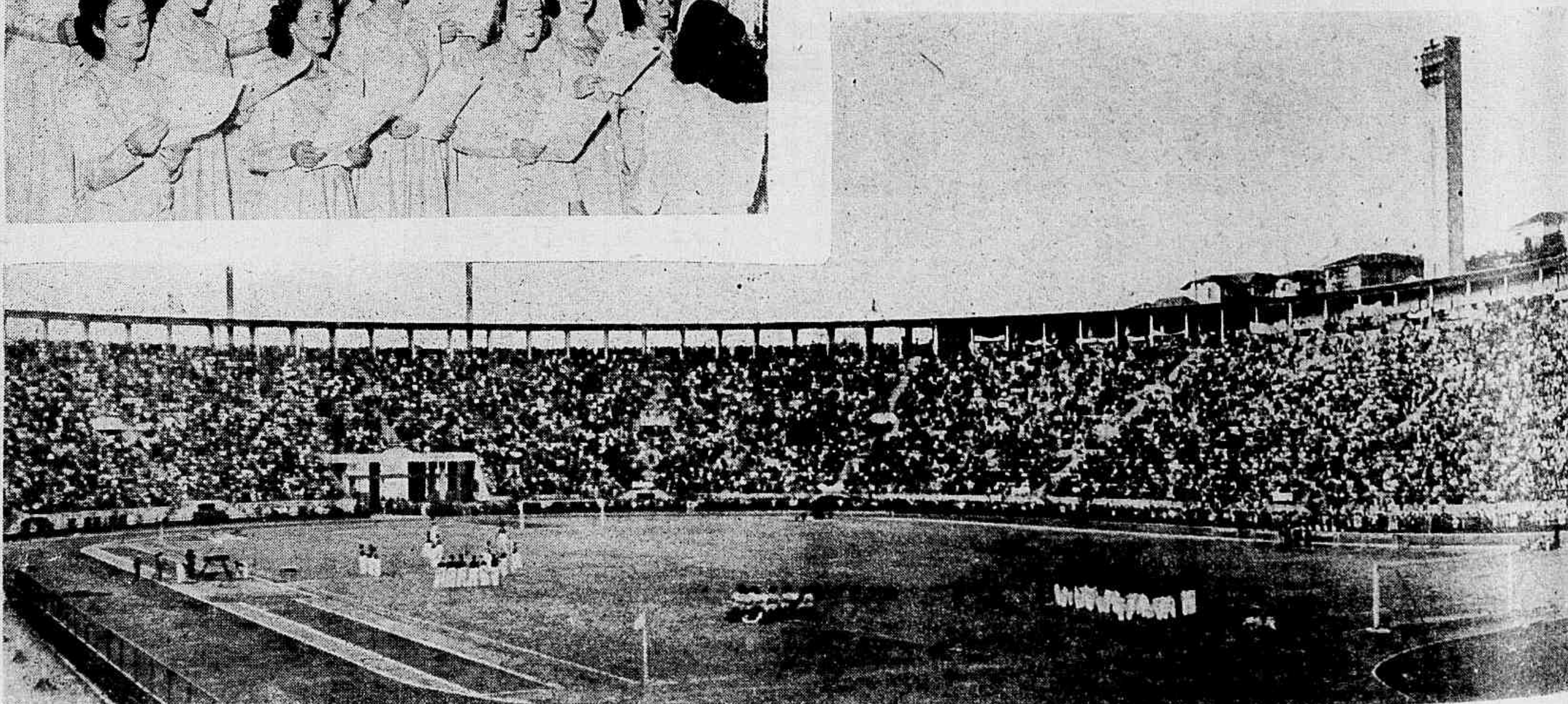
REVISTA AS TROPAS — O flagrante acima fixa o momento em que o general Morinigo passava em revista o contingente de tropas que lhe foram prestar as homenagens de praxe, ao desembarque.



MES DE MARIA — Maio assinalou-se na Pauleira com o encontro de sempre, as ladainhas, as festas religiosas. Vemos aí um flagrante do côro que abrilhantou a concentração das *Filhas de Maria*, no Teatro Municipal.

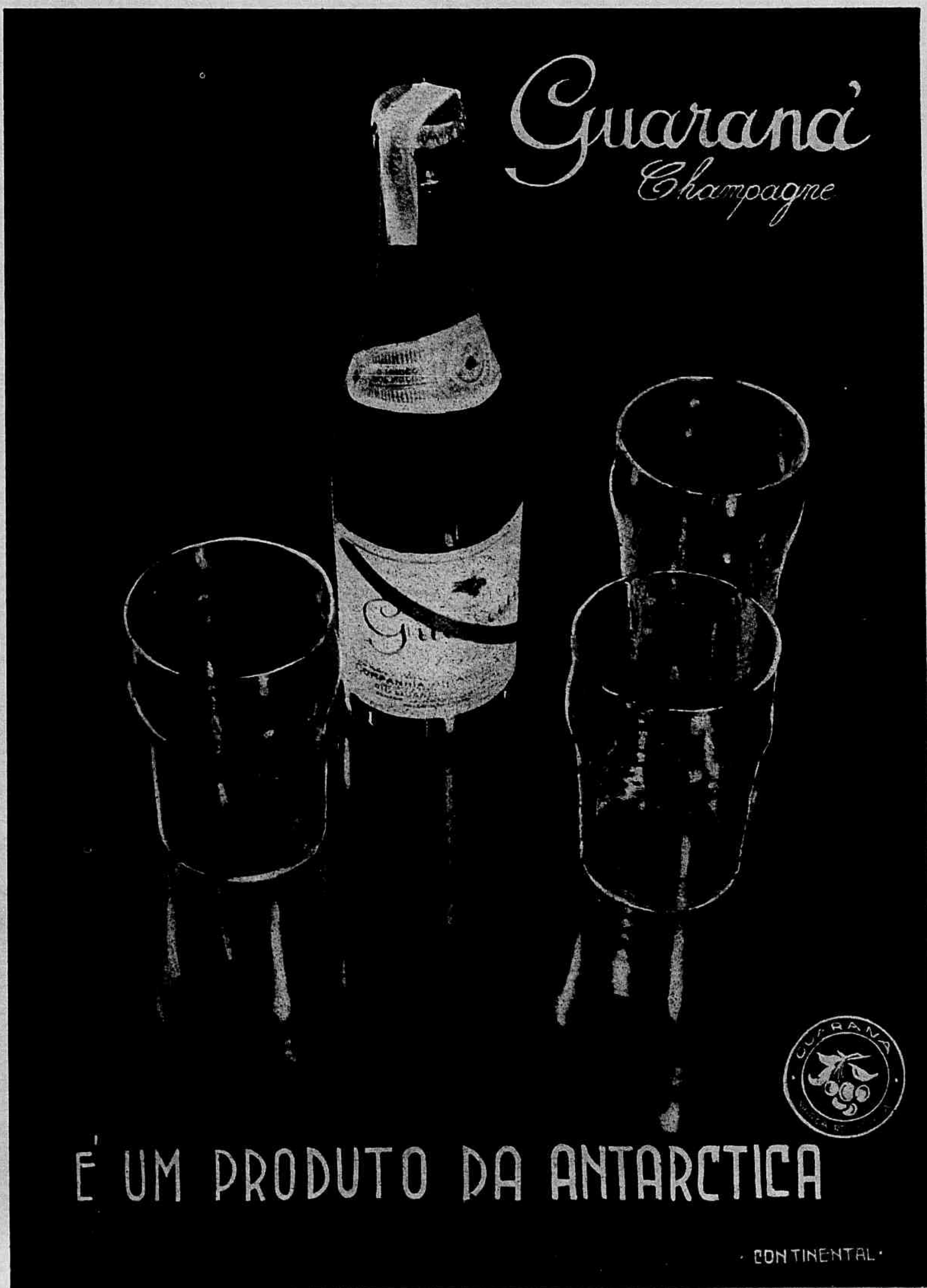
INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

DIA DO TRABALHO — Como em todo o Brasil, o 1.º de Maio transcorreu festivo em São Paulo. E das multiplas comemorações, teve uma significação particular a grande concentração operaria realizada no Estádio Municipal do Pacaembú, da qual damos aqui um aspecto.

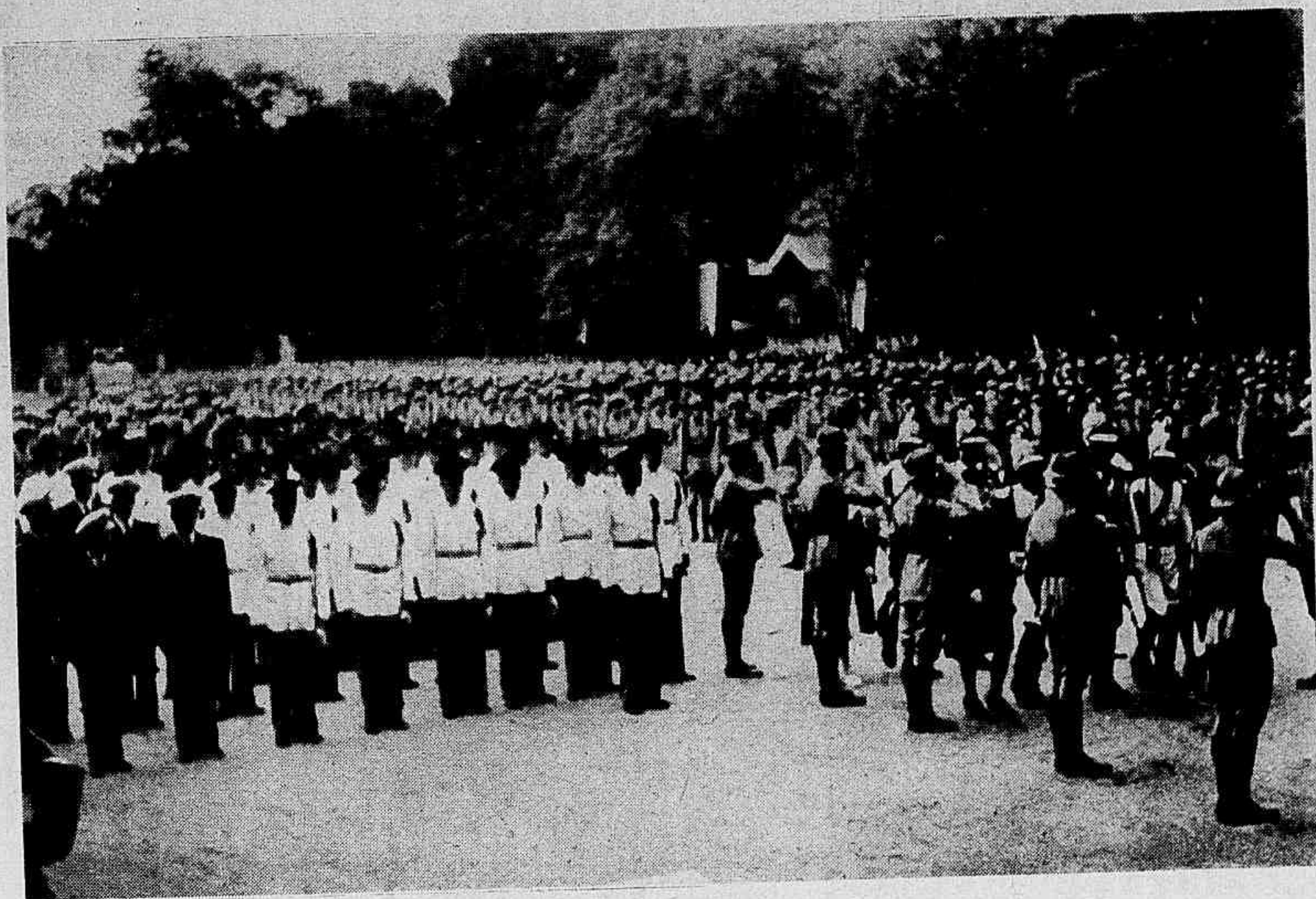


Luis da Camara Cascudo

Fiel ao credo filosófico, morreu na véspera do Dia do Trabalho...



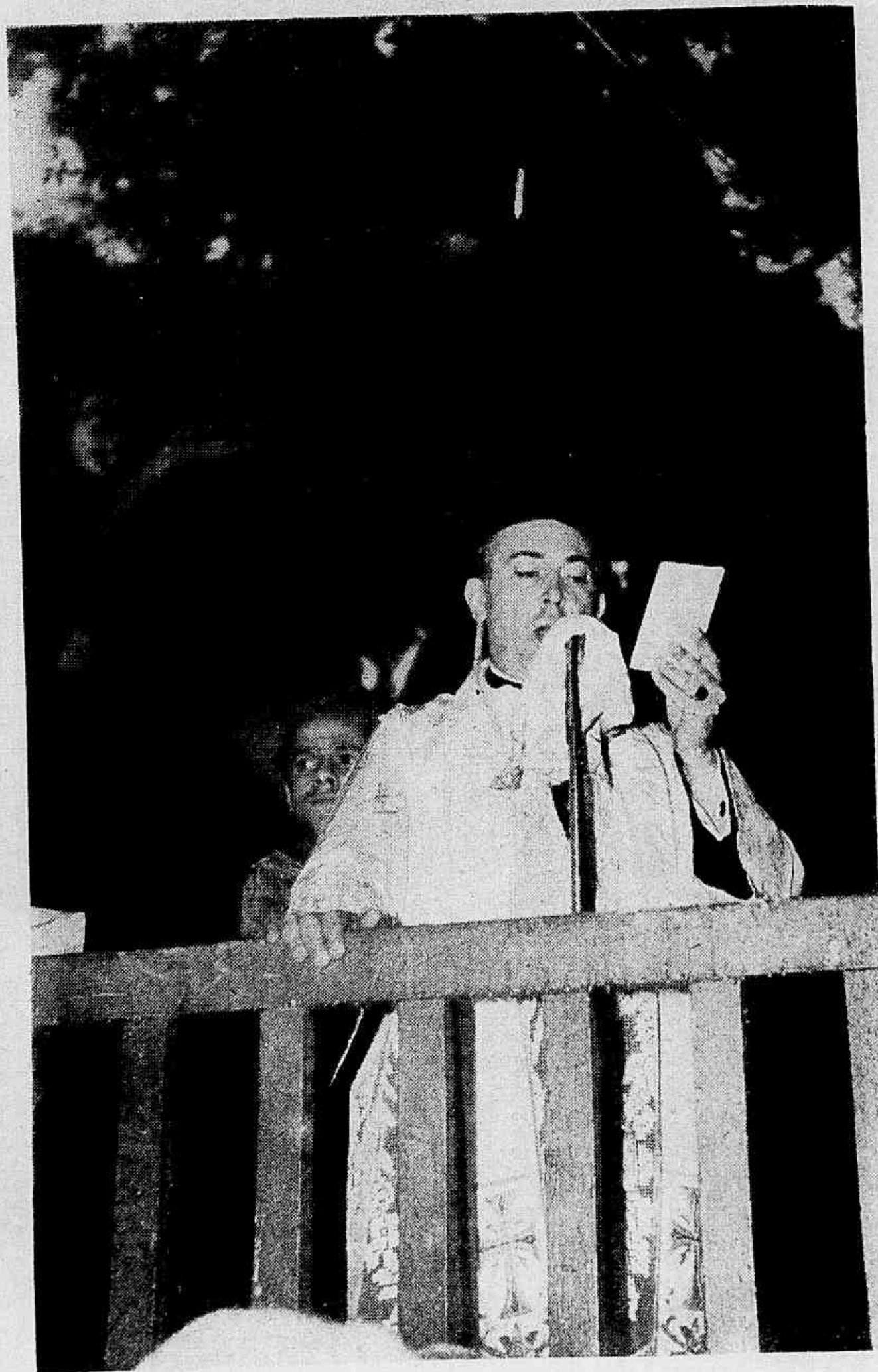
Pascoa dos militares



Aspecto do Campo de Santana, vendo-se as diversas unidades militares que compareceram á solenidade de domingo ultimo.



Uma bandeirante colocando a fita simbolica com a medalha num aluno do C.P.O.R.



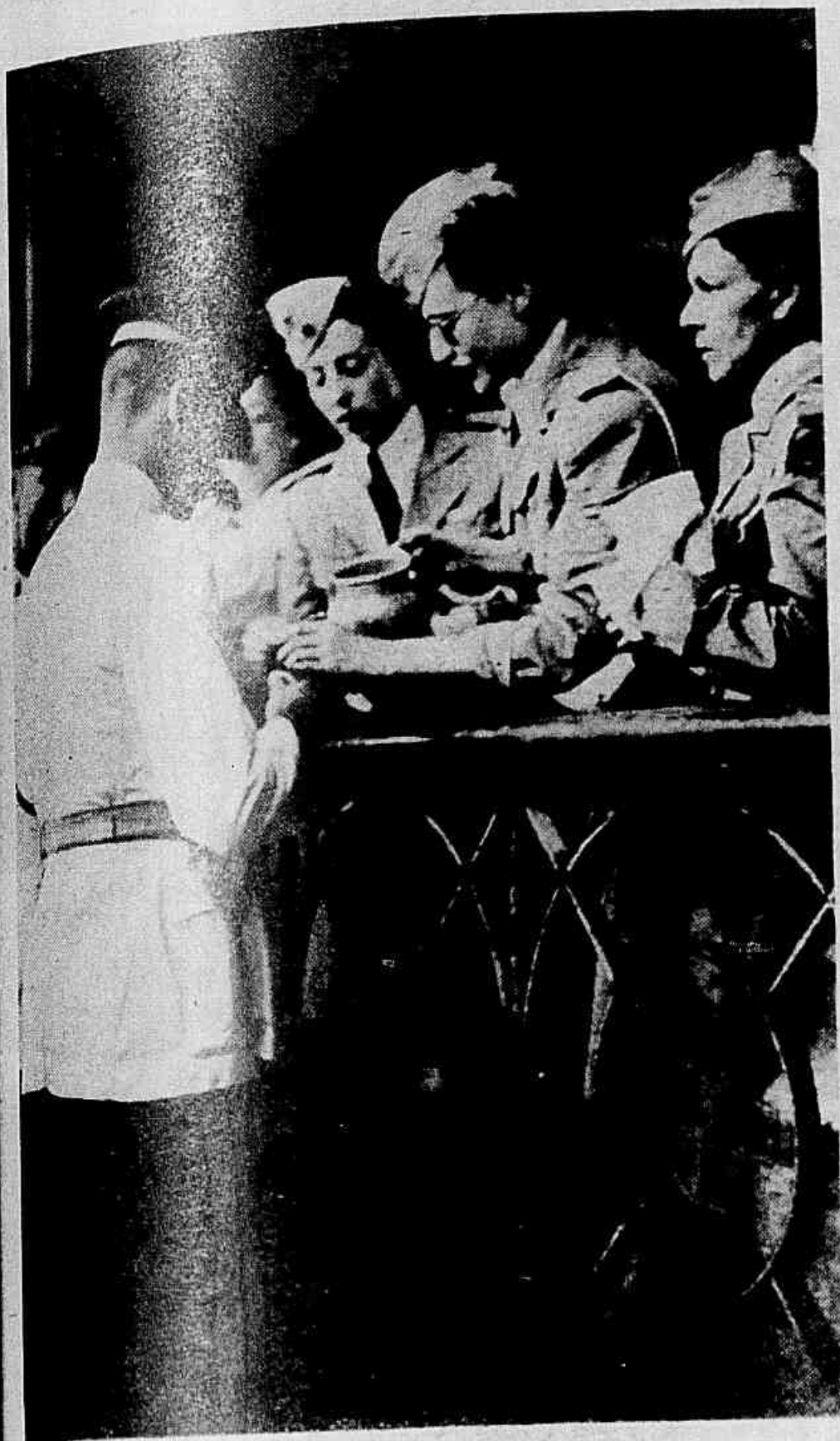
O orador sacro da solenidade, pronunciando o seu sermão.



As bandeirantes distribuindo medalhas aos presentes ás festas.



Cadetes da E. Naval e da E. Militar, durante o officio divino.



Depois da missa, a L.B.A. servindo café com leite e bolos aos soldados militares presentes que comungaram.



Uma atitude contrita, durante a elevação da Hostia Consagrada.



As socorristas distribuindo entre os militares a letra de um hino religioso a ser cantado com uma musica militar.



O ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra e o dr. Rodrigo Octavio Filho, presidente da L.B.A. e outras autoridades no palanque oficial.



Um capelão americano das forças de Natal, dando a comunhão aos soldados brasileiros.





PARA

A

VITÓRIA!

ESTA magnífica fotografia — talvez a melhor fotografia de batalha que esta guerra tenha produzido — ilustra vividamente a bravura e a determinação da infantaria aliada, marchando a fundo para a vitória.

Foi tomada num momento em que as tropas australianas do Oitavo Exército, detidas em sua vitoriosa avançada por um posto reforçado pelos alemães lançaram uma cortina de fumaça e estava dando uma carga de baioneta e de revólver contra o inimigo.

Poucos minutos depois o fortim havia caído.

Muitos postos alemães e italianos, atacados pela infantaria aliada, em seu avanço fulminante e implacável, foram assim tomados a carga de baioneta.

“O espírito dos próprios soldados — escreveu um correspondente australiano do campo de batalha — é sintomático do novo espírito que o General Montgomery trouxe para o deserto — uma determinação calculada e inexorável em destruir o inimigo que ha poucos meses atrás parecia prestes a destruí-los.”

A fotografia, publicada pelo “Illustrated London News”, foi apanhada dum conjunto de diversas, obtidas por um grupo de sargentos montados em motocicletas, ao marcharem na vanguarda da luta.

Seus instantaneos, mandados para o Cairo, foram daí transmitidos pelo rádio, para Londres e New-York. Fotografias das cenas de batalhas têm sido recebidas em Londres, ultimamente, por este processo, dentro de 48 horas da ocorrência nos campos de luta da África do Norte.

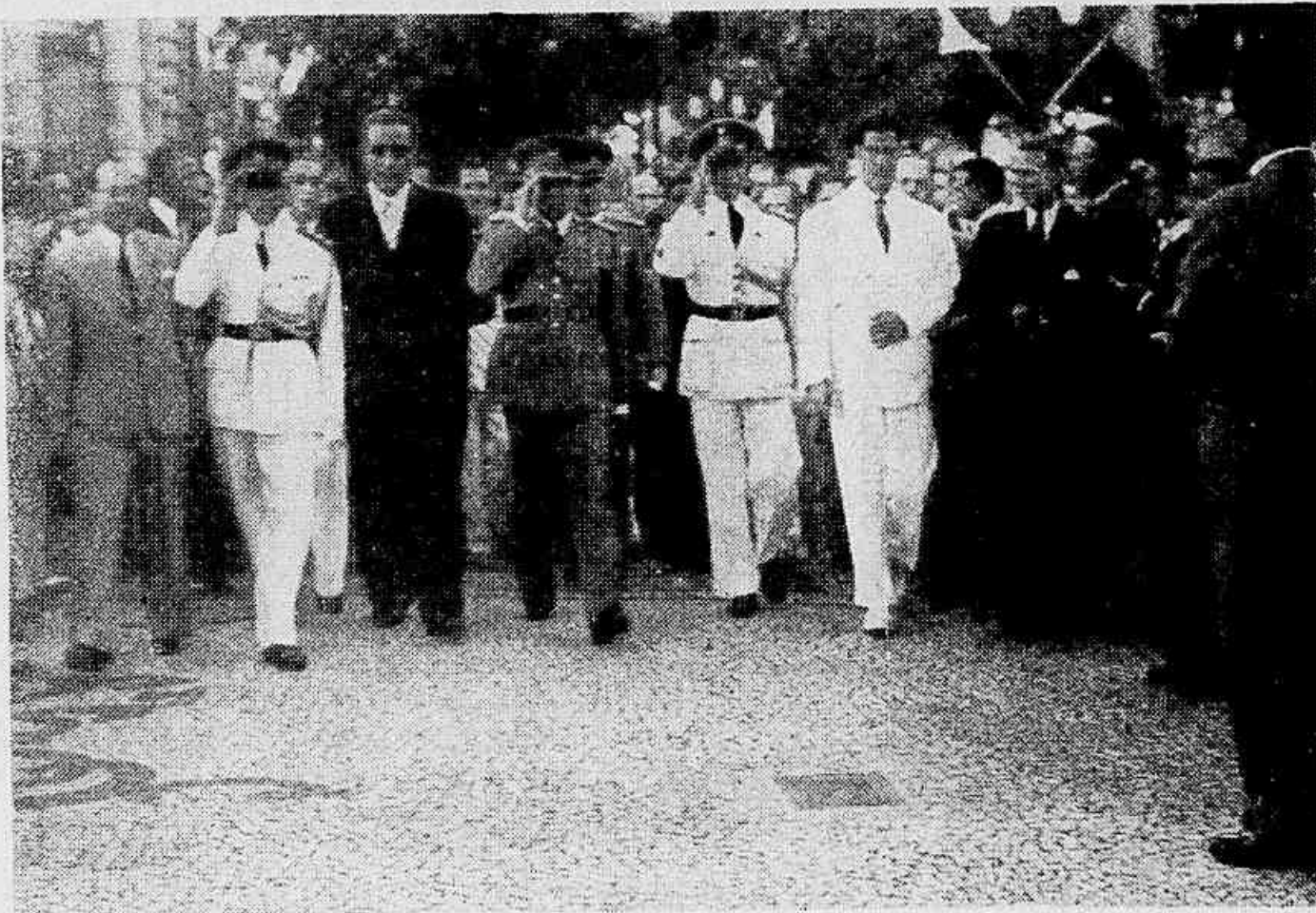
Mensagem de fraternidade



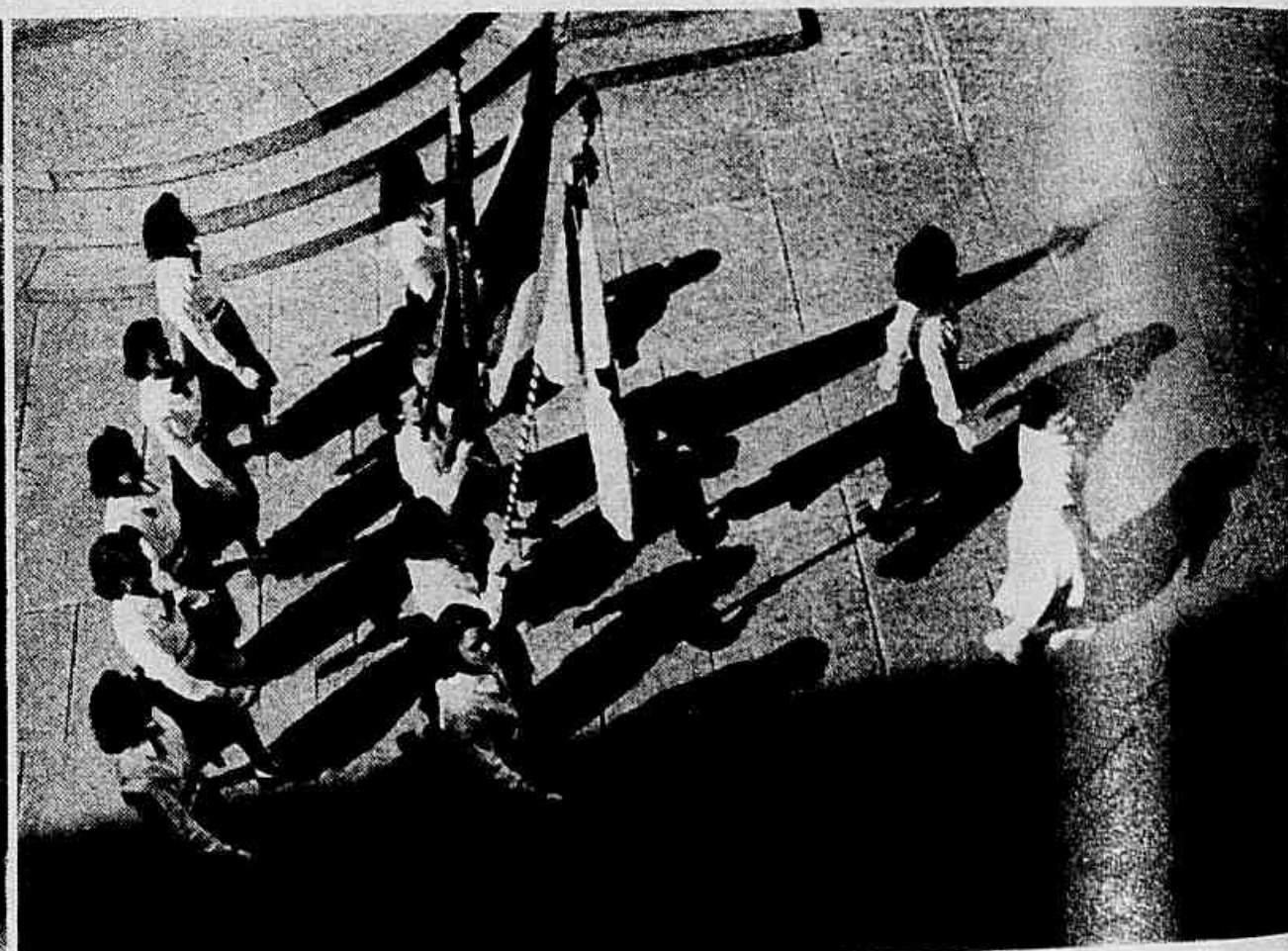
A visita de S. Ex.^a o Sr. General Higinio Morinigo, Presidente da República do Paraguai, ao Brasil, reveste um profundo significado não só pelos seus antecedentes históricos como pela época em que se verifica. Já é tempo de apagar, na América de língua latina, todos os malentendidos que faziam de nós, no passado, um amontoado inorgânico de países isolados e enfraquecidos, cada qual ignorando e forcejando por ignorar o vizinho.

A política de isolamento na América, de resultados tão desastrosos num passado não mui remoto, tem sido arduamente combatida por todos os nossos estadistas que de fato passuaram a clara noção do nosso destino histórico. É preciso que cada vez mais nos capacitemos da responsabilidade da nossa missão na América Latina, que é servir de esteio e fulcro na balança política internacional do continente. Este papel não nos é conferido pela grandeza material ou pela vastidão do território, porque a importância dos povos mede-se mais no tempo que no espaço. Conseguimo-lo pelo ascendente moral que conquistamos no passado e mantemos no presente, graças à serenidade com que nossos governantes têm resolvido as questões fronteiriças, ao desprendimento que tem caracterizado nossa política externa e, finalmente, aos assinalados serviços que temos prestado à causa da paz na América.

Sob vibrantes saudações do povo estacionado nas cercanias, o Presidente do Paraguai desembarca na estação Pedro II, vendo-se aqui S. Excia. ao lado de sua Senhora e do Presidente Getúlio Vargas e outras altas personalidades brasileiras.



O Presidente Morinigo, atravessando a pé a Avenida Rio Branco, saudado por uma vibrante aclamação dos populares.



Um lindo detalhe do desfile de estudantes da Escola Paraguai, perante o General Morinigo, no Instituto de Educação.



Dois aspectos apanhados durante o banquete oferecido pelo prefeito do Distrito Federal, no edifício do antigo Conselho Municipal.

Americana

O Sr. General Higino Morinigo trouxe-nos, em sua pessoa de estadista consumado, nos seus dotes de cavalheirismo e inteligência, não apenas a cordial mensagem de um povo amigo, mas todas as varonias virtudes da Hispano-América. Reafirmou, com sua visita, que ficará histórica, a fraternidade de intenções do povo paraguaio e o total olvido de antigos dissídios.

Mais um elo se forja agora na forte cadeia de nossa amizade com esse país que não só geográfica, mas moralmente falando, pelo heroísmo e nobreza de seu povo, é como o coração da América.

S. Exc.^a o Sr. Presidente do Paraguai veio ver e sentir o Brasil. Formulamos ardentes votos para que se tenha convencido da admiração com que compreendemos sua pátria. Notamos com satisfação que a visita de S. Exc.^a deixou algo mais que o efêmero rastilho dos discursos e banquetes. Concretizou-se em tratados que, de futuro, garantidos pela palavra dos respectivos governantes e pela vontade de paz que nos anima, aproximarão mais e mais os dois ramos americanos do mesmo tronco ibérico.

Saudemos pois os chefes de estado dos dois países que compreenderam nesta hora grave o axioma fundamental da história do nosso século: o futuro é da América.



O Presidente Getúlio Vargas, saudando o ilustre visitante, no grande banquete oficial do Itamarati.



O General Higino Morinigo falando aos seus patricios, na recepção dada por S. exc.^a, no Palácio do Catete, à sociedade paraguaia.



Visita ao Supremo Tribunal Federal.

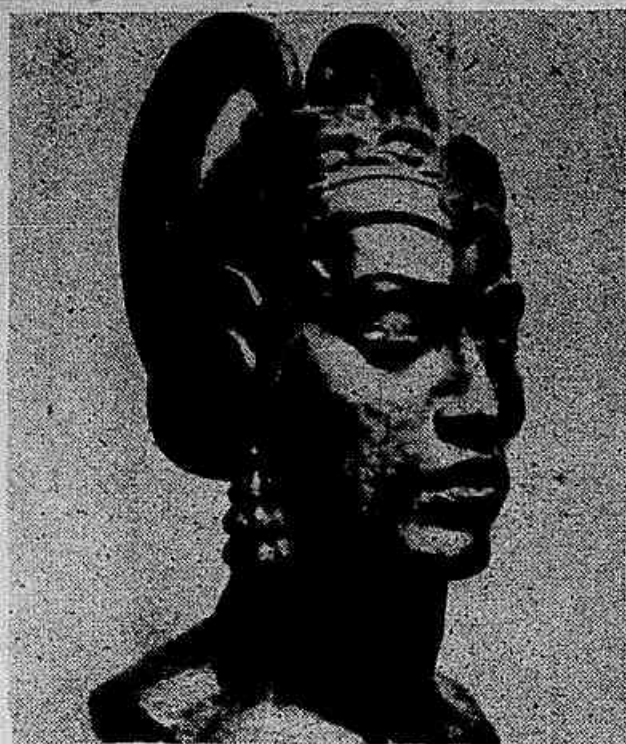


O Intervenor Amaral Peixoto, Presidente do Instituto Brasil-Paraguai, falando no almoço que ofereceu, no Pavilhão da Prefeitura, na Urca, ao Presidente do Paraguai.



A senhora Higino Morinigo, ao lado de duas damas brasileiras, folheia, atentamente o último número REVISTA DA SEMANA.

No turbilhão da guerra: povos do oriente remoto



Homem javanês.



Matrona chinesa: Peiping.



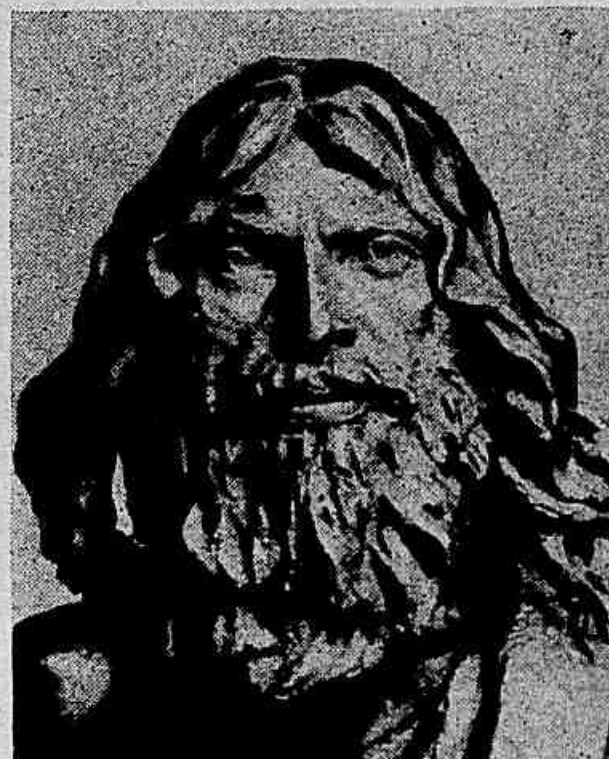
Indú "intangível".



Mulher japonesa: Togoku.



Homem da tribu igorota: Filipinas.



Homem da casta "roda": India.



Mulher "rajput": India.



Universitário de Burma.



Caçador de cabeças humanas: Bornéu.



Homem malaio: Singapura



Bailarina de Bali.

A guerra, em sua expansão universal, atingiu os recantos mais distantes da Ásia e de seus arquipélagos adjacentes.

Nas áreas combatentes da Ásia do sul se acha concentrada mais de metade da família humana, em quantidade maior aqui do que em qualquer outra área idêntica.

Alguns dos ramos dessa fauna são mostrados nestas fotografias de esculturas. Malvina Hoffmansu, a autora, dedicou cinco anos viajando e trabalhando na execução desses tipos raciais. Os bronzes originais estão no Field Museum de Chicago.

Jockey Club Mundano



A tarde turfística de domingo, festa que primou pela elegância, foi mais uma vibrante afirmação do entusiasmo brasileiro pelo nobre esporte.

O presidente Morinigo, especialmente convidado pela Diretoria do Jockey Club Brasileiro, visitou então o Hipódromo da Gavea, percorrendo todas as suas dependências e assistindo após, da tribuna de honra o desenrolar das carreiras.

Dessa visita presidencial ao hipódromo do Jockey, a nossa reportagem fotográfica colheu os aspectos que ilustram esta página.

O Rio transformado numa "bicha" colossal



Rua afora, vem esta cauda dupla. Em alguns pontos ela chegou a ser mesmo triplicê.



Muita gente madrugou na rua. Não faltou quem trouxesse, providente, uma cadeira de casa para a espera.

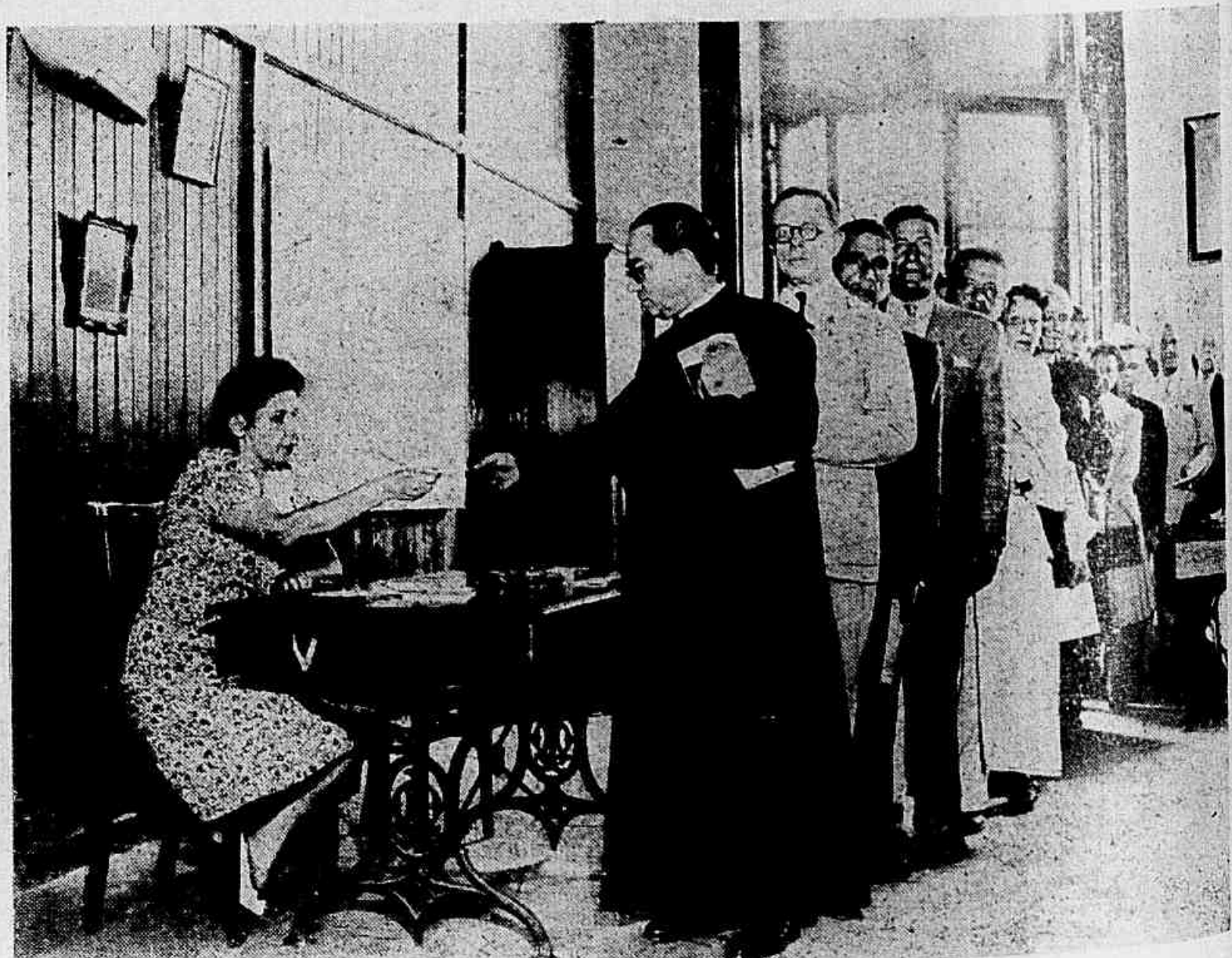
Quinta-feira e domingo da semana que passou, a cidade amanheceu transformada numa imensa "bicha". O fenómeno, parceladamente, já não espanta ninguém, pois o carioca está habituado a ver "bichas" por todo canto, desde a hora de tomar o onibus para o trabalho á hora do cinema. Diferentes das outras, as duas colossais centopeias humanas que se espalharam por todos os quadrantes do Rio, naqueles dias, representavam alguma coisa mais séria e inédita, pois se tratava do registo para o futuro racionamento de açúcar e outras coisas — que esperemos no bom Deus não venham mesmo a faltar no final das contas. Nesta série de fotos, o leitor dos Estados verá o que foi esse aspecto da vida carioca, a que o povo se submeteu com o melhor do seu espirito de disciplina e de ordem.



Uma dona de casa cheia de responsabilidades, prestando atenção para não esquecer nenhum comensal de suas sopas e enfezinhos.



Este grupo bem humorado achou um meio melhor para esperar a vez.



Um sacerdote, na hora de receber o seu cartão de racionamento.

Uma festa de negros para o Brasil

Dansa, musica e bom humor --- Lançando as bases de um verdadeiro teatro negro brasileiro --- A senzala
 === já é um sonho mau no tempo. ===



O tenor negro Moacir Nascimento.

Para aqueles que acreditam em raças superiores e inferiores, constituirá, talvez, uma decepção, a ascensão social do elemento afro, em Nossa Terra.

Uma vez estabelecido o contato mais íntimo das três raças, no recesso acolhedor da casa-grande, as múltiplas aptidões do preto levaram-no, de pronto, à intimidade da família senhorial. Junto a ela passou a desempenhar todos os ofícios porventura necessários à organização autárquica do grande-domínio-rural. Os próprios viajantes estrangeiros — Saint Hilaire e Ribeyrolles, por exemplo — aos quais nada passava despercebido, admiraram-se da atividade onimoda dos escravos das fazendas. Os homens tornaram-se exímios carpinteiros, pedreiros, entalhadores; as mulheres aprenderam os segredos da arte culinária e foram as amigas dedicadas, as confidentes, das sinhasinhas românticas.

Notabilizaram-se os pretos, particularmente, nas artes. Vocação nata, capaci-

dade indiscutível para quaisquer espécies de arte — em particular o canto e a dança — estimulados, talvez, pela nostalgia do berço distante e pela amargura do cativo, fizeram deles os dinamizadores da arte brasileira incipiente, enriquecendo nosso folk-lore e alegrando nossa sociedade.

Após a abolição, as populações negras procuraram as cidades, prosseguindo no lento e infatigável esforço-criador, no campo da arte. Nunca será demais repetir que o carnaval brasileiro sempre foi uma festa essencialmente africana.

Trazendo, porém, na massa do sangue, o estigma de um cativo próximo, os nossos negros não puderam ainda entregar-se às grandes realizações de arte e de cultura de que são capazes. Daí explicar-se o relativo marasmo de nossas populações de cor, comparativamente às *yankies*, já detentoras de um apreciável patrimônio cultural.

Dignos, pois, de muitos aplausos, a iniciativa de um grupo de intelectuais e artistas negros, do Rio de Janeiro, no sentido de comemorar o 13 de Maio, em 1943, com uma festa litero-teatral.

Compreendendo o elevado civismo, a função verdadeiramente construtiva de uma tal comemoração, Sua Excia. o prefeito Henrique Dodsworth apressou-se em prestigiá-la com o seu apoio valioso. E o êxito do festival, que se realizou na Escola Nacional de Música, correspondeu à melhor expectativa. Nesta página, mostramos algumas cenas dos ensaios. Ante este grupo de gente sadia, ruidosa, lembramos de um outro tempo em que a raça deveria ser triste. Mas esse tempo está longe. Porque vivemos no país mais livre do mundo. Onde a senzala, hoje, é apenas um sonho mau — no tempo...



ESSA CARA... — Quem não conhece o Grande Otelo? De recursos quase inesgotáveis, com um público seu, foi um dos elementos decisivos de êxito para a festa de 13 de maio.



HARMONIA — Neste grupo, onde se encontram reunidos quase todos os elementos que participaram da festa, nota-se o magnífico espírito de camaradagem de que todos estavam possuídos.



FAZENDO GRAÇA — Vivo, de gestos facéis, possuidor de uma "técnica" própria, o comico Oliveira Filho recebe uma sugestão de Romão da Silva.

Noticiário Elegante

ANIVERSÁRIOS:

15 Senhoras: D. Eunice Werneck Leoni Ramos, esposa do dr. Pedro Leoni Ramos; d. Edite Nóbrega Carneiro, esposa do sr. Tancredo Ribas Carneiro; d. Amanda Silvia Vale do Amaral, esposa do dr. Ubaldino do Amaral Filho. Senhores: Dr. Gerson de Paula Lima; dr. Júlio Cesar Tavares; cel. dr. Alarico Damazio; Manoel Gomes Ribeiro; Isaac Tapajós, nosso colega de imprensa; Mário de Paula.

16 Senhores: Armando Waddington; dr. Antonio Leite Gouvêa; João Nunes Monteiro.

17 Senhora: D. Lybia Margarida de Arruda Barbato, esposa do dr. Orlando de Arruda Barbato. Senhorinha: Luciola de Noronha. Senhores: Tenente-coronel Atila Magno da Silva; dr. Manoel Petrarca de Mesquita; jornalista Artur Barbosa; dr. Leite de Castro; Francisco Cabral Peixoto.

18 General Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra.

20 Senhorinhas: Lourdes Dill; Hortência Soares e Alata. Senhores: Dr. Gudesteu Pires; comandante Nelson Guilhobel; Sebastião Estanislau Ascenção.

21 Senhoras: D. Ignezita Feliz Pacheco de Brito, esposa do cirurgião

dr. Raimundo de Brito; d. Silvia Sampaio, esposa do ministro Sebastião Sampaio; d. Marcília Afonso de Barros Bevilacqua, esposa do dr. Francisco Bevilacqua. Senhor: Antonio Augusto de Almeida.

Transcorreu no dia 11 a data natalícia do dr. Hugo de Meira Lima, Chefe de Gabinete da Presidência da Caixa Econômica Federal. Por motivo de seu aniversário natalício, foi o dr. Hugo de Meira Lima grandemente cumprimentado pelos seus inúmeros amigos e admiradores. Juntamos a estas felicitações as da REVISTA DA SEMANA.

NASCIMENTOS

Sérgio Heitor — A 4 do corrente, na Casa de Saúde S. José, nesta capital, nasceu, robusto e interessante, o menino Sérgio Heitor, primogênito do professor Heitor Pêres, membro de nossa classe médica, e de sua exma. senhora, D. Liliani Helena do Couto Pêres.

O grato evento encheu de alegria o lar do distinto casal que, por este motivo, tem recebido muitos cumprimentos de suas relações de amizade.

ESPONSAIS

Realizou-se há dias na Igreja de Nossa Senhora da Paz em Copacabana, o enlace matrimonial do sr. Lasse Janer, filho do sr. Ier Janer e da sra. Ruth Janer, com a senhorinha Izú Verda, filha do sr. José Verda e da sra. Teresa Verda. Foram testemunhas da noiva, no civil, o barão de Saavedra e a senhora Pedro de Melo Sabugosa; no religioso, o sr. Pedro de Melo Sabugosa e a baronesa de Saavedra. Do noivo, no religioso, o sr. Gustaf Weidell, ministro da Suécia, e a sra. Ruth Janer; no civil, o sr. Ier Janer e a senhora Gustaf Weidell. Sendo os nubentes elementos grandemente relacionados em nossa alta esfera social, teve o acontecimento larga repercussão.

NAÇÃO ARMADA

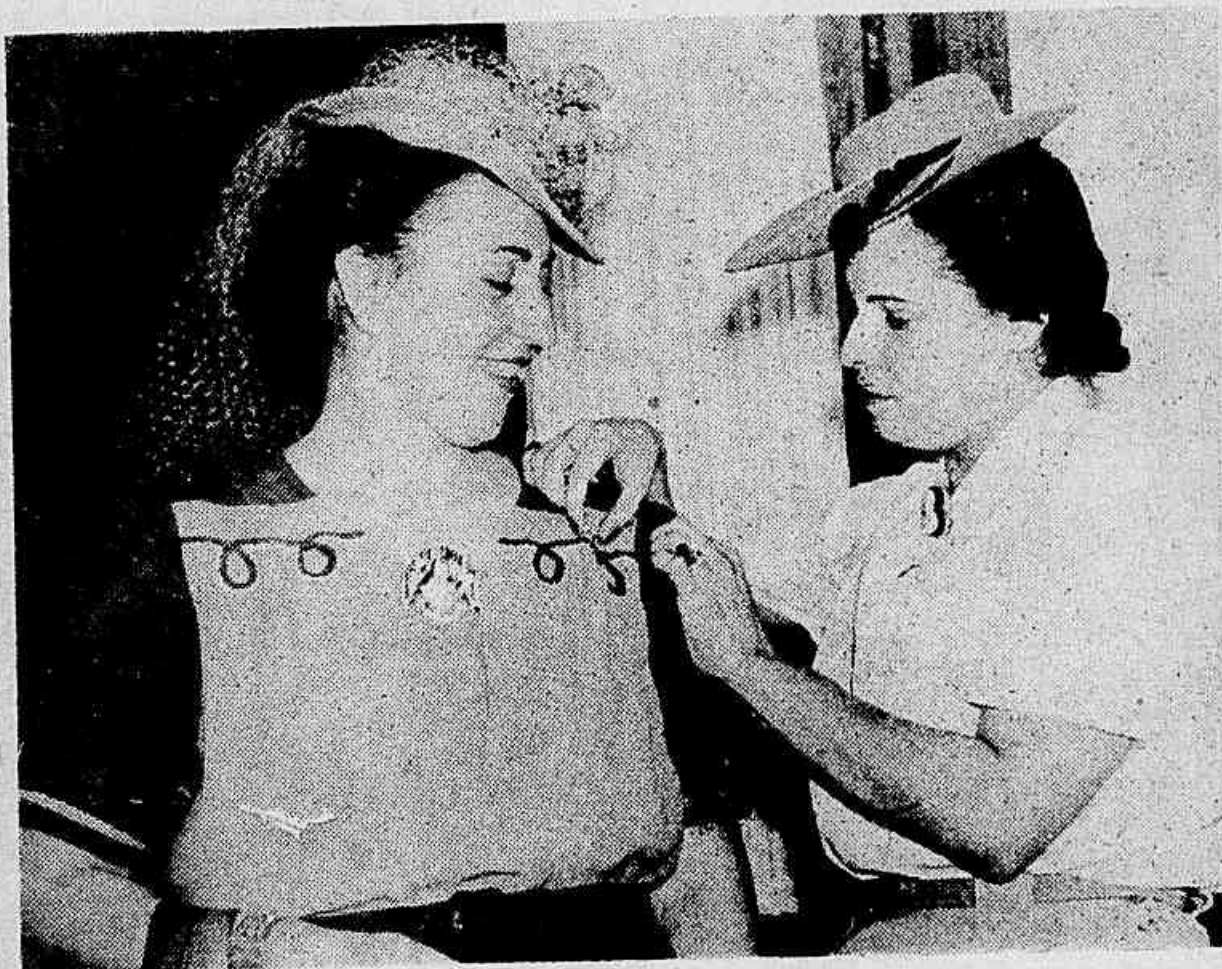
Recebemos o numero quarenta e dois de *Nação Armada*, revista civil e militar consagrada à segurança nacional.

E' a edição referente a Maio corrente que, como as anteriores, traz materia variada subscrita sempre por figuras destacadas de militares e civis.

São, ao todo, mais de duzentas paginas com leitura interessante.



A SRA. MORINIGO EM VISITA A' ILHA DO VIANA



Durante a visita do presidente Morinigo à Capital Brasileira, foi oferecido à sua Exma. Esposa, pela Sra. Pedro Brando, um almoço, que teve lugar na Ilha do Viana, em uma das dependências dos estabelecimentos da Organização Henrique Lage ali instalados.

A nossa reportagem fotográfica, durante essa recepção, colheu os seguintes flagrantes: AO ALTO, A' ESQUERDA: A sra. Pedro Brando entrega a Mme. Morinigo o emblema da Organização Henrique Lage. AO ALTO, A' DIREITA: O sr. Pedro Brando, superintendente da Organização Henrique Lage, palestra com a esposa do presidente Paraguaio, durante o almoço. A' ESQUERDA: Grupo de pessoas que tomaram parte na recepção.



BATE-PAPO DE GUERRA



— E dizem que o "outro", um autêntico Tarzan, campeão de "box", resolveu dar-lhe uma lição.

— Sim?!

— Mas pequenino como ele é, revidou o insulto e pôs o outro fóra de combate.

— Não me surpreendo absolutamente.

— Não?

— Pois você não sabe que há três anos ele comanda um "contra-torpedeiro"?

— Estou muito orgulhosa: Chris entrou para a marinha e já ganhou a medalha de bravura.

— Pois se ele fosse meu noivo preferiria mil vezes que entrasse numa joalheria e me comprasse um bracelete.

— O mais interessante do caso é que na hora de maior raiva Joe exclamou desdenhosamente:

— Você...você não passa de um "Arc Royal".
F Cleo ficou muito intrigada com a expressão mas finalmente a Ritinha deslindou o mistério.

— ...?

— Aquilo significava simplesmente que ela não passava de um porta-aviões.

— Por que?

— Porque durante a ausência dele, namorara, ao mesmo tempo, nada menos de 4 aviadores.

— Mr. John vai divorciar-se de Meg não por tê-la encontrado num namoro ferrado com o Pablo.

— Por que então?
O namoro ele perdoaria. O que não perdôa entretanto é a resposta que recebeu quando perguntou o que significava tudo aquilo.

— E qual foi a resposta, hein?

— E' que sorrindo candidamente, Meg explicou: — Ora, Darling, então não percebeste? Isto é apenas uma confirmação da política de boa vizinhança.



RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Vaslav Nijinsky.

Entre "La Valse" de Ravel e "Les Sylphides" de Chopin

REPORTAGEM EM "TROIS TOURS EN L'AIR"

De SONIA REGINA

PÉRE TOUR:

Foi no dia da recepção ao presidente Higino Morinigo que, numa expectativa amável, cheguei ao Municipal. (Não sei porque, mas naquela manhã a cidade desabrochava num sorriso e a vida parecia alegre como um canto de cigarra...)

— Vaslav Nijinsky...? — inquiri ao porteiro.

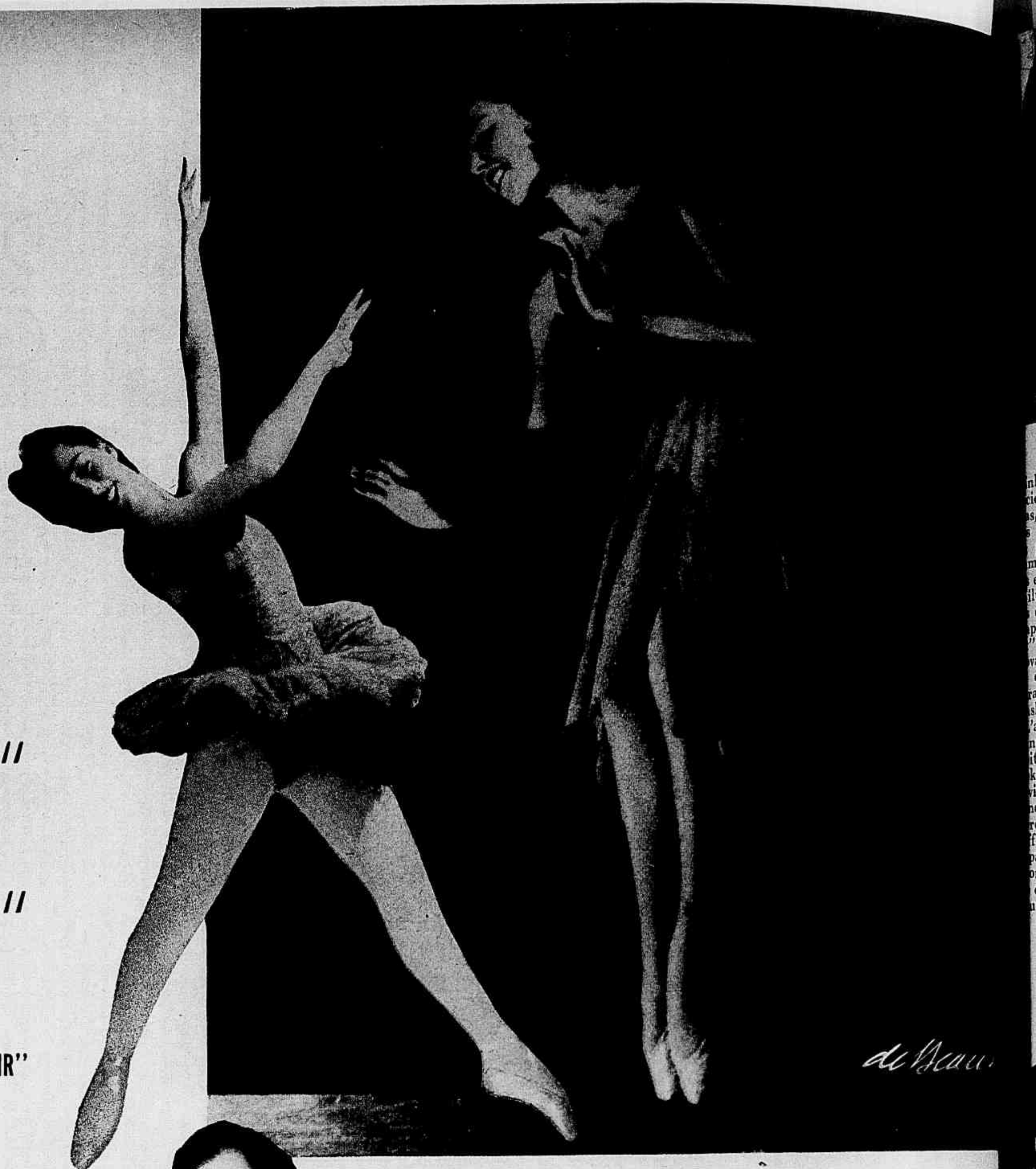
— Segundo andar.

Observei a escada de ferro, desanimadamente.

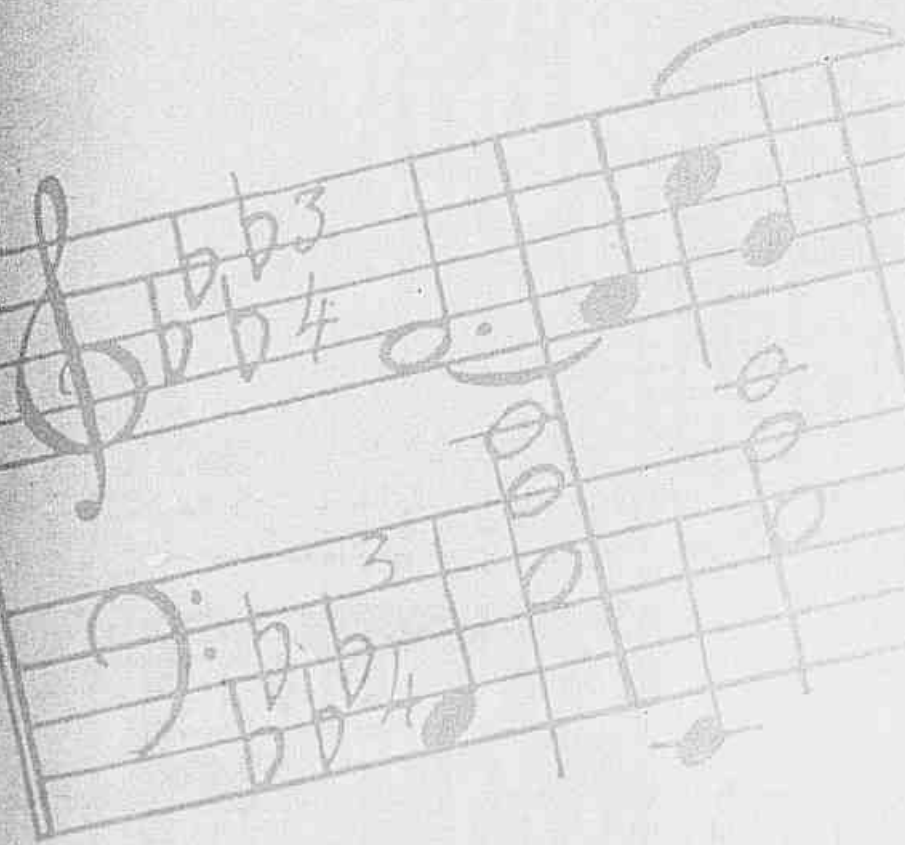
— Elevador?

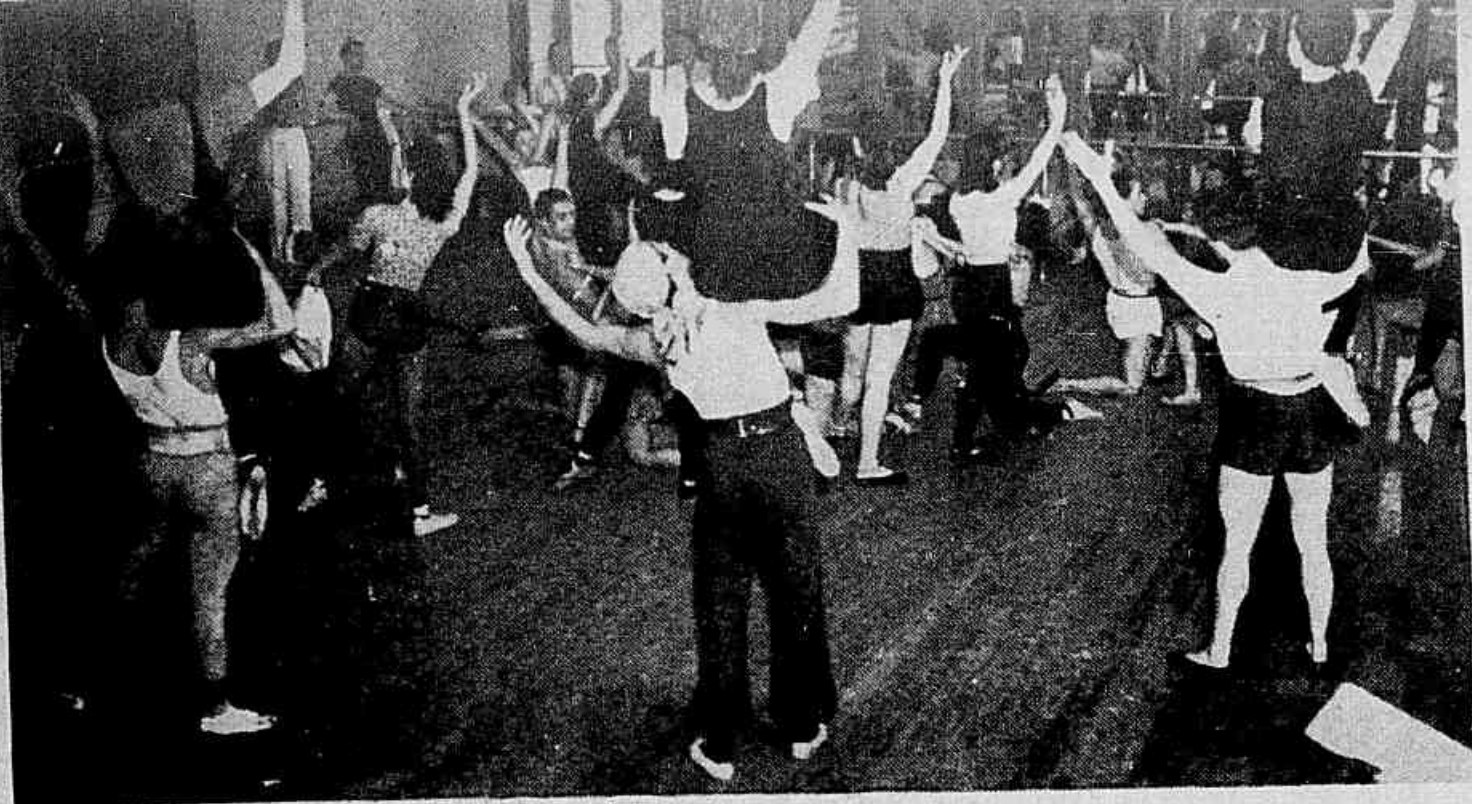
— Ainda é luxo, madame.

Resolvi treinar alpinismo. Entretanto ao atingir o segundo lance, olhei naturalmente à esquerda e imergi nas sombras do grande palco silencioso onde, apenas, dois homens trabalhavam no ajuste dos cenários. Eu bem sabia — claro que sabia! — que Arnaldo Vieira, nosso fotógrafo, estava à



de Beau





inha espera e, com certeza, im-
ciente pela demora. Mas as som-
as, a princípio manchas esbati-
as a esfumino, corporificavam-
pouco a pouco, cercaram-me
uma sucessão de deslumbramen-
e eu vivi (não foi absolutamen-
ilusão ou maluquice!) vivi as noi-
de legenda que caracterizaram
aparecimento e o apogeu do "bal-
russo. A primeira a chegar foi
vlevska. Trazia um apanha-
de cravos rubros oferecendo-se
ra apresentar-me a Vaslav Ni-
sky — genial coreografo de
après midi d'un faune" — que
nsara como um deus, naquela
ite, "Le spectre de la rose" de
kine. Barskt, o desenhista ma-
vilhoso, estava apressado mas,
nda assim, contou-me como e
rque Sergei Pavlovich Diaghi-
ff resolvera levar a Paris e á Eu-
pa ocidental o que havia de me-
or e mais representativo no mun-
coreográfico dos teatros de Mos-
u e S. Petersburgo. Bronia refe-



riu-se á vida faustosa da Kshes-
sinskaya e ao esplendor da Karsa-
vina, até que resolveram dansar,
sob meus olhos atônitos, "Le fes-
tin", "Le coq d'or", "Le pavillon
d'Armide", "Petrouchka" e "Sché-
herazade". Subito, o silencio... Do-
cemente, sutilmente, como só os
cismes sabem morrer, Pavlova, a
poetisa lirica do bailado desfa-
lecia no palco...

Voltei ao mundo tangível, quan-
do, a dois passos de mim, Arnaldo
Vieira, abanando a cabeça, inter-
pelou-me, entre decepcionado e di-
vertido:

— Então? Fazendo reportagem
num teatro vazio?

— E' verdade... e o mais engra-
çado é que, antes de morrer, ela me
assegurou que as fotografias bat-
tidas por você eram as melhores do
mundo...

— Ela quem?
— A Pavlova.

(Continúa na pag. 51)





O VALOR DA DISCREÇÃO

A elegancia é compreendida por grande parte dos homens, como sinónimo de aparato e luxo. Esta concepção errónea leva constantemente os donos de belas residências a convertê-las num *bric-a-brac* que, não raro, toca às raias do grotesco, simples e unicamente por não ter o ornamentador o verdadeiro senso da elegancia. Esta variedade infinita de cores berrantes e linhas heterogeneas, não deturpam só o estilo moderno. Mesmo os ambientes coloniais ou góticos são desfigurados e meude por este gosto inconciente pelo colorido multiplo.

Aqui vemos dois elegantes interiores, onde se nota a preocupação do ornamentador em manter, tanto num como noutro, uma linha de discreção que lhes dá um encanto singular. Assim se vê que as linhas antigas como as modernas apresentam sempre beleza e graça, desde que sejam ambas trabalhadas com discreção.

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA 67

NÃO TEM PERDO ANEXO NEM FILIAIS

Para a temporada do Municipal

Você, que vibrou com a 7.^a sinfonia de Beethoven interpretada pelos bailarinos russos, que ficou empolgada com a "Polonaise" militar de Chopin e sente alguma coisa indefinível quando ouve "Les bergamasques" de Debussy, provavelmente assistirá a temporada deste ano. E para que você também possa evocar a linha harmoniosa da verdadeira elegância, apresentamos as seguintes sugestões:

1 — Lindo penteado para uma cabeça loura. É feito de ondas suaves e cachos esboçados. No centro, um pouco atrás da franja, fica muito "chic" o laço de fita de veludo de seda preto.

2 — Lindo conjunto em negro. Chapéu ornado de rosas vermelhas que são também aplicadas sobre o vestido. Adereço de rubis e diamantes.

3 — Toque de filó negro combinando admiravelmente com o vestido de crepe setim. Uma orquidea branca, juntamente com o adereço em ouro, diamante e rubis, aumenta o encanto da "toilette".

4 — Elegante conjunto em cinza prateado e azul-plumbeo. Pulseira de platina e safiras.



CHERIO!

Nessa época de apreensões e incertezas que atravessamos, as partidas se nos apresentam mais tristes do que nunca. Por isso as garotas ruias da Inglaterra costumam dizer — fazendo votos para quebrar longas ausências — uma palavra apenas: Cherio! Na linguagem sutil do coração, Cherio significa: "Até breve, querido; volte depressa, sim?"

Vocês que estão de partida, tão elegantes nesses adoráveis costumes "made for trips and journeys" devem lembrar-se que, na gare ou no aeroporto, deixaram alguém apreensivo, alguém que começou num murmúrio e agora exclama sinceramente: "Cherio! Cherio! Cherio!"

Não se demorem muito... Seria maldade, não acham?

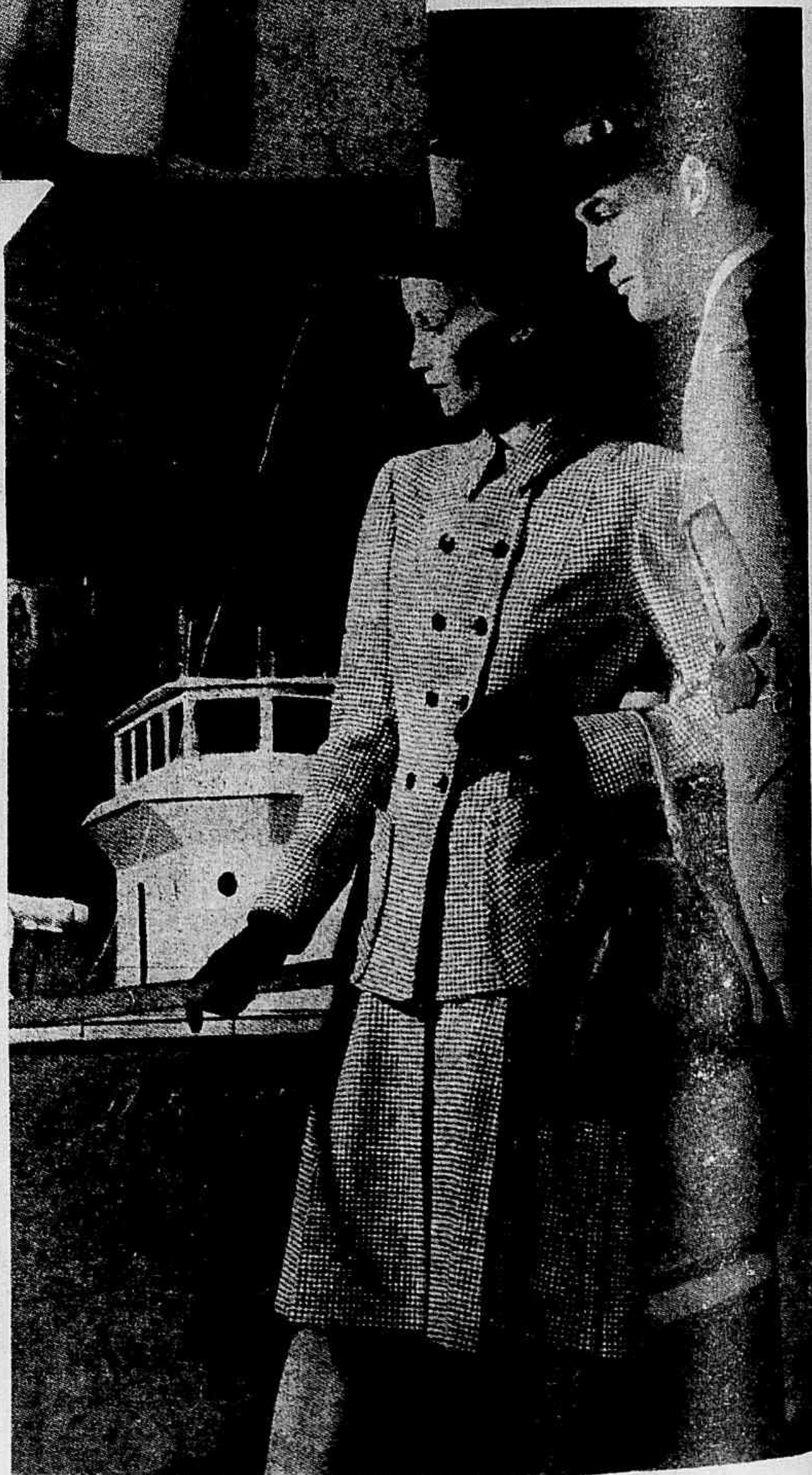


Metrofina



antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.





Você está com "spleen" e precisa do ar da montanha. Muito bem. (Terezopolis possui uma pracinha de eucalipto; Petropolis, caminhos orlados de hortências, e Caxambú um parque romântico e uma doce quietude sob o crepúsculo). Escolha um desses lugares, esqueça o trabalho e os filósofos complicados. Depois, em contato com a natureza, recupere as energias perdidas e a alegria de viver. Faça esportes, vestindo-se esportivamente e... aí vão alguns modelos bem próprios para você usar no combate ao "spleen".



Cure o seu
"SPLEEN"



BELEZA EM TODAS AS HORAS

Só o uso continuado de Cilion faz a beleza de todas as horas.

Cílios engomados e cobertos de tinta, são uma falsa beleza forjada em poucos instantes, que desaparece em poucas horas.

CILION - um produto da ciência para a beleza - destrói os parasitas da raiz das pestanas, e dá a cada cílio a força necessária para ser recurvo, escuro, sedoso e belo.

Cilion

Um produto
MOURA BRASIL

Pontos e meio pontos

Para você que tem uma filha estudante e esportiva e cujo filho foi convocado, oferecemos esses modelos de bom gosto e conforto, com a esperança de que lhes sejam úteis.



ESPORTIVO

Use este casaquinho depois de uma partida de tennis, ou com sáia e blusa. E' uma variedade do famoso ponto de cabo.

"PULL-OVER" SEM MANGAS

Faça um "sweter" exatamente como esse e use-o com camisa branca e calça de flanela cinza, no caso dele, ou com sáia, no caso dela.

CHINELOS LIGEIOS

Para usar com "slacks", sáia-calça, e "shorts" em casa. São tão

confortáveis como ter os pés descalços. As solas são reforçadas para que se possa usá-los fóra de casa. Devem ser de cor alegre. Laváveis tão facilmente como um par de meias.

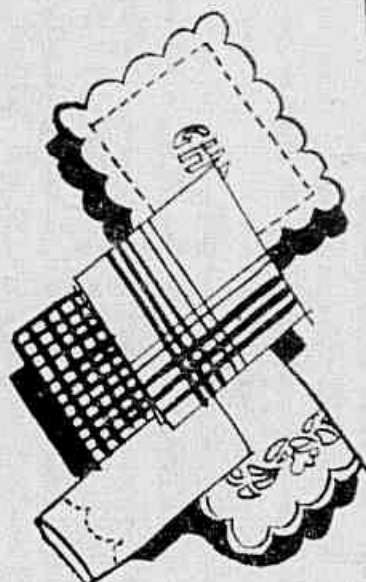
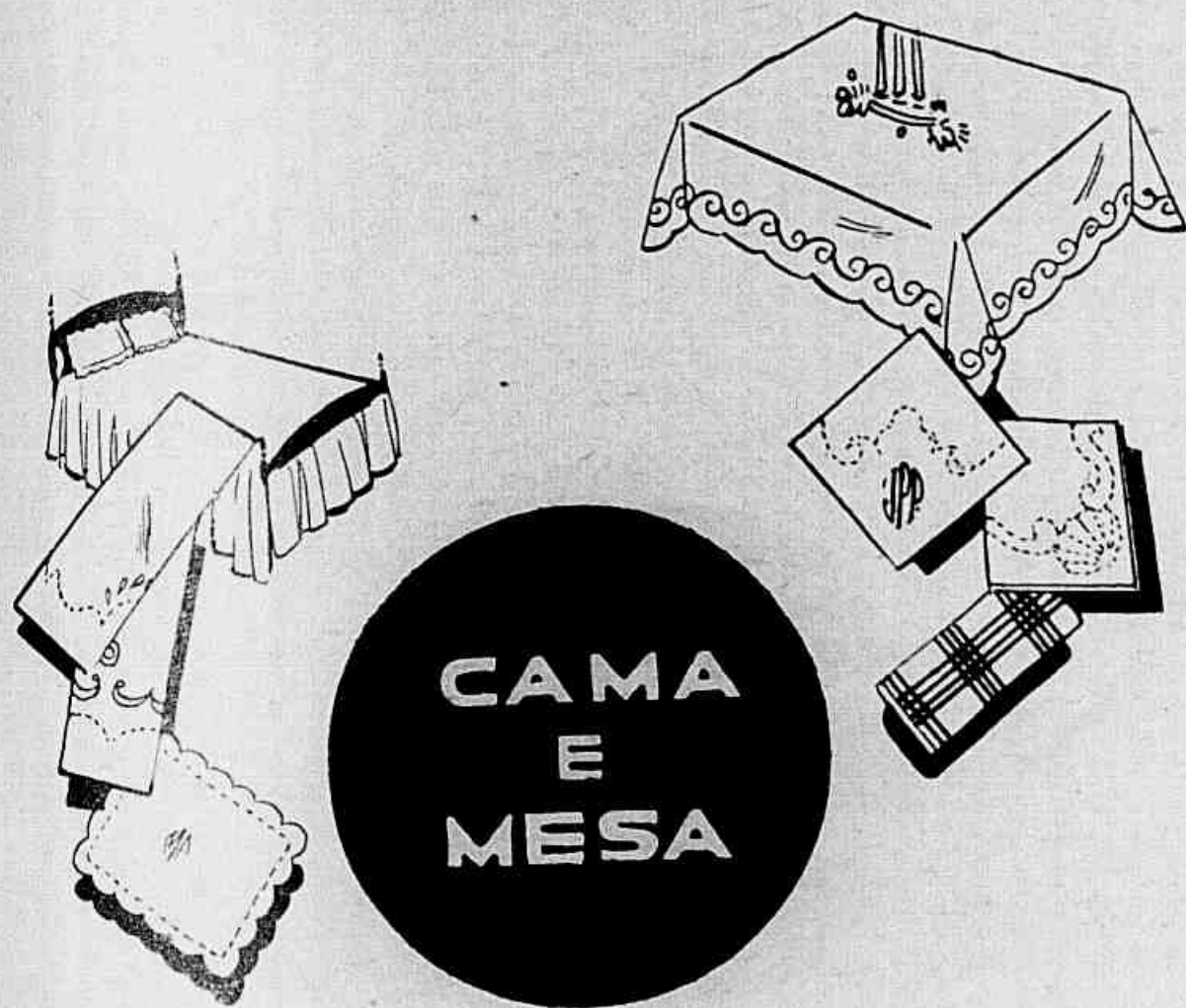
VESTIDO DE "CROCHET" E COSTURA

As costas, a frente e as mangas da blusa são feitas em "crochet" sendo que a pala, a gola, os punhos e a sáia são de linho ou de fina lã.



NOTRE DAME DE PARIS

ARTIGOS
OS MAIS
MODERNOS, BELOS
E
ELEGANTES
COBERTORES
E EDREDONS



A casa que mais barato vende em todo o Rio de Janeiro
Ouvidor. 182



Com a borracha de apagar lápis podemos eliminar, nas meias, manchas de barro, etc., num momento de pressa, quando nos falte tempo para lavá-las. Mas esfreguemo-la, levemente, atendendo à consideração que nos merecem as malhas.

A Guerra e a economia domestica



Sair com a roupa sem botões revela desmazelo. Mesmo porque a impressão de negligência tão censurável, nesse caso, alia-se à falta de comodidade. Por isso convém revistar a roupa, ao passá-la, pregando-lhe os botões que faltam.

sal, a previsão do futuro e as contingências do momento. O encarecimento de todos os produtos faz com que se ampliem as medidas de proteção para que o lar não sofra as consequências desagradáveis dos desequilíbrios orçamentários. Ora, se em relação aos alimentos devemos estabelecer uma orientação científica, o mesmo acontece em relação às roupas. Estas, pela escassez de alguns tecidos, experimentaram um aumento tão grande, que impõem o prolongamento de seu uso em



As abas dos chapéus de feltro devem passar-se sem tábua alguma. Se atendermos ao que indica a gravura obteremos ótimo resultado.

bom estado até o limite máximo e prudente. Portanto não invertamos nosso capital na aquisição de acessórios inúteis; antes procuremos uma boa costureira, hábil em reformas e em sugestões elegantes e modestas. É preciso que ponderemos acerca da situação. Em lugar de insistirmos no uso da seda, pensemos em outros tecidos de menos luxo porém mais adequados à situação. E, principalmente, se apreciarmos o uso das meias, muito cuidado! Elas encareceram terrivelmente e continuam desfiando com a mesma facilidade dos bons tempos.

Se, ao tempo de paz, a economia doméstica constituía uma ciência prática de cujo conhecimento dependia o equilíbrio e a felicidade de muitas famílias, hoje com o racionamento dos gêneros alimentícios e encarecimento das fazendas, torna-se fundamental a sua aplicação em todos os lares. A dona de casa tem que obter o aproveitamento máximo de quantidades mínimas, impostas pelas naturais restrições de guerra. É a combinação do conforto, do agradável, com a renda men-



Se isso aconteceu com você

Resolva seu caso de amor

Por SUSAN

Há duas semanas, precisamente, meu jovem amigo, o cientista G. entrou em minha casa desabridamente, e, antes que eu tivesse tempo de saudá-lo, exclamou: "Oh, Susan, estou desesperado: Maria vai propor uma ação de desquite!" Achei aquilo tão estranho que não respondi logo. G. não era homem para brincadeiras daquela espécie. Além disso amava imensamente a esposa. Ela chegara àquele extremo?

Algo terrível devia ter desabado sobre aquele casal que vivera — não só aparentemente, tenho certeza — que vivera, durante dez anos, em completa felicidade. Tinha bastante intimidade com G. e se ele me pro-

curara especialmente para um desabafo restava-me o direito de inquire-lo. Quebrei o silêncio penoso que se estabelecera entre nós:

— Por que?
— Estou culpado. Ou melhor, estava. Foi algo como um capricho. Algo sem importancia na minha vida mas que teve a capacidade de me iludir, transitoriamente.
— Outra mulher?
— Sim.
— Levantei-me, aparentemente, preocupada.
— Maria soube?
— Advinhou-o.
— Como?
— Ela é dotada de uma extraordinária inteligência.

Além disso, é mulher, excessivamente feminina e, ao que parece, vocês possuem uma intuição privilegiada, pelo menos, nesse sentido.

— Não sofisme, meu amigo. Recriminações, amarguras e ironia, não resolverão o caso. É preferível contar-me o que sucedeu.

G. acendeu, nervosamente, o terceiro cigarro. Na penumbra da sala, a luz do fosforo mostrou um semblante profundamente abatido.

— Pois não, Susan. Não pretendo me desculpar nem preparar o terreno para inocentar-me. Absolutamente. Não obstante você conhece a minha vida: Casei-me, tinha apenas 21 anos. Maria fora a suave, companheirinha de infância, toda bondade, doçura, inteligência. Um sedativo para meus nervos esgotados na luta cotidiana. Fisicamente, a nossa identidade era perfeita tanto que me tornei o maior apologista da doutrina a Maranon, segundo a qual, o homem verdadeiramente masculino é essencialmente monógamo. A princípio, pobres, pouco a pouco melhoramos até chegarmos à situação atual. Juntos estabelecemos os planos para a nossa casa da Gavea. Assistimos a sua construção. Estávamos já bem instalados na vida quando você nos conheceu. Lembra-se? Uma tarde, almoçou conosco e admirou-se como, parecendo tão imaterial, Maria pudesse preparar quitutes tão deliciosos... Entretanto ela era assim. Possuía o domínio completo em todas as situações. E a tranquilidade interior transparecia nos seus gestos, na inflexão harmoniosa da sua voz e, principalmente, no conhecimento de si mesma.

Na minha profissão, oferecem-se mais que em qualquer outra, inúmeras tentações. Entretanto não tinha olhos nem desejos para elas... Repartia meu tempo entre os meus livros e minha esposa. Até que... até que, para minha desgraça, uma velha amiga da família, a senhora do capitalista F., adoeceu... Era uma doença grave: complicações cardio-renais. Eu tinha obrigação como médico e como amigo de permanecer junto dela, principalmente durante a noite. E foi então que, na sua radiosa beleza e tentadora viuvez dos 26 anos, a outra apareceu. A outra, digo mal, porque de, fato, não representou esse papel no meu destino...

— Era X...?
— Sim, era X... não ha razão para ocultá-lo. Você também a conheceu: nervosa, alegre, brejeira e misteriosa como um segredo de amor. De constituição física completamente dessemelhante da de Maria. Jamais soube o que desejava e aliás confessava frequentemente: "...a vida não deve ser vivida monotonicamente. Vou vivendo segundo meus instintos e os pendores da minha inteligência, escolhendo ou desprezando, orientando-me apenas pelo meu senso critico..."

Pareceu-me, ao começo, mais enigmática do que era realmente. Entretanto, apesar do seu egoísmo, conhecia-a numa crise de verdadeira afeição pela avozinha enferma. Trabalhava infatigavelmente e durante aquelas intermináveis noites de vigília, não raro, trocávamos ideias. Em geral, rebatia todas as suas asserções. Ela

ficava amuda mas logo depois se desculpava e fazíamos as pazes.

Uma noite, falou-me demoradamente e suas mãos retiveram as minhas, muito mais que o necessário. Não as retirei também (af iniciou-se o que, na minha terrível confusão que nem Freud ou Adler, conseguiriam explicar, eu chamo *meu erro* ou *minha grande experiência*).

Naquela noite, em casa, não me referi a ela absolutamente. A doente apresentava sensíveis melhoras. Não precisava mais de assistência médica mas eu, levado pela primeira aventura da minha vida por um capricho ou pelo orgulho de não parecer covarde fugindo ao desafio que ela me lançara, voltei àquela casa. E o incidente tornou-se um acidente, Susan. Pensei que Maria não suspeitasse de nada e agia como um colegial. Entretanto o meu remorso era tamanho que, não usufruía, naquela amizade ilícita nenhuma sensação de plenitude ou de felicidade.

Maria, porem, adivinhou tudo. E uma tarde, mansamente, docemente como sempre me falara, pôs às claras a situação com uma minudência que me deixou pasmo. Disse-me que compreendia o amor que eu devotava a X... E que nenhum de nós era culpado. Como eu queria muito, é verdade, mas deveria sacrificar-se para o bem de todos e fazia absoluta questão de me conceder o desquite para que a situação ficasse menos embaraçosa.

— E você?
— Chorei como uma criança e daquela data em diante nunca mais procurei X... Rompi com ela definitivamente.

— Pobre G...
— E o pior Susan é que Maria está irredutível. Fez a petição inicial para o desquite. E você bem o compreende: ela é tudo para mim... é a tranquilidade; a paz; o unico objetivo de minha vida. Sem ela sinto-me tão desamparado como um menino que se perdeu. Tenho sofrido terrivelmente, Susan. Muito mais do que eu mesmo poderia acreditar. Vim aqui para um desabafo em regra e para pedir a você que interfira junto de Maria. Ela sempre considerou-a tanto, Susan. Faça alguma coisa por nós...

E deixou-se ficar, pálido, e desalentado na poltrona enquanto os cigarros se sucediam no cinzeiro...

Ainda naquela noite fui à casa de Maria. Encontrei-a perfeitamente calma, num elegantíssimo costume de viagem e preparando as malas.

— Maria, meu bem, G. esteve lá em casa e contou-me tudo. Está completamente desesperado.

— Não omitiu nada?
— De modo algum. Inculpou-se mais ainda.

— Pobre querido. Se soubesse o quanto me custa vê-lo sofrer assim. Entretanto, Susan, acho que os seus conselhos deram ótimo resultado. Ele acabou completamente com X... e sabe aquilatar agora o meu valor.

— Entretanto, Maria, não aconselhei o desquite...
— E' para que ele sofra mais ainda. Com uma simples separação não teria a certeza de me perder irrevogavelmente e não poderia avaliar o que significava na sua vida.

E depois, apenas iniciei o desquite. Isso não quer dizer absolutamente que vá terminá-lo. Além do mais, não aguentaria ficar tanto tempo longe dele. Sei Susan, e como me sinto feliz com isso, sei que é a mim que ele ama e que sou imprescindível na sua vida. Esta é a razão pela qual perdoo a sua infidelidade. Ele não teve aventuras tão comuns aos rapazes solteiros; por isso agiu como um colegial em relação a X... Não obstante, é necessário. O bastante para não incorrer em erros futuros. O bastante para que reiniciemos nossas vidas, vitoriosas completamente da experiência que tem destruído tantos lares felizes.

SE É
ZIP **Reor**
É RÁPIDO, SEGURO,
RESISTENTE, DURÁVEL!



Comparavel em tudo aos melhores zips estrangeiros, REOR é, entretanto, vendido a preços muito mais acessíveis, porque é fabricado no Brasil.

E a satisfação que o seu uso lhe garante, é sempre a mesma, pois REOR é feito de material inoxidável e resistente, livre da ação do tempo e inatacável pela soda do sabão comum. Experimente-o! Verá como REOR é prático e corresponde 100% às suas exigências.

COMPANHIA BRASILEIRA
DE METAIS



Aposto que:



Greer (Mrs. Minniver) Garson, a mais tranquila expressão de beleza que o cinema nos deu, preconiza também as seguintes regras de higiene e beleza:

A limpeza do rosto com um sabão recomendado por dermatologistas.

Constante asseio da boca; (da conservação dos dentes e do seu bom aspecto muito depende o éxito feminino).

Banho diário com sabão bastante espumoso para rigorosa limpeza da pele.

Cuidado com os olhos! Evite a vermelhidão e a queda dos cílios. Use, de quando em vez, um bom colírio.

No "maquillage", talvez o ponto mais interessante seja o da aplicação do "baton". Evite o exagero... Lábios pintados em demasia com o contorno diferente causam sempre má impressão.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS

RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

A VENDA EM TODA A PARTE

Sob o Crepusculo

Lindas sugestões, executadas em "crêpe rayon", lã e veludo de seda, para a tarde — recepções, chás, "cock-tails", etc. — sendo que algumas pôdem ser usadas de noite.



10



3



2



5



6



8



7



9



1

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo



4



Além do Horizonte Azul

Dorothy Lamour veio com o "sarong" e sua beleza morena foi o maior cartaz de propaganda para as ilhas onde flores, guitarras e palmeiras modelaram um ambiente para o Amor...Tudo isso, com os maravilhosos contos de Somerset Maugham e a vida aventureira de Gauguin em Taiti — a ilha das policromias inesquecíveis — fez com que os costureiros de New York se inspirassem nas terras dos mares do sul ou nas praias do Pacífico, adaptando seus motivos regionais ao gosto americano. Daí esses deliciosos modelos.



PERGUNTE às Sras. de bom gosto...

NÃO causa inveja a mulher sedutora? A mulher que sempre se veste com bom gosto — que nunca deixa de parecer sadia e encantadora, em qualquer situação — e que traz sempre consigo a impressão indescritível de bem estar? Observe-a atentamente. Verá que o cuidado esmeroso dos dentes é uma de suas primeiras preocupações. O brilho natural de dentes como pérolas, em gengivas rosadas e saudáveis, torna possível esse sorriso radiante — realça a personalidade e o encanto! E' por isso que tantas mulhe-

res inteligentes usam o Creme Dental Squibb. Elas adoram a maravilhosa sensação de frescor que lhes produz na boca. O hálito purifica-se, os dentes não só *parecem* mais limpos, mas, *estão* mais limpos. O Creme Dental Squibb passa por 100 rigorosas provas de pureza antes de ser posto à venda. Nada contém que possa arranhar o esmalte ou irritar as gengivas. É, também, feito com um eficaz *anti-ácido* — o Leite de Magnésia Squibb. Porque a senhora não experimenta este puro e delicioso dentifrício?

Creme Dental Squibb

251

ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.



O açúcar... ah! o açúcar!

A propósito do racionamento do açúcar e das filas que se sucedem, mal aponta numa rua o "caminhão miraculoso", resolvemos, hoje, oferecer, a par de umas receitas, um pequeno histórico desse produto que, em pleno século XVII, já originava no nordeste brasileiro a típica sociedade do senhor de engenho moldada no patriarcalismo rural.

O açúcar, no Brasil, é extraído da "cana", — graminea da tribo das falançais, do gênero "saccharum spontaneum ou saccharum officinarum", de caule cheio composto de medula geral cujo tecido celular repleto de suco açucarado é mais condensado nas proximidades da casca, lisa e dura. O caule principal é um rizoma subterrâneo donde se originam numerosas raízes adventícias e ramos secundários aéreos providos de nós — inserções das folhas invaginantes e achatadas que se dispõem em duas filas. As flores finalizam num panículo amplo, enquanto os frutos contêm uma semente oblonga envolta pelos envólucros florais.

Segundo Candolle, é de origem indú, tendo sido introduzida no Egito pelos árabes assim como na Sicília e na Espanha, durante a Idade Média. Conhecem-se muitas variedades da Cana de Açúcar sendo que em Taití contam-se mais de sessenta. Multiplicam-se por plantações, salvo nos raros casos de regeneração por sementeiras.

Durante muito tempo, o Brasil foi o maior produtor de açúcar do mundo,

dominando o mercado e levando grandes riquezas à corte de Portugal. Hoje, entretanto, ocupa o sétimo lugar na classe dos grandes produtores em relação à quantidade, mas é quase o último em relação à qualidade. Isso devido aos erros dos cultivadores nacionais, assim como ao incremento tomado, por esta espécie de cultura nas Índias Ocidentais, Luízia, América Central, Oceania, etc. e também devido à grande aceitação do açúcar extraído da beterraba.

Aparentemente a indústria do açúcar da cana começou mais ou menos simultaneamente nas duas capitânicas de S. Vicente e Pernambuco pelos meados do século XVII. Nesse tempo, dizia-se que a cana mirim ou cieoula era nativa do Brasil e que tinha sido descoberta em S. Vicente. A propósito do sólo, Gabriel Soares afirmava que, no Brasil, ela crescia em toda a parte sem nunca se adubar o terreno, que alguns campos tinham dado colheita durante 30 anos e que, em regra, as terras baixas nunca empobreciam enquanto as altas davam 5 ou mais colheitas. Martim Afonso de Souza, importou então da Madeira semente de cana "cultivada" estabelecendo dois engenhos: o de S. Jorge, em S. Vicente (1534) e o de Itamaracá. Entretanto Jerônimo de Albuquerque estabeleceu também o engenho de Nossa Senhora da Ajuda, na vizinhança de Olinda. Em 1548 entrou em vigor uma lei concedendo lotes de terreno, junto à costa, a pessoas que dessem estabelecimento engenhos, o que deu grande impulso à cultura da cana.

Atualmente, Pernambuco é o centro desta indústria; nesses últimos anos tem tido grandes aperfeiçoamentos tanto na cultura como no fabrico, com excelentes resultados. A cultura é feita em toda a zona costeira consagrando os agricultores muita atenção à seleção dos rebentos e sementes, de maneira a aumentar o rendimento. Os estados do nordeste seguem o exemplo de Pernambuco. No Estado do Rio, Campos apresenta-se, também, como uma grande cidade açucareira.

Não obstante a guerra chegou. Devemos pensar nos "stocks" para as contingências futuras, desde que as aplicações do açúcar são inúmeras em todos os setores da vida econômica de uma nação. No nosso caso não podemos analisar apenas o problema do Brasil mas sim, colaborarmos no destino das nações amigas e no abastecimento eficiente das nossas tropas.

Portanto, sorriso nos lábios, confiança no coração e um lema: "Entra na fila!"



Campo de Sem. de Cana de Açúcar do Cariri

OLHE!

COMEÇAR BEM O DIA E EVITAR
A FADIGA DEPENDE
DÊSTE
ALIMENTO



"SUPER"

Necessitamos todos, diariamente, de uma certa quantidade de Thiamina (vitamina B1). Eis a maravilhosa vitamina "contra a fadiga". É indispensável para conservar a energia, fortificar os nervos e facilitar uma boa digestão. Uma tríplice riqueza em Thiamina faz da aveia Quaker Oats o alimento "super" para todos.



Os bebês se desenvolvem melhor

quando diariamente alimentados com a aveia Quaker Oats. O aproveitamento integral do grão dá a este cereal riqueza em proteína que firma os tecidos e fortifica os músculos; riqueza em fósforo, que forma ossos e dentes fortes; riqueza em ferro, para fortalecer o sangue.

A aveia Quaker Oats é um alimento delicioso. Pode ser preparada rápida e economicamente de várias maneiras. Pelo seu agradável sabor toda a família servir-se-á de Quaker Oats com prazer. Saudável como é beneficiará a todos. Compre hoje mesmo uma lata da aveia Quaker Oats.

Há pessoas que às vezes se referem a aveias inferiores, chamando-as imprópriamente de Quaker. Só há uma aveia Quaker - a original e legítima - identificada sempre pelo nome e pela figura do Quaker. Rejeite substituto.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



30 v.

Agora umas receitas deliciosas para quando acabar o racionamento:

PUDIM DE ARROZ

Ingredientes: — 8 ovos, 250 grs. de açúcar, 250 grs. de arroz, 5 chicaras de leite, 125 grs. de queijo de Minas, ralado, 125 grs. de manteiga. Passa-se em peneira fina o arroz após ter sido cozido no leite. Juntam-se a seguir, os ovos batidos, o açúcar, o queijo e a manteiga, uma pitada de sal e outra de noz moscada. Misture-se tudo muito bem. Forno em forma untada. Pode ser servido simples ou com molho doce.

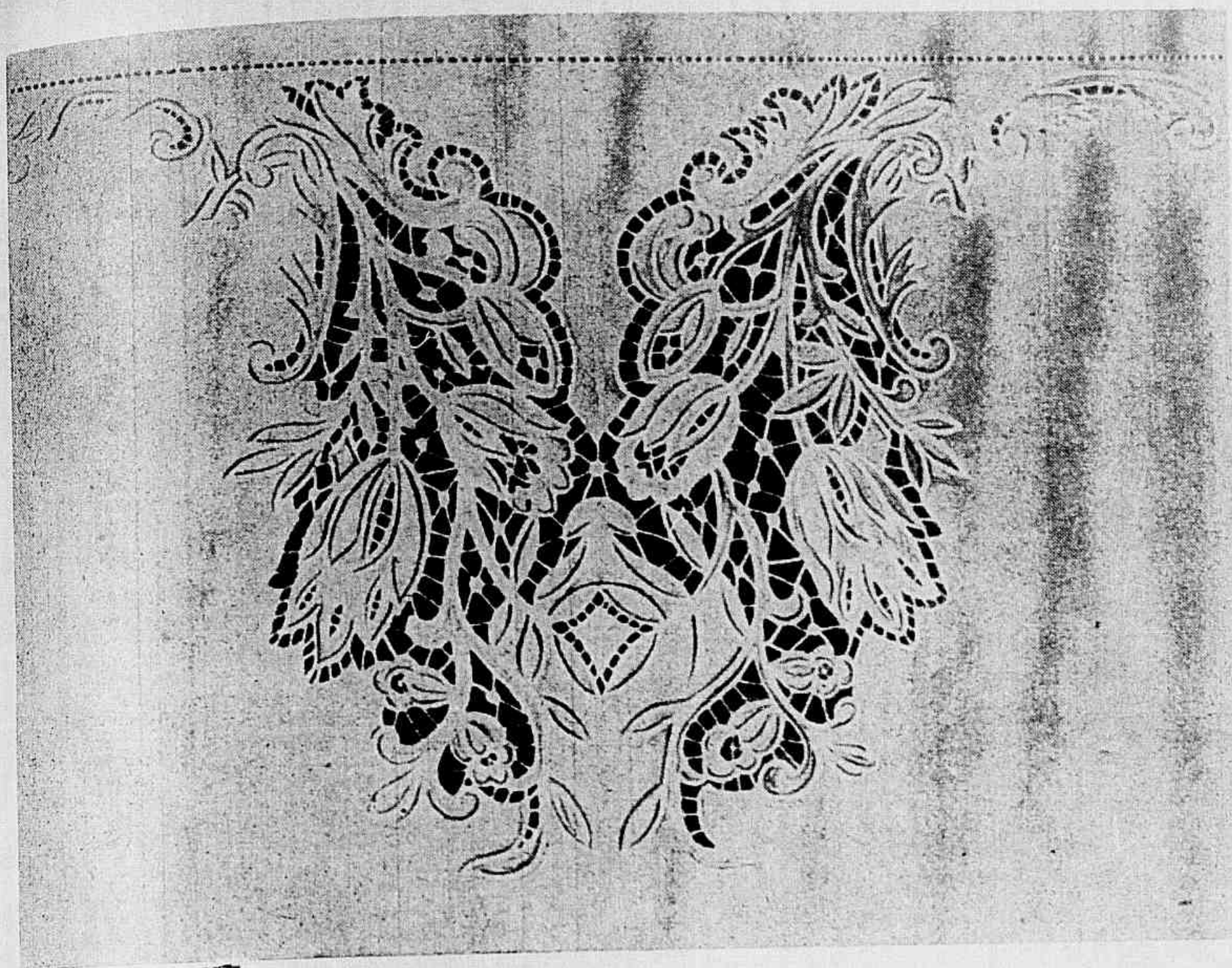
PUDIM DE CHOCOLATE

Ingredientes: — 2 pás de chocolate, 2 chicaras de leite, 200 grs. de açúcar, 6 gêmas de ovos, 1/2 colher de manteiga, 1 colher de maizena. Dissolver ao fogo, o chocolate em 2 chicaras de leite. Misture-se as gêmas, o açúcar, a manteiga e a maizena, batendo-se bem, antes, as gêmas com o açúcar. Despeje-se quente, sobre esta mistura, o chocolate dissolvido no leite. Leve-se ao forno, em forma untada. Servir com creme de baunilha para recheio.

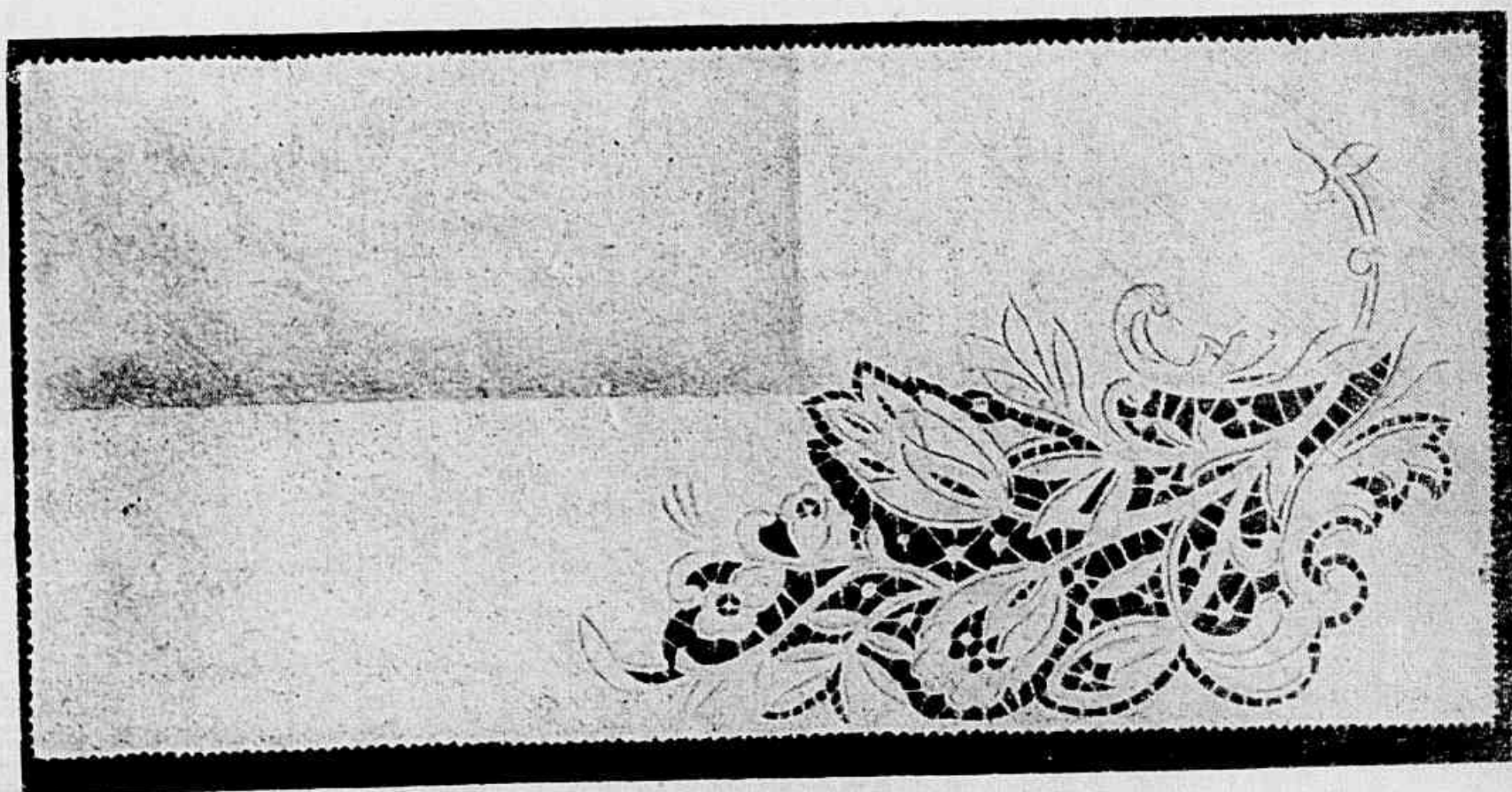
PÃO COM AÇÚCAR

Ingredientes: — 7 colheres de farinha de trigo, 1/2 chicara de leite, 1 colher (de chá) de sal, 1 colher de fermento Royal, 1 colher de manteiga, 1 colher de açúcar. Depois de tudo bem misturado, abra-se a massa até ficar com cerca de 1 1/2 cm. de espessura. Corta-se com um cálice e leva-se a assar em taboleiro polvilhado. Forno regular.





Flores, com sua folhagem em clássico Richelieu, adornam aos quatro diferentes trabalhos que apresentamos nesta página e que são os seguintes: um bonito "stor" que se pôde adaptar a janelas largas ou compridas, um pano para mēsinha, uma cortina e um centro de mēsa. O material adequado para sua confecção é o linho de contextura grossa; para o bordado emprega-se fio branco mercerizado bastante grosso.



BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

O Lar

Torne seu lar um mundo maravilhoso

Motivos a RICHELIEU

No "stor" traça-se o desenho, consistindo esse de dois grupos de flores que se encontram no centro do trabalho; todos os contornos das figuras são feitos em ponto de festão meudinho; e nos lugares indicados se fazem também as "bridas" a ponto de festão; quando se termina o bordado recorta-se a tēla que se encontra entre as figuras e debaixo das "bridas". Na bainha faz-se "trou-trou".

O pano oval leva um desenho no qual sōmente se emprega a figura de uma flor, suas folhas e arabescos; tudo é executado como no caso do "stor". Em volta do pano, pequenos bicos tecidos de gancho.

Para a cortina, risca-se começando no angulo da base e prolongando-se nos lados da mesma. O bordado é executado em ponto de festão. Na bainha cobre-se a costura da máquina com pespontos largos.

O centro de mēsa leva o enfeite em fōrma de esquina, sendo contornado com bicos de tecido de gancho.

MOBILIARIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Móveis "Lamas", expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuízo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos, facilidade de pagamento. Os móveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruário anexo à fábrica.

OS CIGANOS

(Conclusão da pag. 11)

bestinha que, mesmo puxando muito, haverá de ter uns seis anos no muito. E' conhecida em todo o Rio Novo. Mesmo eu só vendo — vosmincê acredite — por que estou na grande precisão. Nem ainda igualou os dentes, veja só, patrãozinho — e o cigano forçava o animal a escancarar a bocarra, pinçando-lhe, com uma das mãos, energético, as ventas, e com a outra interpondo o polegar e o indicador, entre as mandíbulas, engarrando-as. E o animal bufava, sacudindo a cabeça, as pernas retêzas.

Afinal, depois de três dias, venceu o Capitão com as suas falas mansas, terminando por garantir a maior lisura em todos os negócios. O Sub-delegado acabou, assim, cedendo às suas lamurias, porém impusera, logo, uma condição sagrada: ficava totalmente proibida a entrada do traficante do negócio da besta, sob pena dele, Capitão, ser severamente punido.

— Pois está certo, meu patrão. Ele não virá cá. Dou-lhe a minha palavra de honra. Meu patrão ha de dizer que cigano não tem palavra nem honra. Mas eu também não sou cigano. Sou genuíno baiano. Sou da família dos Mouras, das Lavras Diamantinas. Quando rapaz, apaixonei-me por uma cigana, que hoje é minha mulher. Ela era bem bonita nesse tempo. Casei-me com ela, por paixão, esta a triste verdade, mas não sou cigano. Até que nem gosto dessa vida que levo. Minha mulher, hoje, está que é uma raposa, mas não posso mais largá-la, tenho oito filhos dela. Vosmincê vê, meu patrão, quis o destino que eu visse com eles, entre eles, mas eu não sou cigano".

Assim, com essa restrição, a autoridade transigiu.

E uma manhã ensolarada, a passo curto, entrou o bando errante em cortejo.

Cavalgavam nedias alimarias, umas cangalheiras, outras finas de silhão, na maioria burros e bestas, os mais tidos e apreçados animais daqueles rincões de estradas difíceis e burocráticas.

Entre os costados, constituídos por trouxas contendo trens ou velhos baús, tauxiados, recobertos, de couro curtido, escanchadas sobre cangalhas, vinham as mulheres.

A cabeça moldava-se-lhes sob algum lenço de Alcobaça, meio desbotado pelas chuvas e soalheiras. A's orelhas, penduravam-se-lhes argolas de ouro, fascantes; e colares, também de ouro, e a coruscarem, enroscavam-se-lhes ao pescoço, tecendo muitas voltas, ou lhes caíndo sobre o peito numa volta só, ampla.

As suas vestes eram sujas e encardidas, com as cores já esmaecidas pelo tempo.

E, através das blusas desafogadas, repontando cabeções empoeirados e suarentos, via-se-lhes, a todas, largo trecho do colo, e onde começavam os seios.

Todas exibiam um resto tostado, surdindo de entre grandes tranças, que pendiam sobre os ombros e sobre o colo.

Algumas conduziam crianças ao regaço, de meses. Outras, aos mais crescidos, traziam-nos á garupa. Eram os filhos.

Da sela, vinham os homens, chapéus de abas largas, bigodes fartos, caindo sobre a boca, onde cintilava o inferno dos dentes de ouro.

A população vira-os passar, levantando uma forte nuvem de poeira, correndo com ar de alvoroço ás janelas, para gozar aquele espetáculo devéras divertido.

A' tarde, nuns terrenos devolutos das circunjacências, já lá estavam armados os amplos pesados toldos de lona, num alinhamento espaçado, como aves estranhas de asas espalmas, imóveis e prestes a voar.

Panels fumegavam ao lado... Crianças, nuas e sujas, brincavam em redor, a rolar pelo chão e ás cabriolas. Os mais — homens e mulheres — confabulavam numa promiscuidade absoluta, companheiros de mesma lida, dos mesmos segredos, do mesmo destino.

Os Ciganos tinham deitado os animais em manga proxima. Nos abarracamentos, ás duas e ás três, espriavam-se selas e cangalhas, pelo chão, ou pendentes de algum gancho.

E, das mantas e baixeiros, tressandando a suor, muitos forravam o chão, improvisando com eles travesseiros e camas.

Pelo anoitecer, em passeio, vieram vindo curiosos da população, a correr o abarracamento. Estava, ali, mesmo, a gente melhor do lugar. Dos primeiros a chegar, num grupo trepidante de moças, foi a Luizinha Borges, a quem muitos tratavam de Professorinha, por ser a mestra da petizada da terra. Era, a bem dizer, a alma do lugar, com o seu tipozinho devéras delicado, na graça dos vinte anos louços. E animava, sempre, a vila, pelas festas religiosas do Natal, ou pelos novenários, organizando ranchos alacres, que, debaixo de lantejoulas e fantasias de papel arengueiro, iam de assalto ás casas dos graduados do meio, á luz de lanterninhas pendentes de bastões engalanados, batendo pandeiros e enchendo a noite de quadras louvaminheiras e místicas. De outras ocasiões, promovia festivais escolares, que eram a delícia da população, fazendo representar, na grande sala de aulas, ou em algum teatrinho, adrede preparado, entremezes que ela mesma escrevia. O programa era sempre completado com alguns monólogos e canções, que a Luizinha quasi arrancava a pulso do promotor da comarca e do dentista da localidade, os quais, tontos com tantos pedidos, se punham em duelo de morte com as musas, num esforço titanico, afim de desobrigar-se do encargo imposto.

A musica, arranjava-a o fecundo mestre da filarmônica, o Vitorino Gomes não importava quantas.

Tinha a Luizinha uma maneira viva, mas sem afetações nem demasias, á qual animava sempre a graça contagiante dos seus olhos trefegos. A alegria natural do passaro em liberdade que, sendo embora traquinice, nunca é irritante. E ela punha um jeitinho no labio circunflexo, ao falar — falando e sorrindo, é o termo — mostrando a serie linda dos dentes perfeitos, que lhe dava uma nota peculiar á fisionomia, que agradava, tornando-a uma flor verdadeira de brejeirice inconciente. Surgiu no bando, entre as outras, contando alguma historia, que fazia que as companheiras convergissem as cabeças para ela. Pouco alem, se descentralizou a conversa, e as raparigas desviaram a atenção para o espetáculo multifario que se passava em redor. Em certa altura, sem que as outras o notassem, a Professorinha ficara-se para tras, "perdida".

— Gentes, será que os Ciganos teriam roubado a Luizinha? gracejou uma.

Mas, não. A Luizinha, instintivamente, houvera entrado em uma das barracas, onde, ao passar, vira uma cigana, num ar de grande aflicção, ás voltas com uma criança de meses, que lhe pareceu logo doente. E era-o. E uma palavra de interesse, e mais outra, e acabara entrando.

Era um bebê languenzo, pobre ente mirrado, costelas de fora, pele seca, e pragueada, em cujo rosto avultavam, de cada lado da bocca, como dois parentesis, duas fortes rugas cavadas. De um para outro canto, dizendo-lhe palavras de consolo e alivio, ia e vinha a Zingara. O infante quasi não dava acordo de si, langue e flacido, frio, com alternativas de um pranto chorominguado, sentido.

As companheiras da Luizinha nem tinham visto o dorido quadro, ao passar, porem ela já estava, intima e interessada, toda interrogações á pobre, lembrando-lhe remedios caseiros, sondando-lhe as necessidades, prometendo trazer o medico da terra, com pouca demora.

Em breve praso, foram as amigas da professora encontrá-la, bem á vontade, sentada sobre uma cangalha, a um canto da barraca. As outras entraram também, mais ou menos condoidas daquele grande sofrimento, dizendo frases de ternura e animo.

A' noite, o povoado enchera-se daquela situação pungentissima. Outras muitas pessoas foram ver o desgraçadinho, aconselhando á triste mãe novas mezinhas ou preparados popularizados. Já viera o medico, a pedido da Luizinha, a receitara qualquer coisa.

Correram, assim, varios dias, sem quaisquer melhoras para o pequenito. Era de ver, todas as tardes, bandos de pessoas, tendo a Luizinha no meio, fazer a mesma assistencia de carinho, conselhos e consolo. Mas, a triste criatura marta descreia já de tudo. Antes, quando o Capitão se empenhava pela licença, que o Sub-delegado tanto resistira em dar, até foi lembrado o estado da criança, pois ali os recursos eram bem maiores. Mas agora, já andara o medico receitando e tudo continuava no mesmo... para pior.

O pequenino ia-se, ia-se...

Almas mais compassivas enviavam-lhe algum leite do estabulo particular, outras presenteavam-lhe farinhas medicamentosas... Um garantira que somente leite humano faria o milagre de uma ressurreição. Mas, onde, santo Deus? Das ciganas, que tinham filhos pequenos, nenhuma possuía mais leite. Nenhuma! Nem outra pessoa lhe oferecera também...

Ainda interveio o medico, com outras poções, sempre inuteis. Nada!

Depois de alguns dias, era, já, em romaria, que a gente do povoado, mullheres sobretudo, acorria á barraca, onde definhava o misero. E lá estava ele, nos maternos braços, cada vez mais intanguido, mais consunto e mumificado, esgargalhado, imovel, menos os olhinhos, muito acesos, movendo-se como protptivel, sem uma convulsão, sem um tregeito de face, siquer, que ele, enfim, se extinguiu.

A propria mãe não no sentiu, dando com o pequenino frio, bem morto, no concheço do colo.

A morte da criança comoveu todos. Uma senhorinha bem apessoada oferecera-lhe o esquife, onde o armador aldeão pusera o maximo de mimos. E flores, e muitas flores foram sem conta, que lhe enviaram...

Já o sol quebrava á hora do enterramento. A professora comperecera com todo o collegio em forma. Viera também a Filarmonica, numa homenagem piedosa e tocante.

Todo o redor se movimentou áquele instante. A melhor gente do lugar havia chegado...

Cantava, no espaço, o b'imbalar argentino das campas de uma torre proxima. Enfim, ambulou o cortejo, pela rua fora, calmo, numeroso, levantando no ar uma nuvem fina de poeira. De uma parte e outra, ás janelas, afluíam rostos.

Escapavam expressões de pena. Bandeijas floridas saíam ás portas.

O cemiterio ficava distante.

No esvaecimento da tarde, a luz difundia-se como uma poeira tenuissima sobre a face das coisas. E através dos plainos vastos, e dos suaves e alongados vales, que se decerravam a trechos, ao longe, proeminavam serras e lombadas, recortando-se, muito lilazes, sob o ceu muito cinza, dominando renques adensados de copas, já esboçando um simulacro de mata.

Pela estrada umbrosa, roçando através de galhos, que a invadiam, á altura das pessoas, de cima, dos lados, das sebes que lhe muravam o leito, crescendo no intervalo dos troncos centenários, prosseguia, monotonamente, o prestito, conduzindo o caixãozinho ora por um, ora por outro.

O cemiterio era um pouco longe, — uma boa meia legua da Vila, para melhor servir a toda a redondeza. Já a criança cansava e o passo era mais lento.

Iam todos, assim, quando, de momento, uma agitação, um borborinho de vozes subiu, confusamente, dos peitos, Alguem bradou:

— Gentes! o Pedro Lontra, ali! Prendam! Prendam!

De fato, Pedro Lontra fora reconhecido num capão de mato, á pequena distancia. Num arranco impulsivo, já o Sub-delegado se adiantara aos mais, e segurava-o do ombro, com mão forte, imperativo:

— Esteja preso á minha ordem. Não foi você mesmo que impingiu áquela besta ruim ao meu filho? hein? responda!

Pedro Lontra mal se movia, acobardado e tremulo. Relanceou o olhar, muito aberto, esgaseado, ao pé de si, numa attitude estranha, como medindo, lentamente, um circulo em torno, e senão quando, de chofre, endireitando-se todo, a um tempo decidido e submisso, articulou claro:

— Sou, inhor sim, patrão. Prender pode, inhor sim, isto pode — mas deixe ver primeiro o anjinho que morreu... sou o pai dele...

O RIO QUENTE

(Continuação da pagina 7)

— Bem sei. Descanse que o acordarei a tempo.

Fechou a porta e eu entrei também para o meu quarto. Despi-me vagorosamente; apaguei a lampada e sentei-me no leito, sem nenhuma vontade de me deitar. Estava certo de que não conseguiria adormecer. Fumei cigarro sobre cigarro, lançando as baforadas através da cortina que guardava a janela. A casa estava em socego. De vez em quando parecia-me ouvir ruidos abafados que vinham do quarto de Gretchen, mas não tinha certeza disso...

Não fazia idéia do tempo que passara quando, de repente, me ergui, sem propriamente, consciência do que fazia. Abri a porta. Atravessi o patamar. A porta do quarto de Gretchen estava fechada, mas eu sabia que ela não dera volta á chave e rodei a maçaneta. Um claridade tênue passou pela parte entreaberta. Não precisava de empurrar mais a porta, porque via Gretchen ali, bem perto de mim. Para lhe tocar bastava-me estender o braço. Fechei os olhos durante uma fração de segundo, pensando nela como pensara durante a viagem.

Mas reparei melhor... A lampada ardia em cima da mesa. Gretchen não deu pela minha chegada. Julgara eu que ela estivesse deitada, dormindo. Estava de joelhos no tapete, inclinada sobre o leito, com a cabeça apoiada, braços cruzados, o corpo sacudido de soluços.

Afigurou-se-me então formosa como nunca, mais formosa que tudo o que eu pudesse imaginar. E, ignorando a minha presença, chorava.

Em verdade, ao abrir a porta, eu não sabia o que ia fazer. Agora, porém, depois de a ter visto de joelhos, rezando e chorando, senti que jamais amaria outra mulher, senão Gretchen. Alguns segundos tinham bastado para me revelar essa verdade imensa.

Fechei devagarinho a porta e voltei para o meu quarto. Levei uma cadeira para junto da janela e sentei-me, esperando o dia. Olhei o fundo do vale, onde corria o rio quente. A' medida que os meus olhos se acostumavam á obscuridade, tinha eu a impressão de que o rio se aproximava, vinha até tão perto que eu podia mergulhar as mãos na água tépida.

Ao amanhecer, ouvi um ruido vago. Percebi que alguém andava de leve dum lado para o outro. E uma vez pelo menos tive a certeza de que esse alguém atravessara o patamar, se encostara á minha porta...

Quando o sol se anunciou sobre a montanha fronteira, tratei de me vestir. Pouco depois ouvi Gretchen sair do quarto e descer a escada. Com certeza me fora preparar o café. Passado um quarto de hora, os seus passos tornaram a soar na escada. Bateu de leve á porta, pronunciando docemente o meu nome.

Abri a porta de repente. Gretchen teve tal surpresa que, por um momento, não pôde falar.

— Gretchen... disse eu, tomando-lhe as mãos — não tenha pressa de me mandar embora. Não parto esta manhã. Não sei o que tinha ontem á noite... mas agora sei que a amo.

— Richard, você disse...

— Disse que partiria hoje cedo, Gretchen... Mas, repito, repito, não sabia o que dizia! Eu lhe explicarei isso, mas, antes de mais nada, indique-me o caminho que desce para o vale. Quero ir já lá embaixo, mergulhar as mãos na água tépida do rio.

Entre "La Valse" de Ravel e "Les Sylphides" de Chopin

(Continuação da pag. 37).

2 ÉME TOUR:

Na sala dos espelhos, o corpo de baile ensaiava "Serenata", coreografia de Veltchek e música de Arthur Bosmans, refugiado belga, cuja vida, nesse último bienio, constituiria um romance. E, animado, Vaslav, marcara num dinamismo excepcional:

— "Entre-chats! Pas de basque-double! Pirouette! Cabriole en arabesque... Non... non... non está direito... E' "absolument nécessaire recommencer..." Fazer "le meilleur possible". "Alors, mes enfants, attention: Un, deux, trois... Entre-chats! Pas de basque-double! Pirouette!"

E, enquanto Veltchek continuava a marcenção, saiu do grupo, nas pontas dos pés, deliciosa como uma figurinha de Watteau, a "prima ballerina absoluta":

MADELEINE ROSAY

"A darga, escreveu Auguste Rodin, rebatendo as afirmações de Calmette contra Nijinsky, "a dança parece ter-se dado por missão ensinar-nos a beleza do corpo, do movimento e do gesto." Na frase poderíamos substituir "a dança" por um nome: Madeleine Rosay. E teríamos dito o mesmo que Rodin porque esta pequena Madeleine personifica o sincretismo perfeito entre forma, expressão e movimento. Dedicou-se, desde menina, à arte do "ballet" e até hoje lhe consagra todo o tempo num afan crescente de perfeição.

— Madeleine, que me diz da temporada deste ano?

— Creio, vai ser esplendida. Em primeiro lugar vamos apresentar muitos números novos musicados por autores nacionais; entre eles a "Felicidade", "Leilão" e a "Dança Inacabada". Além disso, trabalhar sob a direção de Veltchek constitui uma alegria para todos nós.

— Você, em 1939...

— Dansei com ele num bailado que angariou muitos elogios da crítica: "Deux pigeons".

— Lembra-me perfeitamente, Madeleine, mas desejava saber se este ano você dançará outra vez...

— "Les sylphides"? Claro. E vou contar uma coisa. Talvez seja a minha ascendência polonesa, — sabe-se lá? — talvez, meu incurável romantismo, mas adoro dançar "Les sylphides" e "Folha de outono" de Chopin, tanto quanto o "Convite à Valsa", de Weber, sentindo, ao interpretá-lo, a fragância dos versos de Gauthier.

— Madeleine, você... você é realmente um encanto; entretanto, no que se refere ao programa atual, qual o bailado de sua preferência?

— Qual? Ainda não sabe? Mas é uma coisa tão evidente: todos aqui preferem — em exceção — o bailado "Felicidade", escrito e marcado por um notável bailarino e ótimo colega.

YUCO LINDBERG

— Yuco! A "Revista da Semana" quer entrevistá-lo! (Na ponta dos pés, deliciosa como uma figurinha de Watteau, Madeleine retorna ao ensaio...)

Fixo os olhos azuis, tranquilos e estonianos do bailarino:

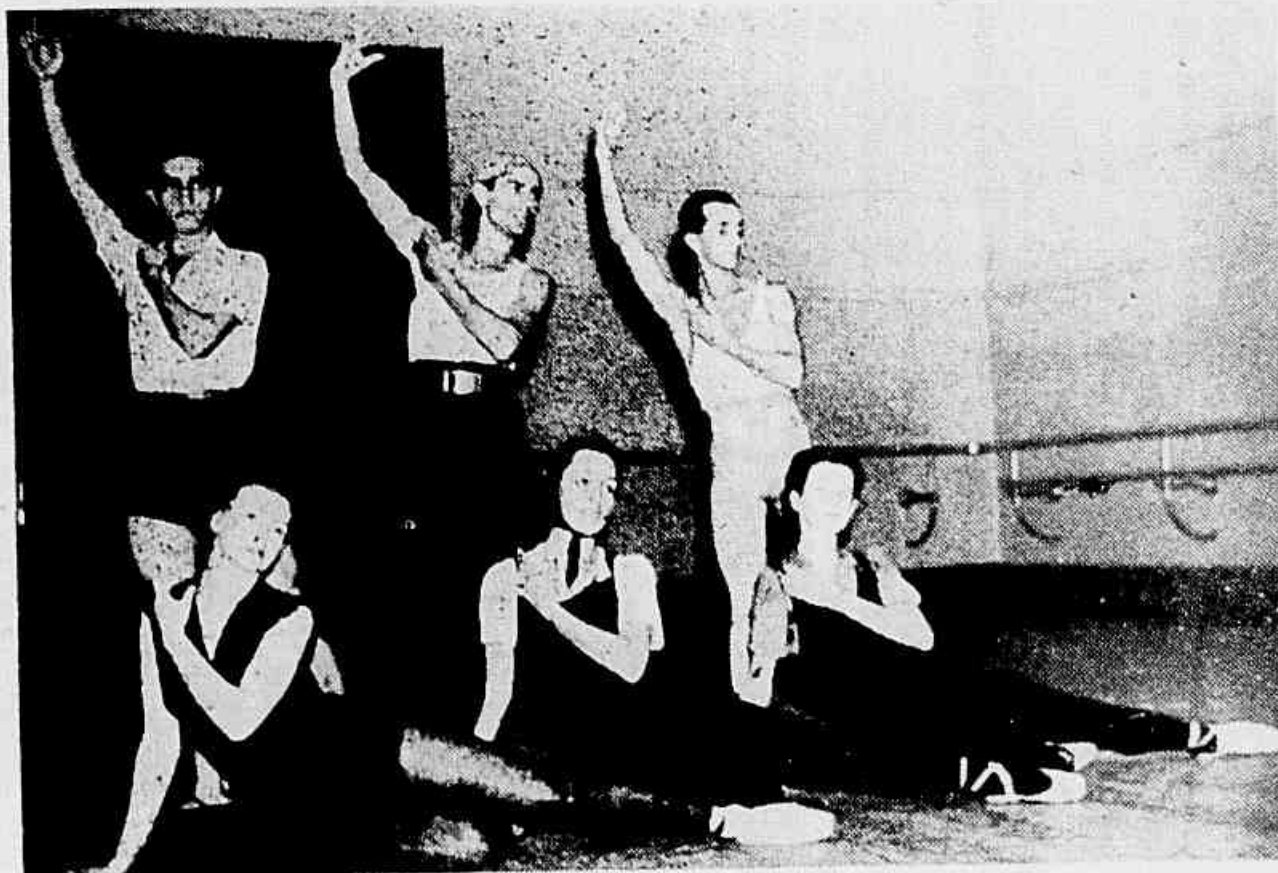
— Meus parabéns, Yuco; pensei que fosse apenas um grande bailarino, mas nunca um coreógrafo. Ao que parece, "Felicidade" vai se tornar o grande sucesso da temporada.

— Assim o desejo. E como! Trabalhei muito nesse bailado. Alberto Lazzoli musicou-o admiravelmente.

— E' extenso o argumento? — Compõe-se de prólogo e 3 épocas: No mundo da Felicidade, No reino da Miséria e Nas ruínas da Desgraça. Os cenários riquíssimos foram desenhados por H. Colomb, sendo os "croquis" do guarda-roupa da autoria de Haroldo Luz. E' um drama coreográfico em que o Bem e o Mal, a Intriga e a Miséria, o Vício e a Morte, lutam pela posse do ser humano, enquanto este só anseia pela felicidade.

— Acredito de antemão no sucesso do seu bailado. Não obstante, você dançará outra vez...

— "Les sylphides" e "Le spectre..." Naturalmente. São bailados que o público não dispensa.



Uma atitude de "ballet", quando ensaiada.

— Yuco: você poderia citar outra novidade da temporada?

— Sim, uma que será grande revelação para o público carioca:

MARILIA FRANCO

Ela se aproxima na roupa de malha negra que modela um corpo perfeito. Morena esguia, de olhos grandes e tristes. (Que paisagens estranhamente lindas evocam os olhos de Marília Franco?)

— Marília, o público do Rio quer saber muito sobre você.

— Sempre gentis os cariocas! Entretanto, não há muito que dizer. Apenas... Comecei a estudar em S. Paulo e há 3 anos iniciei meu curso com Vaslav Veltchek. Por concurso passei a solista e depois, por

unanimidade de votos, fui classificada "prima ballerina". Como vê, o "tudo" é muito simples.

— E do seu repertório, qual o bailado predileto?

— Muita gente afirma que não tenho bailado predileto, mas sim um "autor preferido": Ravel. As interpretações em torno de suas músicas têm constituído meus maiores sucessos. Sinto-as profundamente e, sentindo-as assim, é — que danço o "Minueto antigo" e a "Rapsodia espanhola" da célebre "Pavana para a Infanta de Castela."

Mas certamente, dentre as obras de Ravel, a que eu mais gosto de dançar é a maravilha que se intitula: "La valse".

— Na "Pavana" e em "La Valse" as coreografias são de...

— De meu marido...

— Seu marido é coreógrafo?

— E muito bom coreógrafo. Chama-se:

lado e aos bailarinos brasileiros. Todos são absolutamente disciplinados e revelam grande anelo de perfeição. Quanto à íntima fusão entre a música e o aproveitamento coreográfico dos motivos nacionais, era desejo de todo o corpo de baile, realizá-lo. Assim, unidos, músicos, coreógrafos, e bailarinos pretendem apresentar um verdadeiro programa brasileiro.

— As músicas nacionais...

— São de Mignone, José Siqueira, Souza Lima, Lazzoli, Vila Lobos.

— E as coreografias sobre motivos regionais...

— De minha autoria. Aliás, a "Revista da Semana", com aquela reprodução da Viagem pitoresca pelo Brasil, de Rugendas, me ajudou muito no estudo do Brasil antigo.

— Vaslav Veltchek, o senhor é admirável!

— Sim, admirável!

— Quem falou, aí?

— Eu.

LEDA YUQUI

Leda Yuqui é uma encantadora bailarina que atuou como solista até o ano passado. Nesta temporada vai figurar como primeira bailarina, aliás merecidamente devido às suas irrepreensíveis atuações anteriores.

Ela me apresenta às solistas Lorna Kay, Certrudes Wolff e Itália Azevedo, todas muito gentis e graciosíssimas.

Enfim, acabou o ensaio e agora vamos atingir o

3 ÉME TOUR EN L'AIR:

que é o mundo de Alberto Guerici. Mundo onde existem setins de todas as cores, brocados, penas, plumas, lantejoulas, joias, tudo o que impressiona ao espectador. A esse mago da indumentaria cabe a difícil tarefa de vestir os artistas e vesti-los de tal maneira que, ao público, se apresentem quase divinos de beleza e sempre terrenos na suntuosidade. Não podíamos deixar de assinalar, aqui, a impressão de eficiência e de bom gosto que Alberto Guerici nos deixou.

"CABRIOLE EN ARABESQUE..."

Descemos... No primeiro lance, olho à direita. Mas as sombras que emergem do palco, onde os dois homens continuam trabalhando no ajuste dos cenários, não me recordam mais os velhos tempos do apogeu do "ballet russe". Não vejo nem a sutileza da Pavlova nem o esplendor da Karsavina. E Nijinsky, maquilado de fauno, não dança o impressionismo de Debussy. Não reconheço as sombras porque antecipo a visão do palco iluminado para acolher o imaterialismo da Rosay em "Les Sylphides", a sutileza de Francc, na valse de Ravel, assim como a dolência apaixonada de Volusia nas danças brasileiras. Antecipo a visão da "Felicidade" e o triunfo de Yuco Lindberg e antecipo, também, as palmas e os aplausos do público, corando os esforços e o talento de Vaslav Veltchek.

Numeros atrasados desta Revista no Maranhão

Pedir a RAMOS D'ALMEIDA & CIA.

Praça João Lisboa, 114 — S. Luiz



Um grupo de bailarinas: do Municipal, e m ensaios.

OS CIGANOS

(Conclusão da pag. 11)

bestinha que, mesmo puxando muito, haverá de ter uns seis anos no muito. E' conhecida em todo o Rio Novo. Mesmo eu só vendo — vosmincê acredite — por que estou na grande precisão. Nem ainda igualou os dentes, veja só, patrãozinho — e o cigano forçava o animal a escancarar a bocarra, pinçando-lhe, com uma das mãos, energético, as ventas, e com a outra interpondo o polegar e o indicador, entre as mandíbulas, engarrando-as. E o animal bufava, sacudindo a cabeça, as pernas retêzias.

Final, depois de três dias, venceu o Capitão com as suas falas mansas, terminando por garantir a maior lisura em todos os negócios. O Sub-delegado acabou, assim, cedendo às suas lamurias, porém impusera, logo, uma condição sagrada: ficava totalmente proibida a entrada do traficante do negócio da besta, sob pena dele, Capitão, ser severamente punido.

— Pois está certo, meu patrão. Ele não virá cá. Dou-lhe a minha palavra de honra. Meu patrão ha de dizer que cigano não tem palavra nem honra. Mas eu também não sou cigano. Sou é genuíno baiano. Sou da família dos Mouras, das Lavras Diamantinas. Quando rapaz, apaixonei-me por uma cigana, que hoje é minha mulher. Ela era bem bonita nesse tempo. Casei-me com ela, por paixão, esta a triste verdade, mas não sou cigano. Até que nem gosto dessa vida que levo. Minha mulher, hoje, está que é uma raposa, mas não posso mais largá-la, tenho oito filhos dela. Vosmincê vê, meu patrão, quis o destino que eu visse com eles, entre eles, mas eu não sou cigano".

Assim, com essa restrição, a autoridade transigiu.

E uma manhã ensolarada, a passo curto, entrou o bando errante em cortejo.

Cavalgavam nedias alimarias, umas cangalheiras, outras finas de silhão, na maioria burros e bestas, os mais tidos e apreçados animais daqueles rincões de estradas difíceis e burocráticas.

Entre os costados, constituídos por trouxas contendo trens ou velhos baús, tauxiados, recobertos, de couro curtido, escanchadas sobre cangalhas, vinham as mulheres.

A cabeça moldava-se-lhes sob algum lenço de Alcobaça, meio desbotado pelas chuvas e soalheiras. A's orelhas, penduravam-se-lhes argolas de ouro, fascantes; e colares, também de ouro, e a coruscarem, enroscavam-se-lhes ao pescoço, tecendo muitas voltas, ou lhes caíndo sobre o peito numa volta só, ampla.

As suas vestes eram sujas e encardidas, com as cores já esmaecidas pelo tempo.

E, através das blusas desafogadas, repontando cabeções empoeirados e suarentos, via-se-lhes, a todas, largo trecho do colo, e onde começavam os seios.

Todas exibiam um resto tostado, surdindo de entre grandes tranças, que pendiam sobre os ombros e sobre o colo.

Algumas conduziam crianças ao regaço, de meses. Outras, aos mais crescidos, traziam-nos á garupa. Eram os filhos.

Da sela, vinham os homens, chapéus de abas largas, bigodes fartos, caindo sobre a boca, onde cintilava o inferno dos dentes de ouro.

A população virava-os passar, levantando uma forte nuvem de poeira, correndo com ar de alvoroço ás janelas, para gozar aquele espetáculo devéras divertido.

A' tarde, nuns terrenos devolutos das circunjacências, já lá estavam armados os amplos pesados toldos de lona, num alinhamento espaçado, como aves estranhas de asas espalmas, imóveis e prestes a voar.

Panelas fumegavam ao lado. Crianças, nuas e sujas, brincavam em redor, a rolar pelo chão e ás cabriolas. Os mais — homens e mulheres — confabulavam numa promiscuidade absoluta, companheiros de mesma lida, dos mesmos segredos, do mesmo destino.

Os Ciganos tinham deitado os animais em manga próxima. Nos abarracamentos, ás duas e ás três, espriavam-se selas e cangalhas, pelo chão, ou pendentes de algum gancho.

E, das mantas e baixeiros, tressandando a suor, muitos forravam o chão, improvisando com eles travesseiros e camas.

Pelo anoitecer, em passeio, vieram vindos curiosos da população, a correr o abarracamento. Estava, ali, mesmo, a gente melhor do lugar. Dos primeiros a chegar, num grupo trepidante de moças, foi a Luizinha Borges, a quem muitos tratavam de Professorinha, por ser a mestra da petizada da terra. Era, a bem dizer, a alma do lugar, com o seu tipozinho devéras delicado, na graça dos vinte anos louços. E animava, sempre, a vila, pelas festas religiosas do Natal, ou pelos novenários, organizando ranchos alacres, que, debaixo de lanterna e fantasias de papel arangueiro, iam de assalto ás casas dos graduados do meio, á luz de lanterninhas pendentes de bastões engalanados, batendo pandeiros e enchendo a noite de quadras louvaminheiras e místicas. De outras ocasiões, promovia festivais escolares, que eram a delícia da população, fazendo representar, na grande sala de aulas, ou em algum teatrinho, adrede preparado, entremezes que ela mesma escrevia. O programa era sempre completado com alguns monólogos e canções, que a Luizinha quasi arrancava a pulso do promotor da comarca e do dentista da localidade, os quais, tontos com tantos pedidos, se punham em duelo de morte com as musas, num esforço titanico, afim de desobrigar-se do encargo imposto.

A musica, arranjava-a o fecundo mestre da filarmônica, o Vitorino Gomes não importava quantas.

Tinha a Luizinha uma maneira viva, mas sem afetações nem demasias, á qual animava sempre a graça contagiante dos seus olhos trefegos. A alegria natural do passado em liberdade que, sendo embora traquinice, nunca é irritante. E ela punha um jeitinho no labio circunflexo, ao falar — falando e sorrindo, é o termo — mostrando a serie linda dos dentes perfeitos, que lhe dava uma nota peculiar á fisionomia, que agradava, tornando-a uma flor verdadeira de brejeirice inconciente. Surgiu no bando, entre as outras, contando alguma historia, que fazia que as companheiras convergissem as cabeças para ela. Pouco alem, se descentralizou a conversa, e as raparigas desviaram a atenção para o espetáculo multifario que se passava em redor. Em certa altura, sem que as outras o notassem, a Professorinha ficara-se para tras, "perdida".

Centes, será que os Ciganos teriam roubado a Luizinha? gracejou uma. Mas, não. A Luizinha, instintivamente, houvera entrado em uma das barracas, onde, ao passar, vira uma cigana, num ar de grande aflição, ás voltas com uma criança de meses, que lhe pareceu logo doente. E era-o. E uma palavra de interesse, e mais outra, e acabara entrando.

Era um bebê languenzo, pobre ente mirrado, costelas de fora, pele seca, e pragueada, em cujo rosto avultavam, de cada lado da bocca, como dois parentesis, duas fortes rugas cavadas. De um para outro canto, dizendo-lhe palavras de consolo e alivio, ia e vinha a Zingara. O infante quasi não dava acordo de si, langue e flacido, frio, com alternativas de um pranto choromingado, sentido.

As companheiras da Luizinha nem tinham visto o dorido quadro, ao passar, porém ela já estava, intima e interessada, toda interrogações á pobre, lembrando-lhe remedios caseiros, sondando-lhe as necessidades, prometendo trazer o medico da terra, com pouca demora.

Em breve praso, foram as amigas da professora encontrá-la, bem á vontade, sentada sobre uma cangalha, a um canto da barraca. As outras entraram também, mais ou menos condoidas daquele grande sofrimento, dizendo frases de ternura e animo.

A' noite, o povoado enchera-se daquela situação pungentissima. Outras muitas pessoas foram ver o desgraçadinho, aconselhando á triste mãe novas mezinhas ou preparados popularizados. Já viera o medico, a pedido da Luizinha, a receitara qualquer coisa.

Correram, assim, varios dias, sem quaisquer melhoras para o pequenito. Era de ver, todas as tardes, bandos de pessoas, tendo a Luizinha no meio, fazer a mesma assistencia de carinho, conselhos e consolo. Mas, a triste criatura morna descia já de tudo. Antes, quando o Capitão se empenhava pela licença, que o Sub-delegado tanto resistira em dar, até foi lembrado o estado da criança, pois ali os recursos eram bem maiores. Mas agora, já andara o medico receitando e tudo continuava no mesmo... para pior.

O pequenino ia-se, ia-se...

Almas mais compassivas enviavam-lhe algum leite do estabulo particular, outras presenteavam-lhe farinhas medicamentosas... Um garantira que somente leite humano faria o milagre de uma ressurreição. Mas, onde, santo Deus? Das ciganas, que tinham filhos pequenos, nenhuma possuía mais leite. Nenhum! Nem outra pessoa lhe oferecera também...

Ainda interveio o medico, com outras poções, sempre inuteis. Nada!

Depois de alguns dias, era, já, em romaria, que a gente do povoado, mulheres sobretudo, acorria á barraca, onde definhava o misero. E lá estava ele, seus maternos braços, cada vez mais intanguido, mais consunto e mumificado, esgargalhado, imóvel, menos os olhinhos, muito acesos, movendo-se como propitel, sem uma convulsão, sem um tregeito de face, siquer, que ele, enfim, se extingui.

A própria mãe não no sentiu, dando com o pequenino frio, bem morto, no concheço do colo.

A morte da criança comoveu todos. Uma senhorinha bem apessoada oferecera-lhe o esquife, onde o armador aldeão pusera o maximo de mimos. E flores, e muitas flores foram sem conta, que lhe enviaram...

Já o sol quebrava á hora do enterramento. A professora comparecera com todo o collegio em forma. Viera também a Filarmonica, numa homenagem piedosa e tocante.

Todo o redor se movimentou áquele instante. A melhor gente do lugar havia chegado...

Cantava, no espaço, o b'imbalar argentino das campas de uma torre próxima. Enfim, ambulou o cortejo, pela rua fora, calmo, numeroso, levantando no ar uma nuvem fina de poeira. De uma parte e outra, ás janelas, afluiam rostos.

Escapavam expressões de pena. Bandeijas floridas saíam ás portas.

O cemiterio ficava distante.

No esvaecimento da tarde, a luz difundia-se como uma poeira tenuissima sobre a face das coisas. E através dos plainos vastos, e dos suaves e alongados vales, que se decerravam a trechos, ao longe, proeminavam serras e lombadas, recortando-se, muito lilazes, sob o céu muito cinza, dominando renques adensados de copas, já esboçando um simulacro de mata.

Pela estrada umbrosa, roçando através de galhos, que a invadiam, á altura das pessoas, de cima, dos lados, das sebes que lhe muravam o leito, crescendo no intervalo dos troncos centenários, prosseguia, monotonicamente, o presépio, conduzindo o caixãozinho ora por um, ora por outro.

O cemiterio era um pouco longe, — uma boa meia legua da Vila, para melhor servir a toda a redondeza. Já a criança cansava e o passo era mais lento.

Iam todos, assim, quando, de momento, uma agitação, um borborinho de vozes subiu, confusamente, dos peitos, Alguem bradou:

— Gentes! o Pedro Lontra, ali! Prendam! Prendam!

De fato, Pedro Lontra fora reconhecido num capão de mato, á pequena distancia. Num arranco impulsivo, já o Sub-delegado se adiantara aos mais, e segurava-o do ombro, com mão forte, imperativo:

— Esteja preso á minha ordem. Não foi você mesmo que impingiu aquela besta ruim ao meu filho? hein? responda!

Pedro Lontra mal se movia, acobardado e tremulo. Relanceou o olhar, muito aberto, esgaseado, ao pé de si, numa atitude estranha, como medindo, lentamente, um circulo em torno, e senão quando, de chofre, endireitando-se todo, a um tempo decidido e submisso, articulou claro:

— Sou, inhor sim, patrão. Prender pode, inhor sim, isto pode — mas deixe ver primeiro o anjinho que morreu... sou o pai dele...

O RIO QUENTE

(Continuação da pagina 7)

— Bem sei. Descanse que o acordarei a tempo.

Fechou a porta e eu entrei também para o meu quarto. Despi-me vagorosamente; apaguei a lampada e sentei-me no leito, sem nenhuma vontade de me deitar. Estava certo de que não conseguiria adormecer. Fumei cigarro sobre cigarro, lançando as bafaradas através da cortina que guardava a janela. A casa estava em socego. De vez em quando parecia-me ouvir ruídos abafados que vinham do quarto de Gretchen, mas não tinha certeza disso...

Não fazia idéia do tempo que passara quando, de repente, me ergui, sem propriamente, consciência do que fazia. Abri a porta. Atravessei o patamar. A porta do quarto de Gretchen estava fechada, mas eu sabia que ela não dera volta á chave e rodei a maçaneta. Um claridade tênue passou pela parte entreaberta. Não precisava de empurrar mais a porta, porque via Gretchen ali, bem perto de mim. Para lhe tocar bastava-me estender o braço. Fechei os olhos durante uma fração de segundo, pensando nela como pensara durante a viagem.

Mas reparei melhor... A lampada ardia em cima da mesa. Gretchen não deu pela minha chegada. Julgara eu que ela estivesse deitada, dormindo. Estava de joelhos no tapete, inclinada sobre o leito, com a cabeça apoiada, braços cruzados, o corpo sacudido de soluços.

Afigurou-se-me então formosa como nunca, mais formosa que tudo o que eu pudesse imaginar. E, ignorando a minha presença, chorava.

Em verdade, ao abrir a porta, eu não sabia o que ia fazer. Agora, porém, depois de a ter visto de joelhos, rezando e chorando, senti que jamais amaria outra mulher, senão Gretchen. Alguns segundos tinham bastado para me revelar essa verdade imensa.

Fechei devagarinho a porta e voltei para o meu quarto. Levei uma cadeira para junto da janela e sentei-me, esperando o dia. Olhei o fundo do vale, onde corria o rio quente. A' medida que os meus olhos se acostumavam á obscuridade, tinha eu a impressão de que o rio se aproximava, vinha até tão perto que eu podia mergulhar as mãos na água tépida.

Ao amanhecer, ouvi um ruído vago. Percebi que alguém andava de leve dum lado para o outro. E uma vez pelo menos tive a certeza de que esse alguém atravessara o patamar, se encostara á minha porta...

Quando o sol se anunciou sobre a montanha fronteira, tratei de me vestir. Pouco depois ouvi Gretchen sair do quarto e descer a escada. Com certeza me fora preparar o café. Passado um quarto de hora, os seus passos tornaram a soar na escada. Bateu de leve á porta, pronunciando docemente o meu nome.

Abri a porta de repente. Gretchen teve tal surpresa que, por um momento, não pôde falar.

— Gretchen... disse eu, tomando-lhe as mãos — não tenha pressa de me mandar embora. Não parto esta manhã. Não sei o que tinha ontem á noite... mas agora sei que a amo.

— Richard, você disse...

— Disse que partiria hoje cedo, Gretchen... Mas, repito, repito, não sabia o que dizia! Eu lhe explicarei isso, mas, antes de mais nada, indique-me o caminho que desce para o vale. Quero ir já lá embaixo, mergulhar as mãos na água tépida do rio.

Entre "La Valse" de Ravel e "Les Sylphides" de Chopin

(Continuação da pag. 37).

2 ÉME TOUR:

Na sala dos espelhos, o corpo de baile ensaiava "Serenata", coreografia de Veltchek e música de Arthur Bosmans, refugiado belga, cuja vida, nesse último bienio, constituiria um romance. E, animado, Vaslav, marcara num dinamômetro excepcional:

— "Entre-chats! Pas de basque-double! Pirouette! Cabriole en arabesque... Non... non... non está direito... E' "absolument nécessaire recommencer..." Fazer "le meilleur" possível. "Alois, mes enfants, attention! Un, deux, trois... Entre-chats! Pas de basque-double! Pirouette!"

E, enquanto Veltchek continuava a marcação, saiu do grupo, nas pontas dos pés, deliciosa como uma figurinha de Watteau, a "prima ballerina absoluta":

MADELEINE ROSAY

"A dança, escreveu Auguste Rodin, rebatendo as afirmações de Calmette contra Nijinsky, "a dança parece ter-se dado por missão ensinar-nos a beleza do corpo, do movimento e do gesto." Na frase poderíamos substituir "a dança" por um nome: Madeleine Rosay. E teríamos dito o mesmo que Rodin porque esta pequena Madeleine personifica o sincretismo perfeito entre forma, expressão e movimento. Dedidou-se, desde menina, à arte do "ballet" e até hoje lhe consagra todo o tempo num afan crescente de perfeição.

— Madeleine, que me diz da temporada deste ano?

— Creio, vai ser esplendida.

Em primeiro lugar vamos apresentar muitos números novos musicados por autores nacionais; entre eles a "Felicidade", "Leilão" e a "Dança Inacabada". Além disso, trabalhar sob a direção de Veltchek constitui uma alegria para todos nós.

— Você, em 1939...

— Dansei com ele num bailado que angariou muitos elogios da crítica: "Deux pigeons".

— Lembra-me perfeitamente, Madeleine, mas desejava saber se este ano você dançará outra vez...

— "Les sylphides"? Claro. E vou contar uma coisa. Talvez seja a minha ascendência polonesa, — sabe-se lá? — talvez, meu incurável romantismo, mas adoro dançar "Les sylphides" e "Folha de outono" de Chopin, tanto quanto o "Convite à Valsa", de Weber, sentindo, ao interpretá-lo, a fragância dos versos de Gauthier.

— Madeleine, você... você é realmente um encanto; entretanto, no que se refere ao programa atual, qual o bailado de sua preferência?

— Qual? Ainda não sabe? Mas é uma coisa tão evidente: todos aqui preferem — sem exceção — o bailado "Felicidade", escrito e marcado por um notável bailarino e ótimo colega.

YUO LINDBERG

— Yuco! A "Revista da Semana" quer entrevistá-lo! (Nas pontas dos pés, deliciosa como uma figurinha de Watteau, Madeleine retorna ao ensaio...)

Fixo os olhos azuis, tranquilos e estonianos do bailarino:

— Meus parabéns, Yuco; pensei que fosse apenas um grande bailarino, mas nunca um coreógrafo. Ao que parece, "Felicidade" vai se tornar o grande sucesso da temporada.

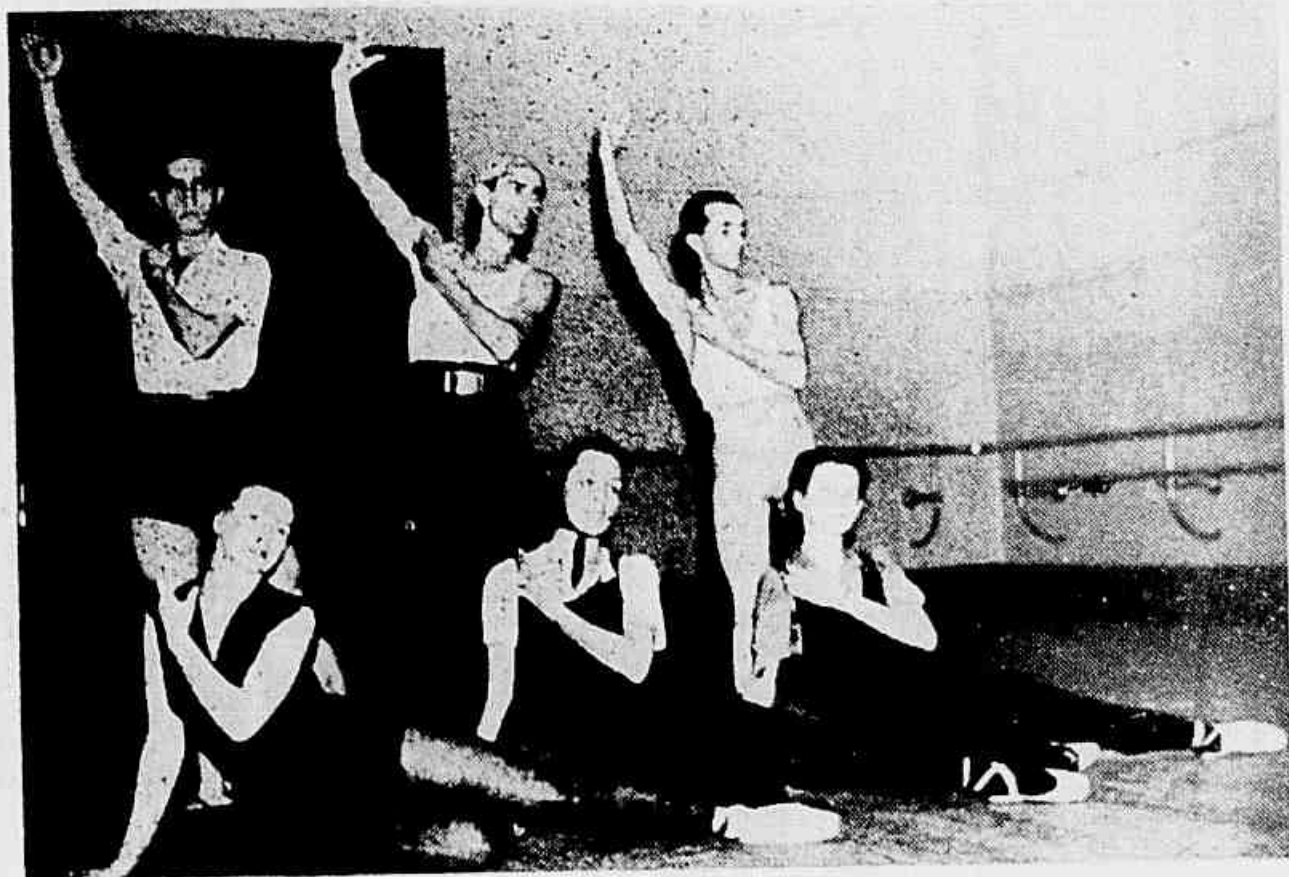
— Assim o desejo. E como! Trabalhei muito nesse bailado. Alberto Lazzoli musicou-o admiravelmente.

— E' extenso o argumento?

— Compõe-se de prólogo e 3 épocas: No mundo da Felicidade, No reino da Miséria e Nas ruínas da Desgraça. Os cenários riquíssimos foram desenhados por H. Colomb, sendo os "croquis" do guarda-roupa da autoria de Haroldo Luz. E' um drama coreográfico em que o Bem e o Mal, a Intriga e a Miséria, o Vício e a Morte, lutam pela posse do ser humano, enquanto este só anseia pela felicidade.

— Acredito de antemão no sucesso do seu bailado. Não obstante, você dançará outra vez...

— "Les sylphides" e "Le spectre..." Naturalmente. São bailados que o público não dispensa.



Uma atitude de "ballet", quando ensaiada.

— Yuco: você poderia citar outra novidade da temporada?

— Sim, uma que será grande revelação para o público carioca:

MARILIA FRANCO

Ela se aproxima na roupa de malha negra que modela um corpo perfeito. Morena esguia, de olhos grandes e tristes. (Que paisagens estranhamente lindas evocarão os olhos de Marília Franco?)

— Marília, o público do Rio quer saber muito sobre você.

— Sempre gentis os cariocas! Entretanto, não ha muito que dizer. Apenas... Comecei a estudar em S. Paulo e ha 3 anos iniciei meu curso com Vaslav Veltchek. Por concurso passei a solista e depois, por

VASLAV VELTCHEK

...Que por sinal (dá licença, Marília?) é a simpatia em pessoa. Estudou na Opera Nacional de Praga, tornando-se bailarino. Depois, Paris lhe reconheceu os méritos como bailarino e coreógrafo. Dirigiu então o corpo de baile da Opera donde foi contratado em 1939 pelo prefeito Henrique Dodsworth. A' capacidade de trabalho e ao talento incontestes de Vaslav deve o Teatro Municipal de S. Paulo a organização de seu corpo de baile e essa notável descoberta para a Arte Brasileira: Marília Franco.

— Estou encantado, falou antes de ser interrogado, positivamente encantado com a oportunidade oferecida, este ano, ao bai-



Um grupo de bailarinas do Municipal, em ensaios.

unanimidade de votos, fui classificada "prima ballerina". Como vê, o "tudo" é muito simples.

— E do seu repertório, qual o bailado predileto?

— Muita gente afirma que não tenho bailado predileto, mas sim um "autor preferido": Ravel. As interpretações em torno de suas músicas têm constituído meus maiores sucessos. Sinto-as profundamente e, sentindo-as assim, é — que danço o "Minueto antigo" e a "Rapsodia espanhola" da célebre "Pavana para a Infanta de Castela."

Mas certamente, dentre as obras de Ravel, a que eu mais gosto de dançar é a maravilha que se intitula: "La valse".

— Na "Pavana" e em "La Valse" as coreografias são de...

— De meu marido...

— Seu marido é coreógrafo?

— E muito bom coreógrafo. Chama-se:

lado e aos bailarinos brasileiros. Todos são absolutamente disciplinados e revelam grande anelo de perfeição. Quanto à íntima fusão entre a música e o aproveitamento coreográfico dos motivos nacionais, era desejo de todo o corpo de baile, realizá-lo. Assim, unidos, músicos, coreógrafos, e bailarinos pretendem apresentar um verdadeiro programa brasileiro.

— As músicas nacionais...

— São de Mignone, José Siqueira, Souza Lima, Lazzoli, Vila Lobos.

— E as coreografias sobre motivos regionais...

— De minha autoria. Aliás, a "Revista da Semana", com aquela reprodução da Viagem pitoresca pelo Brasil, de Rugendas, me ajudou muito no estudo do Brasil antigo.

— Vaslav Veltchek, o senhor é admirável!

— Sim, admirável!

— Quem falou, aí?

— Eu.

LEDA YUQUI

Leda Yuqui é uma encantadora bailarina que atuou como solista até o ano passado. Nesta temporada vai figurar como primeira bailarina, aliás merecidamente devido às suas irrepreensíveis atuações anteriores.

Ela me apresenta às solistas Lorna Kay, Certrudes Wolff e Itália Azevedo, todas muito gentis e graciosíssimas.

Enfim, acabou o ensaio e agora vamos atingir o

3 ÉME TOUR EN L'AIR:

que é o mundo de Alberto Guerci. Mundo onde existem setins de todas as cores, brocados, penas, plumas, lantejoulas, jóias, tudo o que impressiona ao espectador. A esse mago da indumentaria cabe a difícil tarefa de vestir os artistas e vesti-los de tal maneira que, ao público, se apresentem quasi divinos de beleza e sempre terrenos na suntuosidade. Não podíamos deixar de assinalar, aqui, a impressão de eficiência e de bom gosto que Alberto Guerci nos deixou.

"CABRIOLE EN ARABESQUE..."

Descemos... No primeiro lance, olho á direita. Mas as sombras que emergem do palco, onde os dois homens continuam trabalhando no ajuste dos cenários, não me recordam mais os velhos tempos do apogeu do "ballet russe". Não vejo nem a sutileza da Pavlova nem o esplendor da Karsavina. E Nijinsky, maquilado de fauno, não dança o impressionismo de Debussy. Não reconheço as sombras porque antecipo a visão do palco iluminado para acolher o imaterialismo da Rosay em "Les Sylphides", a sutileza de Franco, na valse de Ravel, assim como a dolência apaixonada de Volusia nas dansas brasileiras. Antecipo a visão da "Felicidade" e o triunfo de Yuco Lindberg e antecipo, também, as palmas e os aplausos do público, corando os esforços e o talento de Vaslav Veltchek.

Numeros atrasados desta Revista no Maranhão

Pedir a RAMOS D'ALMEIDA & CIA.

Praça João Lisboa, 114 — S. Luiz



SHEAFFER'S

Lifetime
REG. U.S. PAT. OFF.

Um presente que se guarda junto ao coração...

A SHEAFFER'S *Lifetime* — garantida por toda a vida, reúne qualidades técnicas tão extraordinárias que é considerada, em todo o mundo, a mais perfeita e completa caneta-tinteiro... Tem o fino acabamento de uma joia de alto preço... O alimentador *Flo-Rite*, de capacidade superior à comum, controla o fluxo exato e constante da tinta, evitando borrões e falhas na escrita... A pena "*Feathertouch*" (toque de pluma) feita à mão, de ouro de 14 ks. com platina na ranhura, patente exclusiva da Sheaffer, e ponta de irídio, escreve de dois modos diferentes com a suavidade e leveza de uma pluma... Abastecimento instantâneo e fácil com um só golpe de pressão. Visibilidade perfeita do depósito. SHEAFFER'S *Lifetime*, em luxuosos estojos para senhoras e cavalheiros, acompanhada com a linda lapiseira "*Fineline*" — de ponta sempre afiada — é o melhor presente que se pôde dar como símbolo de uma amizade duradoura...

* Todas as canetas SHEAFFER'S *Lifetime*, são incondicionalmente garantidas para a vida inteira do possuidor, exceto nos casos de perda, roubo ou dano proposital. Para qualquer conserto, a caneta deve ser entregue ou remetida completa aos representantes locais da SHEAFFER'S Pen Co., acompanhada da importância de CR\$ 6,00.

Representantes exclusivos para o Brasil:

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.

Av. Rio Branco, 47 - 1.º - Rio de Janeiro

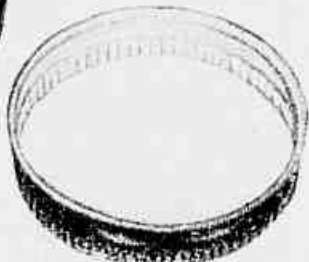
R. Anchieta, 35-8.º - Salas 803/5 - São Paulo

CUBA-TINTEIRO SKRIP
usável até a última gota.

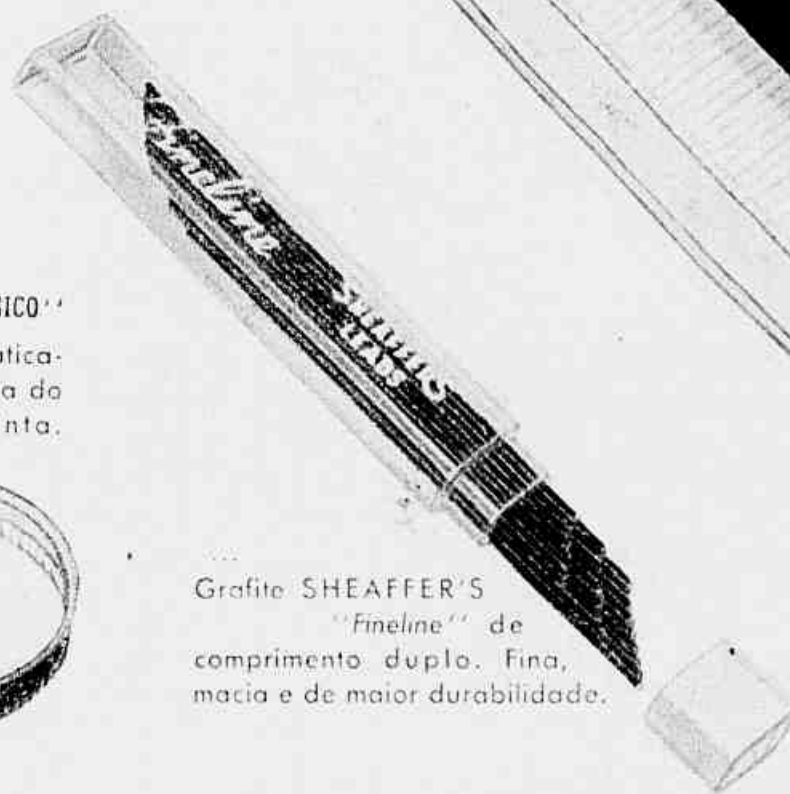
A tinta SKRIP fabricada especialmente para as canetas SHEAFFER é de fluidez e nitidez absolutas. Não deixa sedimento. Resiste à ação do tempo e da água.



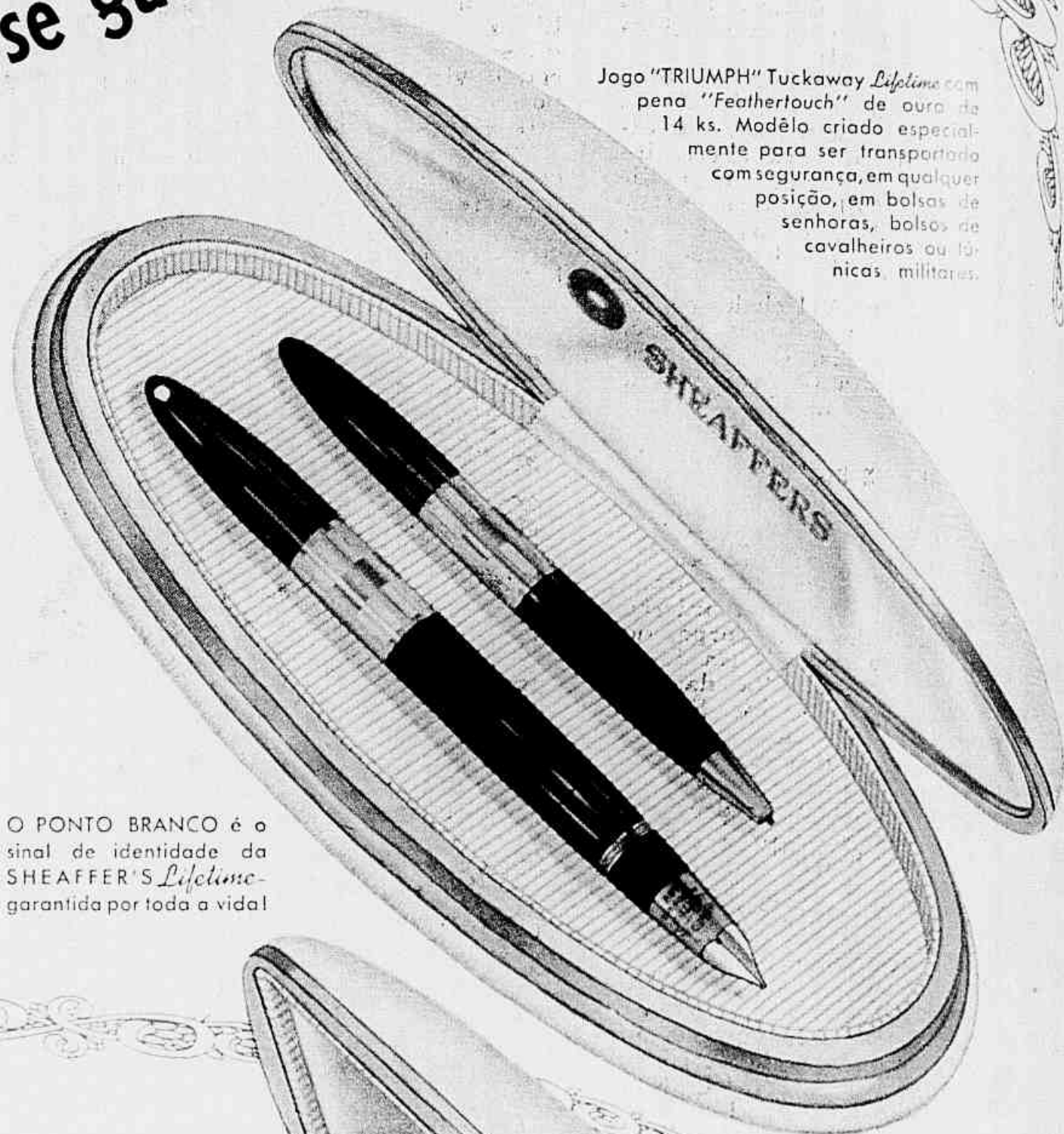
TAMPA
"CÍRCULO MÁGICO"
Limpa automaticamente a rosca do frasco de tinta.



Grafite SHEAFFER'S
"*Fineline*" de comprimento duplo. Fina, macia e de maior durabilidade.



Jogo "TRIUMPH" Tuckaway *Lifetime* com pena "*Feathertouch*" de ouro de 14 ks. Modelo criado especialmente para ser transportado com segurança, em qualquer posição, em bolsas de senhoras, bolsos de cavalheiros ou malas militares.



O PONTO BRANCO é o sinal de identidade da SHEAFFER'S *Lifetime* — garantida por toda a vida!

Jogo "STATESMAN" *Lifetime* com pena "*Feathertouch*" de ouro de 14 ks.

